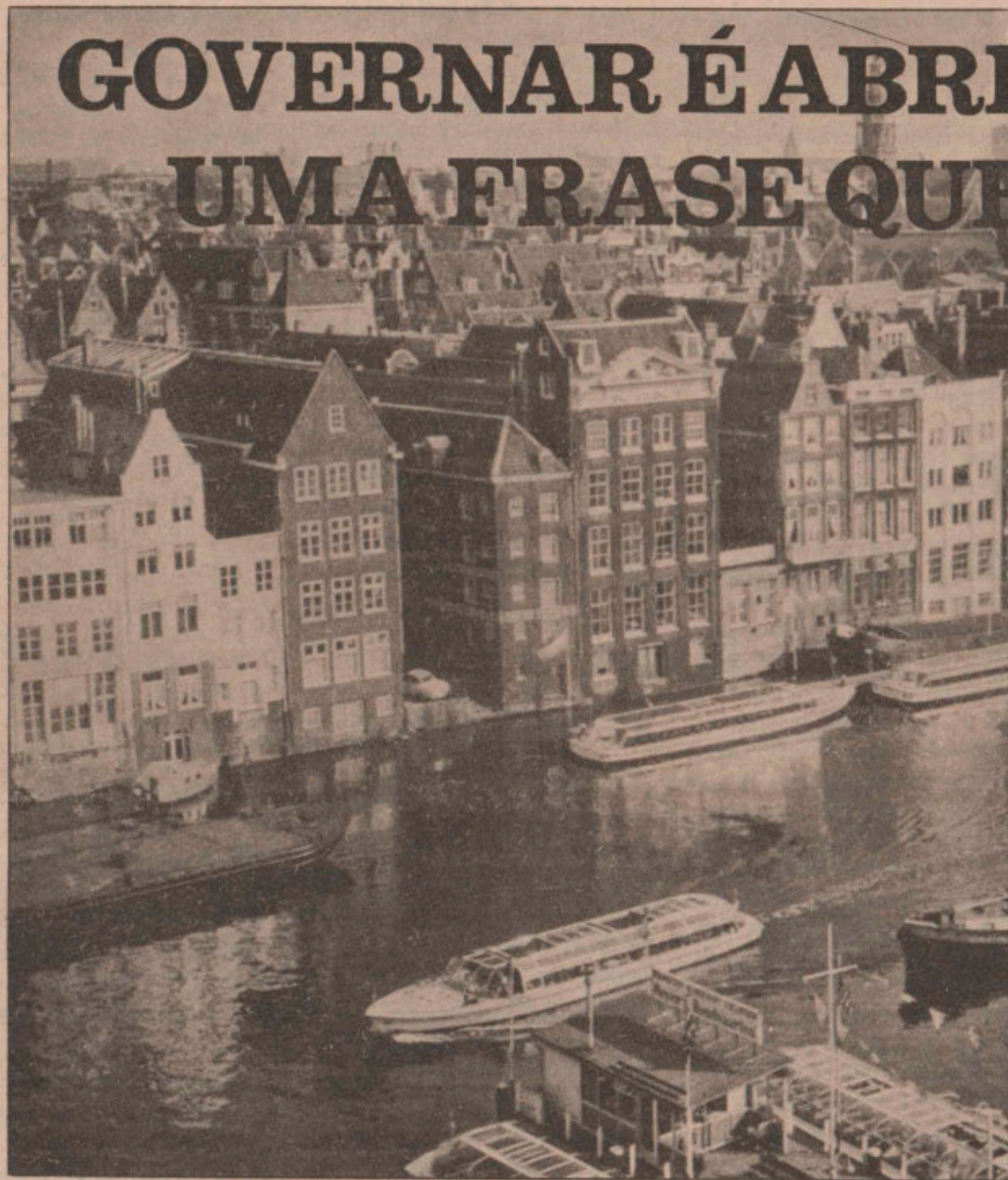




GOVERNAR É ABRIRE ESTRADAS: UMA FRASE QUE VIROU LEI



Amsterdã e seus movimentados canais navegáveis. Um prazer impossível de ser proporcionado por qualquer cidade brasileira, a exceção talvez de Recife, se quisesse realmente resolver seus problemas de transportes urbanos. Na página 17 desta edição estamos historiando a frase do sr. Washington Luiz Pereira de Souza, o último presidente da chamada República Velha, que passou a ser seguida mais ou menos a risca não só pelos presidentes que lhe sucederam como até por interventores e governadores dos Estados. Então, sob o efeito literal da frase, nossos administradores esqueceram ou fizeram questão de ignorar que hidrovia e ferrovia também são estradas. Planejaram suas administrações na base da rodovia, de nada adiantando os exemplos marcantes do mundo, notadamente Europa e Estados Unidos, para os quais o substantivo estrada engloba todo um vasto sistema de vias, podendo ser rodo, hidro, ferroviário ou marítimo.

COTRIJUI 1º LUGAR EM EXPORTAÇÃO

Numa relação feita pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil — CACEX — onde foram arroladas as 200 principais empresas exportadoras do País, no semestre, a COTRIJUI apareceu em primeiro lugar no Estado e em 20º lugar em todo o território nacional.

Ressaltou a CACEX em seu relatório discriminativo das 200, que o citado montante de empresas nacionais respondeu por 72% da receita cambial obtida com as vendas externas, ficando os 28% restantes divididos entre 5 mil outras empresas que negociam no mercado internacional.

Publicamos a nominata das firmas que mais se destacaram no comércio exterior neste primeiro semestre, até o 20º lugar, onde consta a COTRIJUI, sendo importante notar que a única em-

presa gaúcha a aparecer até o citado destaque é a própria COTRIJUI.

Cia. Vale do Rio Doce, Instituto do Açúcar e do Alcool (AA), Sanbra — Sociedade Algodoeira Nordeste Brasil S/A, Inter Continental do Café Ltda. Petróleo Brasileiro S/A — Petrobrás, Tristão Cia. Com. Exterior, Erminio Bozzo Com. Ind. Exp. S/A, Unicafé União Export. de Café S/A, Cia. Bras. Entrepoto Com. — Cobec, Petrobrás Com. Intern. S/A — Interbrás (incluindo a Brasporto), Stockler Com. e Export. de Café Ltda, Estovo Irmãos S/A Com. Ind., Cargil Agrícola S/A, Anderson Clayton S/A, Ind. e Com., Volkswagen do Brasil S/A, Cia. Cacique de Café Solúvel S/A, Exportadores Brasileiros de Café S/A, Procafé Com. Exterior Ltda, Philco Rádio e Televisão Ltda, COTRIJUI.

COTRIJUI RECOLHEU 100 MILHÕES DE ICM NO SEMESTRE

Soma superior a 100 milhões de cruzeiros novos foi recolhida pela COTRIJUI aos cofres do Estado, no período março/julho, ou seja, em cinco meses, apenas por tributos caracterizados na rubrica ICM. (Imposto de Circulação de Mercadorias).

É a seguinte a discriminação do tributo, por item de procedência:

Produtos Agrícolas	Cr\$ 75.659.488,90
Fábrica de óleo Ijuí	Cr\$ 3.719.782,09
Fábrica óleo R. Grande	Cr\$ 20.404.051,85
Departamento de Consumo ..	Cr\$ 1.116.263,66
TOTAL	Cr\$100.899.586,50



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre.
Caixa Postal, 111
IJUI - RS

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Dreus.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
vin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Biza-
rello, Flávio Sperotto e Reinholdo
Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Frie-
drich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann
e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua Floriano Peixoto, 559

Telefone: 2033

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa e

Acarí Amorim.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set no
DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS: CULPADOS OU INOCENTES

Recebemos, assinada pe-
lo engenheiro agrônomo Lysis
Aloé, diretor executivo da As-
sociação Nacional de Defensi-
vos Agrícolas (ANDEF):

Sr. Redator-chefe Com-
parecemos a presença de V.S.
para tecer alguns comentários
sobre a matéria "Defensivos
agrícolas: culpados ou inocen-
tes", de autoria do eng. agr.
Luiz Volney Mattos Viau.

O que surpreendeu é que
o mesmo é constituído de uma
montagem entre uma e outras
chamadas do autor, de partes
da palestra proferida pelo dr.
Waldemar Ferreira de Almeida,
diretor da Divisão de Biologia
Animal do Instituto Biológico
de São Paulo, por ocasião do
Seminário da Fecotriga realiza-
do em Passo Fundo nos dias 7,
8 e 9 de março do corrente ano
(Aspectos Toxicológicos Agu-
dos e Crônicos nas Intoxica-
ções por Pesticidas). Natural-
mente, a surpresa consistiu no
fator de o autor não ter feito
citações do conteúdo empres-
tado.

No que concerne ao re-
ceituário agrônomo, somos
contrários exatamente pela ma-
neira como tem sido introduzi-
do, segundo exposição do cole-
ga Heider Campanaro, da
AENORGS, por ocasião do III
Congresso de Engenheiros
Agrônomos, realizado em Por-
to Alegre em 28 de julho de
1976.

O processo explanado é o
seguinte: na região de Santa
Rosa, Giruá, etc., onde está
pioneiramente sendo adotado,
o que ocorre é tão somente o
agricultor indo ao agrônomo,
dizendo que sua lavoura está
sendo atacada por pragas e ou-
tros organismos nocivos, em
vista do que recebe um recei-
tuário do agrônomo com a in-
dicação dos produtos que deve-
rão ser usados. Todavia, o re-
ceitante não tem condições de
ir ao campo para verificar qual
praga, inseto ou outro agente
predador está agindo em prejuí-
zo da cultura em questão.

Por outro lado, um fator
nunca levado em consideração
pelos defensores do receituário
agrônomo é no que toca à ca-
pacitação especializada do "re-
ceitante", ou seja, treinamento
inicial e reciclagem periódica.

Já no que diz respeito à
educação do uso dos defensivos
agrícolas, finalmente encontra-

mos um ponto em comum no
artigo em questão com a posi-
ção que defendemos, qual seja,
quando diz que a preocupação
quanto ao trabalho de educa-
ção e treinamento da classe ru-
ral "deverá ser de toda uma co-
munidade, de todo aquele indi-
víduo que está direta ou indire-
tamente ligado à agricultura".

Mesmo porque, acredi-
tando que o ponto-chave da
questão se encontre neste as-
pecto, nossa Associação tem
como uma de suas principais
frentes de trabalho a Campa-
nha de Uso Adequado dos De-
fensivos Agrícolas, já tendo
participado em promoção con-
junta com o Ministério da Agri-
cultura - além de outros ór-
gãos - nos Estados de São Pau-
lo, Rio Grande do Sul e Paraná.

Para seu conhecimento,
juntamos à presente algumas
peças gráficas que atuaram co-
mo material de apoio às camp-
anhas acima referidas, através
das quais atingimos a um públi-
co diretamente interessado de
mais de 79.250 pessoas, cons-
tituído de feitores, administra-
dores de fazenda, professores e
sindicatários rurais, médicos de
centros de saúde, biólogos,
agrônomos regionais, etc, gra-
ças a um esquema de palestras
e reuniões (500), cartas circula-
res (14.480) e cursos (1.552).

Assim sendo, Sr. Editor,
externamos a V.Sa. nossa posi-
ção quanto ao artigo publicado
no COTRIJORNAL, no mês de
junho p.p. Aproveitamos o en-
sejo para manifestar a V.Sa. a
nossa disponibilidade em cola-
borar, quando necessário, com
qualquer aspecto que venha a
se tornar oportuno. Atenciosa-
mente, eng. agr. Lysis Aloé, di-
retor-executivo.

N. da R. - Levamos ao
seu conhecimento que o eng.
agr. Luiz Volney Mattos Viau
endereçou correspondências a
V.S. e ao dr. Waldemar Ferreira
de Almeida, em data de 16 de
agosto, onde dá todos os escla-
recimentos levantados em sua
correspondência e expõe idéias
a propósito do assunto.

BELO HORIZONTE

Senhor redator.

Através do Banco Nacio-
nal de Crédito Cooperativo to-
mamos conhecimento do CO-
TRIJORNAL. Estando esta Se-
cretaria empenhada em progra-
mações voltadas para amplia-
ção de oportunidades de em-

pregos, gostaríamos de ter aces-
so a esse jornal. Atenciosamen-
te. Edna Helena de Souza, dire-
tora do Departamento de Tra-
balho da Secretaria de Estado
do Trabalho e Ação Social, de
Minas Gerais. Rua Bento Gon-
çalves Dias, 1434, 11º andar,
Belo Horizonte, Minas Gerais.

PELOTAS

Prezado redator.

Esta tem a finalidade de
solicitar-lhe a inclusão de meu
nome no rol dos assinantes do
COTRIJORNAL. Pedimos a
gentileza de remeter para a rua
Santa Cruz, 1585, Pelotas, jun-
tando informações sobre o pa-
gamento. Atenciosamente, Ival-
do dos Santos.

CACHOEIRA DO SUL

Prezado diretor.

Tendo em mãos o exce-
lente exemplar de julho, ressal-
tou-nos o interesse pelo artigo
O Ph na Cultura da Soja. Como
infelizmente não conseguimos
o referido trabalho, solicito o
obsequio de remeter-me um
exemplar, pelo que agradeço.
Tilmo Rojani da Silva, Manah
Comércio e Indústria, Centro

Administrativo de Vendas, Ca-
choeira do Sul.

N. da R. - Agradecemos
as referências e providenciamos
os pedidos. Quanto a pagamen-
to, comunicamos que o CO-
TRIJORNAL lhes é oferecido a
título de relações públicas pela
COTRIJUI.

PORTO ALEGRE

Sr. Redator:

Para quem acompanhou
a distância as comemorações
dos vinte anos da COTRIJUI,
foi gratificante receber em se-
guida a edição especial do CO-
TRIJORNAL. Ex-funcionária
da cooperativa, pude rever nas
páginas do nº 43 muitas das
coisas e pessoas com as quais ti-
nha contato diário. Felicito-o,
bem como aos demais integran-
tes da equipe do COTRIJOR-
NAL, pela qualidade e objetivo
de seu conteúdo, o que já deixa
de ser novidade. E espero con-
tinuar recebendo, mensalmente
o meu exemplar.

Eva Machado dos Reis,
Rua Voluntários da Pátria, 451
Importadora Karst - 90.000 -
PORTO ALEGRE - RS.

COLETA DESCENTRALIZADA DE CORRESPONDÊNCIA

No último mês de agosto, a agência de Ijuí da Empresa
Brasileira de Correios e Telégrafos, ampliou de 5 para 9 o
número de caixas coletoras de correspondência, visando
descentralizar essa prestação de serviços. Foram instaladas
caixas, em agosto, nos seguintes locais: FIDENE, Superpos-
to Petrobrás - BR-285, Supermercado Cometa e COTRI-
JUI, em frente ao supermercado. Segundo o gerente da
EBCT em Ijuí, Suarez Campello, os usuários encontrarão
postos de venda de selos junto a estes locais, com o que
terão facilitada a expedição de sua correspondência.

A gerência também adiantou que ao fazer uso de uma
destas caixas coletoras, o remetente dispõe dos mesmos
serviços da agência, pois que a correspondência ali deposi-
tada é recolhida diariamente e enviada a seu destinatário.



A MARAVILHOSA SAGA DA AGRICULTURA

Assunto exaustivamente discutido nos últimos tempos, a propalada inflação a partir dos produtos agrícolas é um tema que merece continuar sendo analisado até a busca, se possível, de seus detalhes. De nossa parte, conscientizados de que só os frutos do agro rendem subsídios profícuos e duradouros, proporcionando bem-estar seguro ao homem e dando tranquilidade às nações, continuaremos dando nossa parcela de esclarecimento, na esperança de que produza efeitos, por mínimos que venham a ser.

O que não nos parece ser admissível é que pessoas detentoras de cargos de responsabilidade, e as vezes até ostentando títulos de autoridade, insistam em atribuir à agricultura, impulsos inflacionários. De como o produtor rural, que cria uma riqueza; gera, através do seu trabalho, uma produção que antes não existia, senão na semente que foi multiplicada, pode ser acoimado de inflacionista? Sem dúvida é difícil de explicar e impossível de entender.

Pois raciocínios de tal teor tem sido difundidos, inclusive a nível de autoridades financeiras. Permitam-nos esses técnicos e essas autoridades, que discordemos. Dizer que possa a agricultura ser causa motivadora de inflação é uma heresia.

A agricultura é o fruto sagrado da mãe terra, que com maior ou menor abundância, renova-se a cada ano, a cada nova safra. Não fora a agricultura, com a benesse de seus frutos, que transfere sua própria seiva para suprir as necessidades do homem, talvez este não chegasse a existir. É certo que não existiria nas condições de conforto e bem-estar que hoje lhe são característicos.

Sem agricultura, o homem teria pouca diferenciação de seus irmãos irracionais da linha dos herbívoros. Equivale dizer que esse ser orgulhoso chamado homem, cuja impetuosidade e empáfia torna-o capaz de levar à morte e destruição milhões de outros animais e até os de sua própria espécie por meras questões de crença religiosa ou interesse econômico, sem o agro, regressaria à Era primária quando sua aparência física e condições de sobrevivência eram idênticas aos macacos.

Por mais que cresça o seu engenho, o homem deverá sempre a seus irmãos do

passado a invenção da agricultura. E não se surpreendam com a afirmação "invenção da agricultura", porque ela realmente existiu. Segundo os naturalistas e arqueólogos, o início de atividades agrícolas em tempos pré-históricos não representou apenas a invenção de técnicas para cultivar plantas ou manter animais domésticos, mas exigiu também a transformação de espécies silvestres que sobreviviam sob condições naturais e foram "domesticadas".

Essa transformação hereditária conseguida por nossos antepassados longínquos, é de grande interesse para a genética como também para análise da agricultura à luz dos fatores econômicos.

A SOJA E O CONFISCO CAMBIAL

Se é defensável o argumento de que o Governo não tinha outro recurso em sua luta para conter a inflação, senão impondo o confisco cambial à soja exportada, já não ocorre o mesmo com relação ao período de vigência desse mesmo confisco. Imposto a 23 de março, quando a cotação internacional da soja atingia mais de 320 dólares a tonelada, o confisco de 7% foi bem digerido. Depois, com a soja em suba constante (chegou a ultrapassar os 400 dólares a tonelada), o confisco foi estradulado para 12%. Ai então, apareceram os primeiros problemas de comercialização.

Mais ou menos coincidentemente com a fixação do confisco em 12%, a cotação do produto começou a baixar. E de queda em queda, ante o crescente nervosismo do produtor, caiu a níveis impraticáveis para a comercialização.

Tivesse o Governo a visão de acompanhar o aviltamento da cotação da soja com a consequente redução dos percentuais do confisco, e o produtor teria tido tempo de fechar negócios a preços ainda compensadores.

Lamentavelmente, isso não aconteceu. E o atraso na extinção do confisco decretou a paralisação das vendas. Foi um mal para o produtor em particular e um mal para a Nação como um todo, exatamente numa época que o País necessita exportar e estava com o mercado internacional à feição.

AGRICULTURA E COMÉRCIO EXTERIOR

Ao final do mês de julho a balança comercial brasileira registrou um saldo positivo da ordem de 110 milhões de dólares, resultado da exportação de produtos no total de um bilhão e 20 milhões de dólares, para 910 milhões de dólares importados. Segundo as estatísticas da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, julho foi o terceiro mês consecutivo em que o desempenho de nosso comércio exterior apresentou soma superavitária. Essa performance do trimestre maio-junho-julho proporcionou ao País um saldo acumulado no decorrer de 1977, de 352 milhões e 859 mil dólares.

Segundo o ministro da Fazenda, sr. Mário Henrique Simonsen, as vendas brasileira ao exterior somaram US\$ 7.225.690 mil, assim divididos: produtos primários, US\$ 4.637.651 mil; semimanufaturados US\$ 573.498 mil e manufaturados, US\$ 2.014.631 mil. Ressaltou o Ministro da Fazenda que em termos percentuais, comparados com igual período de 1976, esses números indicaram crescimento de 46,11% no setor primário; de 16% no de semimanufaturados e de 26,29% no de manufaturados. No total, as exportações brasileiras cresceram 36%.

Conforme pode-se constatar pela manipulação dos algarismos, o setor primário, quer dizer, a agricultura e pecuária, continuam sendo os grandes suportes financeiros deste País, não só a nível de suprimento interno como também garantindo o lastro em divisas para o intercâmbio internacional.

AS MULTINACIONAIS FATIGADAS! SERÁ A VEZ DO COOPERATIVISMO?

De acordo com pesquisa realizada pelo departamento econômico da McGraw-Hill Publications, de Nova Iorque, as empresas norte-americanas que mantêm negócios no exterior não pretendem aumentar substancialmente os seus investimentos fora, pelo menos em prazo curto. Conforme a verificação da pesquisa, com a aplicação de investimentos da ordem de 22 bilhões de dólares de capital durante este ano, o valor representa apenas 7% sobre os níveis de 1976, isso ainda sem considerar a inflação.

A informação foi tornada pública a 19 de agosto, através de despacho da Associated Press, acrescentando que "na realidade os investimentos norte-americanos no exterior deverão reduzir-se em relação ao ano fiscal findo, considerando-se um fator inflacionário mundial de mais de 8% no período". Ressalta a nota, no entanto, que pelo menos aparentemente, as perspectivas para 1978 seriam melhores. Já para a revista "Fortune", que circulou em agosto, "as empresas multinacionais norte-americanas mostram sinais, ainda incipientes, porém de irreversível decadência".

Sanford Rose, autor do artigo em "Fortune", disse que as "circunstâncias especiais que levaram ao avanço da maioria das multinacionais norte-americanas — em particular, a hegemonia industrial e política dos Estados Unidos no pós-guerra, já desapareceram há algum tempo". Mas advertiu que a perspectiva de declínio não atinge as transnacionais da mineração e extração de petróleo nem as de tecnologia sofisticada. Estas, segundo Rose, têm excelentes condições de enfrentar a competição crescente de companhias locais ou para convencer os governos de que seus servi-

ços não podem ser dispensados. Já as outras, e dentre elas as automobilísticas, enfrentam horizontes incertos.

Como fatores comprovantes da análise, Rose cita um estudo da Universidade de Virginia, segundo o qual, de 1971 a 1975, foram vendidas 1.359 subsidiárias norte-americanas, o que representa 10% do total de filiais dos EUA no exterior. E é interessante notar que a maior parte destas transferências ocorreu na Europa e não por hostilidades dos respectivos governos mas devido a uma "rentabilidade inadequada".

Mas o fenômeno, que os analistas de investimentos multinacionais chamam de "maré vazante", não tem significado uma redução na capacidade destas companhias de gerarem lucros. A medida que o cenário internacional se complicou e cresceu a competição com outras multinacionais — privadas ou estatais — as grandes corporações norte-americanas procuraram adaptar-se para poderem continuar crescendo financeiramente. Um dos efeitos dessa tendência tem sido o aumento do poder interno dos executivos, no sentido de reduzir os custos. Essa política de redução de custos para ampliar a geração de lucros, foi analisada num dos últimos números da revista especializada em economia, a "Business Week".

Parece que não resta dúvida. O mundo, aos poucos vai estudando fórmulas para livrar-se do pagamento de "royalties" e da constante remessa de lucros para "Wall Street". Conseguirá? Só o futuro poderá responder. De qualquer forma, é possível antecipar que se o mundo persistir numa política de estruturação a nível cooperativista, suas chances serão infinitamente maiores.

O LUCRO DOS BANCOS NORTE-AMERICANOS

Segundo pesquisa realizada pelo semanário econômico "Business Week", o lucro dos 40 maiores bancos norte-americanos cresceu, em média, 12%, no segundo trimestre do ano e 11% nos primeiros seis meses, em comparação com igual período do ano passado. A percentagem, assinala a revista, é inferior a média de aumento nos lucros das 865 maiores indústrias do País.

O "City Bank" continuou mantendo a posição de banco mais lucrativo dos Estados Unidos. Embora no semestre tenha registrado um aumento de apenas 3% sobre o mes-

mo período de 1976, acumulou em termos absolutos, um lucro de 200,2 milhões de dólares. Já entre os 10 maiores bancos em volume de depósitos ficou o "Bankers Trust, também de Nova Iorque, com lucro de 27 milhões de dólares, na metade do ano.

Para os diversos setores econômicos os resultados obtidos no segundo trimestre foram considerados bastante positivos por "Business Week". A taxa de retorno sobre as vendas, por exemplo, foi a maior registrada desde o último trimestre de 1974, conforme ressaltam as estatísticas mais recentes.

ARGENTINA VÊ COM OTIMISMO MERCADO PARA CARNES

Há boas perspectivas para as exportações de carne bovina do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Pelo menos é o que acha o presidente da Associação das Indústrias Argentinas de Carnes, Alberto de Las Carreras, pois afirma que já está havendo uma recuperação dos volumes comercializados no mercado mundial, com reflexos também nos preços.

Carreras ainda explica que essa reação do mercado é um reflexo da redução do rebanho bovino mundial, devido à recessão iniciada em 1974. Ele não vê maiores perspectivas para colocação de carne no Mercado Comum Europeu, de-

vido à situação econômica recessiva da maioria dos países daquela área.

No entanto, Carreras adianta que as melhores possibilidades estão nos Estados Unidos — o maior comprador mundial. Segundo ele, devido à seca na costa Oeste dos Estados Unidos, os norte-americanos intensificaram os abates, reduzindo com isso seus rebanhos. "Assim que forem consumidos os estoques de carnes resultantes daqueles abates, haverá uma reação do mercado, o que viabilizará exportações em maior escala de carne (industrializada) brasileira, argentina e uruguaia", acredita Carreras.

AMERICANOS TENTARÃO FUNDO PARA O AÇÚCAR

Os Estados Unidos vão propor, na próxima reunião entre países produtores e consumidores de açúcar, a ser realizada no final deste mês em Genebra, a criação de um fundo internacional para o produto, a exemplo do que está sendo discutido para o café.

Embora a idéia tenha encontrado restrições entre alguns países consumidores, co-

mo o Japão e Canadá, há possibilidades do fundo ser formado. Os recursos para a sua criação, segundo a proposta norte-americana, seriam repartidos entre os países consumidores e produtores. Cada um dos lados financiaria o custo de manutenção dos estoques, que compreende o custo de armazenagem, rotação da produção e juros de financiamento.

IRÃ QUER DESENVOLVER INDÚSTRIA

Nos últimos 30 meses o Irã desembolsou sete bilhões de dólares no exterior, a título de investimentos e a uida a organizações e países. Segundo fonte de Teerã, capital do país, os investimentos se dirigem para onde se possa explorar tecnologia para desenvolver o potencial industrial iraniano. Essas participações

ainda garantirão fornecimentos a preços vantajosos, desde produtos siderúrgicos às máquinas para indústria têxtil, dos adubos aos aparelhos eletrônicos, do papel às instalações petrolíferas, do cobre às sementes oleaginosas. Os investimentos mais vultosos ocorreram nas indústrias Fiat (italiana) e Krupp (alemã).



O SESQUICENTENÁRIO DO DIÁRIO DE PORTO ALEGRE

O ano de 1977 assinala o sesquicentenário da imprensa no Rio Grande do Sul. As comemorações da efeméride, que começaram a 1º de junho, data de circulação do "Diário de Porto Alegre", o primeiro jornal a circular no Estado, através de promoções organizadas pela Associação Riograndense de Imprensa e Museu de Imprensa "Hipólito da Costa", estender-se-ão por todo o restante do ano.

Dentre os atos mais significativos do sesquicentenário da imprensa gaúcha, há a assinalar o lançamento do selo "Diário de Porto Alegre" pela Casa da Moeda e distribuído pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT).

O selo, cujo desenho estampamos, foi criado por Waldemiro Puntar, chefe da seção de desenhos da Casa da Moeda. O motivo é um chumbo de composição em linotipo, com o título do jornal sobre um fundo amarelado tendendo para laranja.

O "Diário de Porto Alegre", conforme ressaltamos em nossa edição que circulou no mês de junho, saiu da tipografia Rio-Grandense, sendo feita por dois franceses — Dubreuil e Estivalet — tendo como diretor de redação o jornalista Loureiro de Castro Júnior.



IMPrensa AGRÍCOLA DO ESTADO FAZ 80 ANOS

O Suplemento Rural do "Correio do Povo", em sua edição que circulou a 12 de agosto último, deu destaque à fundação da imprensa agrícola no Estado, que completou 80 anos de existência a 31 de julho. O órgão pioneiro foi a "Revista Agrícola do Rio Grande do Sul", editada na cidade de Pelotas, cujo primeiro número veio a lume no ano de 1897.

Esse pioneirismo pelotense no jornalismo agrícola não deve causar surpresa, uma vez que foi também Pelotas que introduziu o ensino da agronomia no Rio Grande do Sul (o Lyceu Rio-Grandense de Agronomia), hoje Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, ali pelo ano de 1883.

Disse o "Correio do Povo" que por muitos anos a "Revista Agrícola" circulou no Estado, divulgando artigos que se estendiam desde a lavoura à criação de gado e à ciência e a indústria rurais.

A revista, dirigida pelo dr. Nunes Vieira, contava em sua equipe de colaboradores com nomes como o de G. Minssen (suíço), F. Araújo, Emilio Leão, o saudoso Vaz Bento, M. F. Gueyrand, entre outros acatados articulistas, todos professores da Agronomia.

ENCONTRO DE COMUNICADORES COOPERATIVISTAS EM RECIFE

Nos últimos anos a comunicação passou a ser utilizada no meio cooperativista, principalmente nas regiões Sul e Centro Sul do País. Inúmeras atividades surgiram neste campo, como jornais, revistas, programas radiofônicos e televisivos, audiovisuais, pacotes educativos, produção de material didático e outros com números de experiências. Mas, na sua maioria, continuam isolados ao âmbito restrito de sua área de ação.

Com esta justificativa, o Departamento de Comunicação da Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste — ASSOCENE, elaborou o I Seminário de Comunicação Cooperativista que será realizado entre os dias 10 a 12 de setembro corrente em Recife.

Durante o seminário serão debatidos assuntos que visam divulgar a situação e as condições da comunicação cooperativista no Brasil; firmar a posição do técnico em comuni-

cação junto às Cooperativas, entidades públicas e privadas, além da troca de experiências em feitura de programas de educação, jornais e revistas sobre cooperativismo.

Integrantes de quase todos os jornais e revistas das cooperativas do País estarão presentes nesse seminário. O Cotrijornal estará representado pelo redator responsável, Raul Quevedo, que segue dia 8 para Recife, viajando após para Fortaleza.

LANÇADO O CONCURSO ARI DE JORNALISMO

Em duas solenidades distintas, foram lançados dia 24 último os Prêmios ARI de Jornalismo — 1977 e o Prêmio de Reportagem Brigada Militar — 1977, destinados a premiar os melhores trabalhos jornalísticos veiculados através dos jornais, rádio e televisão. Os Prêmios ARI de Jornalismo, em sua 14ª edição, distribuição Cr\$ 77 mil entre sete categorias diferentes, através de trabalhos divulgados no período de 1º de dezembro de 1976 a 30 de novembro de 1977.

O presidente da Caixa Econômica Estadual, Luiz Augusto Bastian de Carvalho, falando na oportunidade, lembrou que a instituição tem patrocinado o concurso desde a sua primeira edição, em 1964, salientando que a continuidade do patrocínio não é feita com intuítos promocionais, "mas significando um reconhecimento e um estímulo à imprensa gaúcha do Governo do Estado, através da Caixa". Já o presidente da ARI (Associação Riograndense de Imprensa), Alberto André, destacou a importância da promoção, "que se constitui no maior concurso jornalístico do Rio Grande do Sul, obtendo, anualmente, uma participação expressiva dos profissionais que atuam nas diferentes áreas da comunicação social".

Alberto André lembrou, também, algumas mudanças introduzidas no regulamento do con-

curso, visando o seu aperfeiçoamento e o aumento do valor total dos prêmios de Cr\$ 44 mil, no ano passado, para Cr\$ 77 mil, na atual edição. Os Prêmios ARI de Jornalismo são os seguintes: Reportagem — 1º) Cr\$ 10 mil; 2º) Cr\$ 7 mil; 3º) Cr\$ 4 mil. Reportagem Esportiva — 1º) Cr\$ 6 mil; 2º) Cr\$ 4 mil. Crônica — 1º) Cr\$ 6 mil; 2º) Cr\$ 4 mil. Fotografia — 1º) Cr\$ 6 mil; 2º) Cr\$ 4 mil. Charge — 1º) Cr\$ 6 mil. Rádio — 1º) Cr\$ 6 mil; 2º) Cr\$ 4 mil. Televisão — 1º) Cr\$ 6 mil; 2º) Cr\$ 4 mil.

O Prêmio de Reportagem Brigada Militar vai atribuir um total de Cr\$ 34 mil aos melhores trabalhos jornalísticos sobre as atividades e os assuntos da Corporação, em todo o Estado, no policiamento, Corpo de Bombeiros, guarda-vidas, ensino, história e instrução da tropa, divulgados entre 1º de novembro de 1976 e 31 de outubro de 1977. Serão atribuídos os seguintes prêmios: Cr\$ 6 mil (1º lugar) e Cr\$ 3 mil (2º lugar) para reportagens publicadas em jornais da capital; Cr\$ 5 mil (1º) e Cr\$ 2 mil (2º), para os trabalhos em jornais do interior; Cr\$ 4 mil (1º) e Cr\$ 2 mil (2º), para o rádio; Cr\$ 4 mil (1º) e Cr\$ 2 mil (2º), para a televisão; Cr\$ 4 mil (1º) e Cr\$ 2 mil (2º), para a melhor fotografia. Juntamente com o prêmio em dinheiro, todos os participantes receberão diplomas alusivos, com o nome e a colocação obtida no concurso.

CARTA DE MANAUS

A conclusão da XI Conferência Nacional de Jornalistas, encerrada dia 27 em Manaus, teve como item principal a luta contra a censura no rádio e na televisão. O documento subscrito pelos conferencistas, sob o nome Carta de Manaus, observa que foram analisadas, principalmente, as limitações decorrentes do desrespeito a direitos assegurados em Lei para o exercício do jornalismo.

ADJORI PROMOVEU XIII SEMINÁRIO

A Associação dos Diretores de Jornais do Interior — ADJORI, promoveu com a participação da Associação Riograndense de Imprensa e da PUC, o XIII Seminário de Jornalismo do Interior do Estado.

O tema escolhido pa-

ra debate e busca de solução, foi o relacionado com a circulação dos jornais associados. A ADJORI é presidida pelo jornalista Prudente Rocha, diretor do jornal "Diário Serrano", da cidade de Cruz Alta, e "O Expresso" de Sta. Maria.

CLASSES

Luis Fernando VERISSIMO

As classes se dividem em alta, média e baixa. Esta é a chamada pirâmide social. Parece com as pirâmides do Egito, só que, enquanto aquelas foram construídas com trabalho escravo, hoje existe o INPS. Os sociólogos e os teóricos do marquetchim não ficam nesta grosseira simplificação, no entanto, e subdividem as classes com mais precisão. Assim, não existem apenas as classes A, B e C. Existem a AA, a AB, a AB com piscina, a AC, a BA, a BB (com cartão de crédito ou sem cartão de crédito), a BC, etc. E há muito a C deixou de ser a base da pirâmide. Já tem gente que sonha em subir na vida para ser, um dia, classe baixa. E da mesma maneira que a glória de um astrônomo é descobrir um novo planeta, a glória de um cientista social é poder anunciar que descobriu uma nova classe:

— Descobri a Classe J! Descobri a Classe J!

Impossível. Está provado que não há vida além da Classe I. Onde você descobriu?

— Morando em baixo de uma ponte.

— Então é HC ou, no máximo, IA.

Mas estes estavam dentro do rio.

Como num folhetim antigo.

— Não podemos continuar nos encontrando assim, Rubenval.

— Mas Marilda...

— O nosso amor não tem futuro. Eu não devia estar aqui. Se papai soubesse...

— O que seu pai tem contra mim, afinal?

— É que você é classe média baixa e nós somos classe média alta.

— Marilda...

— Não daria certo. Vivemos em mundos diferentes. Nossos cigarros, nossos carros, nossa água de colônia...

— O amor não conhece fronteiras.

— Sim, sim, mas você usa terno brilhoso e gravata fina. Papai tem razão.

— Diga para o seu pai que eu estou estudando inglês.

— O que?!

— Sim, breve serei classe média-média.

— Oh, querido. Vamos logo falar com papai. Tenho certeza que ele perdoará até o seu relógio apenas semi-automático.

— Mas antes...

— Sim?

— Um beijo.

— Oh!

— É um assalto. Passa a grana.

— Eu, eu...

— Ah, desculpe. Eu não tinha visto.

— O que?

— Você é classe F.

— Não. Perdão. Classe D. Estou meio desprevenido no momento mas sou D. De lei.

— Pra cima de mim, malandro? Se você é D eu sou a Cristina Onassis. Vai em frente. Eu não assalto F.

— Olha aqui. Eu tenho uns trocados.

— Já disse que não quero.

— Faça questão.

— Te manda.

— Você está me insultando.

— Não me dê esse dinheiro ou eu atiro!

Não foi o Rubem Braga quem disse que num avião existem duas classe primeira e a última? Antigamente, nos transatlânticos, era pior. Havia até uma terceira classe e, suspeitava-se, mais duas ou três abaixo da terceira e da linha da água.

— Capitão, há muitas reclamações na quinta classe.

— Que tipo de reclamações?

— Estão insatisfeitos com o tratamento.

— A estes preços, eles esperavam o que?

— Eles compreendem que o tratamento não pode ser igual ao das primeiras classes, mas acham que está havendo um exagero.

— Bobagem. Diga para eles ficarem quietos e continuarem a remar.

O pai de Marilda examina Rubenval de alto a baixo. Calças de bainha larga, será que ele não sabe que isso já saiu de moda? E os cabelos compridos ainda. Lamentável. Mas Marilda ama o rapaz e o pai de Marilda sabe que intransigência paterna é coisa da classe BB para baixo.

Resolve testar Rubenval.

— Diga a palavra "problema".

— Problema.

Ainda bem, pensa o pai. Se tivesse dito "pobremla" sairia daqui a pontapé.

— Loção de barba?

— "Lobo", de Petain.

— Mude para "Tigre", de Marat. Carro?

— Um 1.300.

— Filha minha não entra em menos que Passat.

— Só caso depois de trocar de carro. Prometo.

— Cuecas justas ou tipo "short"?

— Justas.

— Eu perguntei para ele, Marilda.

— Desculpe.

— Justas, doutor.

— Um uisque.

— Ahn... "Passeport"

— Passa.

— Madame, temos informação segura de que há um D infiltrado na festa.

— Não!

— Fique calma, por favor Tentaremos localizá-lo. O principal, nesta altura, é que não haja pânico entre os convidados.

— Aquele ali, aquele ali.

— Onde?

— Aquele que comeu o canapé de caviar e depois lambeu os dedos. É ele!

— Madame, aquele é o embaixador.

— Pronto, minha filha, pronto. Você não pode dizer que eu não avisei.

— Oh, papai. Nunca pensei que o Rubenval faria uma coisa dessas comigo. Estou tão envergonhada!

Pois eu tinha certeza que ele ia aparecer no altar de alpaca azul marinho. Ainda bem que conseguimos interromper a cerimônia a tempo. Agora você e sua mãe vão passar uns dias em Bariloche até que tudo se acalme.

E Marilda...

— Sim?

— Da próxima vez, escolha um classe alta baixa, ou um classe média alta. Nunca um classe média baixa.

— Mas ele me jurou que era ascendente!

MEMÓRIA VISUAL

Raul QUEVEDO

No Brasil, "tombar" é tomado ao pé da letra. É deitar no chão, é derrubar, fazer cair. A variante do verbo, que é transitivo: fazer o tombo, arrolar, inventariar, registrar, esta não é considerada.

O Suplemento de Turismo do jornal "O Estado de S. Paulo", em sua edição de 5 de agosto, denuncia ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com farta documentação fotográfica, o tombamento no sentido vernacular real, de verdadeiros patrimônios das arquiteturas barroca, colonial e jesuítica nacional.

O jornal registrou a matéria com base em depoimento do geólogo francês Michel Humbert, técnico enviado pela UNESCO para observar o que se convencionou chamar de memória visual pela arquitetura. Sobre o que o especialista viu ficou observado na seguinte frase: "Sobre os monumentos históricos que visitei no Nordeste, a única coisa que posso dizer é que suas situações são, no mínimo, deploráveis". Se o geólogo visitasse com o mesmo objetivo "territórios históricos" nas demais regiões do País, o desfecho não seria diferente. Nós mesmos temos o exemplo das ruínas jesuíticas de Santo Ângelo, a 70 quilômetros de Ijuí.

A nossa intenção, ao focalizar o fato, é relacionar o descaso com que encaramos a história na atualidade, com deploráveis exemplos do passado.

Relendo um exemplar da extinta revista "Eu Sei Tudo", edição de abril de 1939, o redator deparou com um triste exemplo de jornalismo ignorante e predatório em relação à História. A revista, à página 25 da citada edição, reportando-se a uma notícia ilustrada remetida da França, sob o título "O culto das velharias", criticava a preocupação dos franceses em manter intocadas ruas inteiras edificadas com prédios de até três séculos de existência.

A revista mostrava duas fotos de aspectos da rua Des Rondes, na histórica cidade de Renonges (verdadeiras obras-primas da arquitetura medieval, com a seguinte introdução textual: "ruas sórdidas, sem estéticas, sem o menor valor histórico ou de arte, conservadas como relíquias apenas porque são antigas". E a seguir, a interpretação do redator: "aqui, em nossa terra (no Brasil) de luz, independência e aversão a preconceitos, felizmente são raros os que se extasiavam ou fingem extasiar-se diante de aleijões arquitetônicos, mostrengos de escultura ou detalhes banalíssimos a pretexto de que são coloniais, contêm dois ou três séculos".

E prosseguia o redator na sua desastrosa peroração: "na Europa, essa bobagem vai a cúmulo inimagináveis e a consequências de pascar. Vejam esses dois aspectos de uma rua de Renonges, pequena cidade no vale do Ain. Qualquer artista ou higienista dotado de elementar bom senso decretaria picareta imediata para esses pardieiros. Mas o Governo francês, ao contrário, atendendo a requerimento da Comissão de Defesa dos Aspectos Antigos da França, ainda decretou sua restauração".

Parece incrível que alguém, dotado dos meios para informar e formar a opinião pública, se tenha empenhado em tão ingrata quão deseducativa tarefa. Teria o articulista o intuito de defender interesses inconfessáveis, como por exemplo, a intenção de edificar algum "espigão" da época no local de prédio ou monumento histórico? Ou seria um simples e mero ignorante?

O texto não tinha assinatura mas a revista era dirigida por um tal Gratuliano Brito e circulava em seu 22º ano, em papel "couché" de muito boa qualidade...

Hoje, quando os historiadores, sociólogos, arquitetos e jornalistas cultos lamentam estar o País transformado numa selva de arquitetura estilo "espigão" e praticamente sem memória visual, é o caso de lamentarmos que a própria imprensa do passado não se tenha preocupado em resguardar para as gerações de hoje os tesouros históricos representados pela arquitetura nas diferentes épocas.



SACCO E VANZETTI: PUNIDOS POR SUAS IDÉIAS



Algemados, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, pouco antes de ter sido decretada a sentença, em foto de 9 de abril de 1927. Conforme a História finalmente veio provar, eram inocentes.



O juiz Webster Thayer. Seria um assassino consciente, oculto sob a toga do magistrado?

O COTRIJORNAL que circulou em abril de 1975 focalizou matéria de pesquisa sobre a tragédia Sacco e Vanzetti, cujas execuções na cadeira elétrica a 23 de agosto de 1927 traumatizaram o mundo civilizado. As dúvidas com relação a culpa dos acusados eram sólidas, mas só as autoridades do País e em especial o juiz Webster Thayer não as admitiam. Assim, apesar dos protestos do mundo inteiro, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, dois imigrantes italianos, após um pretenso julgamento que durou sete anos, foram eletrocutados em Boston. O fanático juiz Webster Thayer e as autoridades do País, a começar pelo governador de Massachusetts, Tufts Fuller e o próprio presidente dos Estados Unidos, suspiraram com alívio. Mas a Nação, através de seus intelectuais, patriotas e cidadãos em geral, chegou a conclusão a partir daquele momento que uma Pátria, uma Nação, só é digna de honra e respeito quando estabelece em relação a si mesma um paradigma de proteção e defesa que atinja a todos os seus concidadãos, indistintamente. As dúvidas sobre a culpa dos condenados ficaram pendentes de resposta; eram, na verdade, muito sólidas. De sorte que, quando o carrasco ligou a chave da morte, fazendo descarregar os milhares de volts nos corpos dos executados, todos os cidadãos honestos dos Estados Unidos sentiram que também morreram um pouco naquele dia.

NAÇÃO RETRATA-SE: ERAM INOCENTES

Passaram-se 50 anos desde que a mão do carrasco, coberta com a bandeira de 50 estrelas dos Estados Unidos, ligou o comutador da morte, silenciando para sempre os acusados. Mas pessoas dignas ficaram e batalharam para reabilitar os inocentes da nódoa maldita.

Esse dia chegou a 19 de julho último. O atual governador do estado de Massachusetts unidade da Federação que serviu de palco ao triste acontecimento, assinou proclamação onde diz que Sacco e Vanzetti, não tiveram um julgamento justo e imparcial. Vincenza Vanzetti, irmã de Bartolomeo, agora com 74 anos de idade e que sempre lutou no sentido de reabilitar a memória dos condenados, recordou em Roma, ao saber da notícia, as últimas palavras ditas por seu irmão à beira do cadafalso: "Em nenhum lugar da Terra ou do céu não há nada que possa fazer com que a verdade não seja a verdade".

Sem dúvida. O juiz Webster Thayer, o governador Fuller e o presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge, mancomunaram-se para trair a justiça. Mas para vergonha de seus descendentes, não conseguiram trair a História. Esta acaba sempre por cobrar o débito de seus devedores. Hoje, a consciência livre dos homens do mundo in-

teiro deve saber que Niccola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram punidos por suas idéias.

OS CASOS HAUPTMANN E ROSEMBERG

A retração da justiça norte-americana no Caso Sacco e Vanzetti, coloca-a no banco dos réus. Os casos Bruno Hauptmann e Julius e Ethel Rosenberg, sem dúvida, vão ser movimentados dos arquivos.

Vamos por parte. Bruno Richard Hauptmann, imigrante alemão que vivia em Nova Iorque, foi acusado de raptar e assassinar o filho do piloto Charles Lindbergh. Apesar da insuficiência de provas e de seus clamores de inocência, foi executado a 2 de abril de 1936 na penitenciária de Trenton.

Dias antes de morrer e já numa cela do corredor da morte, escreveu uma carta à sua mãe, que nunca chegou ao destino. Só em abril deste ano (Correio do Povo de 3 de abril) graças a pesquisa feita no arquivo particular do diretor do presídio pelo jornal "Daily News", seu conteúdo foi conhecido. Um resumo da mesma, segundo foi publicado pelo jornal portogalês consolidou sérias dúvidas a respeito da culpa do executado.

No ano de 1953, Julius e Ethel Rosenberg foram eletrocutados na prisão de Sing Sing,

pelo suposto crime de terem entregue segredos atômicos aos russos. Tanto quanto os outros executados analisados nesta pesquisa, eles afirmaram e reafirmaram inocência, além de não haver provas contundentes contra os mesmos. O juiz do caso, Irving Kaufmann, era tão radical e fanático quanto Webster Thayer, o assassino de Sacco e Vanzetti.

Passaram-se 23 anos. Em setembro do ano passado, professores de Direito da Universidade de Harvard e de outras faculdades enviaram documento às comissões de Justiça do Senado e da Câmara para que investigassem a conduta do juiz federal que atuou no caso.

O pedido, feito pelo professor Vern Countryman, de Harvard, a frente de 81 juristas de todo o País, diz que "documentos fornecidos pelo FBI levantaram sérias dúvidas sobre a conduta de Kaufmann durante a após o julgamento.

Aí estão dois casos que em suas respectivas épocas apaixonaram o mundo, quase tanto quanto a execução de Sacco e Vanzetti, pendentes ainda de um esclarecimento imparcial, mas que a consciência coletiva da humanidade ainda espera em benefício da História em seu veredito final. Esta, é as vezes sem pressa, mas acaba sempre desnudando o véu sagrado da verdade.



Bruno Hauptmann, executado em 1936, morreu jurando inocência.

O CAVALO

Segundo JOÃO DO SUL

Apoiado sobre quatro colunas de patas — esguias e fortes — a cabeça levantada, como para enxergar o infinito. Crinas esvoaçando ao sopro gelado do minuano que passa assobiando, vindo dos confins da Patagônia. As ventas dilatadas à procura do cheiro característico de alguma égua em estado de cio, lá está, no topo da coxilha, sua majestade o cavalo!

É um magnífico exemplar garanhão.

Regula ter em torno de dez palmos de altura. É preto, com as quatro patas brancas até à altura das articulações. Uma faixa, também branca, desce do alto da cabeça em linha uniforme, até a ponta do focinho. É, conforme a qualificação de pelagem usada no linguajar gauchesco, um autêntico picaço.

Do alto da coxilha ele controla a manada.

Olha os campos em frente, que se estendem levemente ondulados, num atapetado verde que não tem fim. De quando em vez fixa os olhos negros para o alto, não se sabe se por mero impulso ou para prevenir-se de algum perigo imaginário vindo do espaço. O restante da tropilha — éguas de cria, potrancas de sobre-ano e matungos de montaria — pasteja indiferente ao longo da planície que se estende abaixo.

Um monarca pampeano.

É um exemplar Crioulo, mas parece transparecer, da própria estampa, a síntese de todas as raças. Tem no porte retilíneo e esguio, na altivez instantânea da arrancada e no sangue aparente através de vasos grossos à flor da pele, a aparência clássica do Árabe. Já a leveza do andar dansarino, o corpo alongado, precedido por peitorais de excepcional estrutura, insinua um Mangalarga. Mas a potência do andar, que pisa com manotações de extremada violência, lembra a rusticidade de um Percheron inglês.

Na expressão característica do gaúcho, é um verdadeiro flete. . .

Nada mais belo do que o cavalo no seu habitat campesino. É ele o símbolo redivivo da força e da velocidade: da valentia e da audácia que não encontra êmulo em nenhum outro animal.

Simboliza o próprio homem na sua ânsia de vitórias.

Quem não viu um cavalo à brida, campo fora; ou na extensão da cancha-reta, manotação a manotação, resfolegando como se quisesse tragar pelas narinas arfantes todos os demônios imagináveis, não sabe o que é desejo de vitória, o que é necessidade de vencer. . . Só o homem, esse animal racional, encerra no próprio peito os mesmos anseios de conquistas. Deve ser por isso mesmo que os gaúchos tauras de antigamente, davam-se tão bem com os cavalos.



SANTO ÂNGELO É DESTAQUE NO SEGUNDO PROJETO CULTUR

A partir do próximo dia 28, a bonita cidade de Santo Ângelo, a Capital Missioneira, estará vivendo dias de intensa vibração cultural, ao reviver seu passado na caracterização do folclore em festa. É o Projeto Cultur, em sua segunda versão, que neste ano vai de 28 de setembro a 15 de novembro, este ano com algumas modificações em relação ao ano passado, determinadas pela Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

A arte plástica foi substituída pela música e ao folclore, teatro e literatura, foram acrescentados maiores detalhes. Na parte do folclore, que se desenvolve em Santo Ângelo, já está confirmada a presença de conferencistas de vários Estados, inclusive do Uruguai, além de diversas apresentações artísticas.

Da capital do Uruguai foi convidado o professor Galaporri para falar sobre as mudanças de hábito do gaúcho; e sobre a importância do folclore no desenvolvimento do turismo está confirmada a presença do conferencista paulista Rabçal. Para comentar sobre

danças típicas do Amazonas, o coordenador do projeto Cultur, Darwin Sazanna convidou Mario Ipiranga Monteiro, de Manaus.

Uma vez que o principal objetivo do projeto Cultur é distribuir cultura e proporcionar um intercâmbio entre os conferencistas de outros Estados e países, para a fase do folclore, Darwin e sua equipe resolveu mostrar, desta feita, as manifestações folclóricas catarinenses, com a palestra de Doralécio Soares, que será acompanhada das apresentações do grupo "Boi de Mamão de Itacorumbi", além das encenações de casa em casa do grupo "Cantorias da Bandeira do Divino". Na oportunidade estarão presentes duas mulheres rendeiras e um oleiro para mostrar ao público seus trabalhos.

Se as palestras e demonstrações do folclore catarinense estarão acrescentando dados às manifestações folclóricas do projeto Cultur, as apresentações artísticas também somarão detalhes para a cultura e divertimento do público. Para tanto, o "Ba-

lê Brandsen", de Buenos Aires, e o grupo folclórico internacional "Os gaúchos" entre outras manifestações artísticas, estarão se apresentando em Santo Ângelo.

Entretanto, para Santa Maria o Projeto destinou as palestras e apresentações teatrais, que serão feitas de 12 a 15 de outubro. Para tanto está confirmada a presença de Patricia Stokoe de Buenos Aires, bem como a encenação de peças gaúchas que foram sucesso nessa temporada, além de outros grupos teatrais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Para as fases de literatura e música, a serem desenvolvidas, respectivamente, em Porto Alegre, de 24 a 29 de outubro e em Caxias do Sul, entre os dias 11 e 15 de novembro, o coordenador do Projeto Cultur garante para a primeira fase a apresentação do "Quinteto Harmonial de Recife" e do grupo Renascentista de Minas Gerais. E, dos 25 escritores de outros Estados estão certas as presenças de Nélida Piñon e Lígia Teles, entre outros, para discutir literatura.

QUEM LEMBROU O DIA DO FOLCLORE?

Criado pela Lei nº 6.736, de setembro de 1974, o Dia do Folclore é uma conquista de quantos se interessam neste Estado pelas coisas da tradição e da própria História do Rio Grande do Sul, tão rica em acontecimentos reais ou imaginários, mas todos eles dignos de figurar nas enciclopédias do conhecimento humano. Infelizmente, apesar de estar amparado em Lei, pouca coisa se faz pela preservação dos belos costumes de nossos antepassados. A não ser nos Centros de Tradição ou em horários matutinos, quando as crianças ainda dormem, é que se pode ouvir a boa música e tomar conhecimento dos fastos do folclore e das

tradições, em algumas de nossas rádio-emissoras, principalmente as do interior.

Agora mesmo, a 22 de agosto, comemorou-se o Dia do Folclore. No entanto ele passou despercebido para a maioria do público, que passou esse mesmo dia sendo obrigado a ouvir os histéricos e estridentes sons norte-americanos, importados a peso de dólar de nossas minguadas divisas.

Não fora os jornais, a "Zero Hora" de Porto Alegre e o "Diário Popular" de Pelotas, que deram destaque de manchete a efeméride, além de algumas emissoras que o registraram, e a data teria passado sem registro.

COSTUMES

OS SANTOS CASAMENTEIROS



No interior do Brasil, invocando Santo Antônio nas noites de 23 para 24 de junho, as moças em idade de casamento costumam submeter-se à provas pitorescas na tentativa de prever se casam ainda no decorrer do ano, se o casamento vai dar certo, etc. Na Espanha as moças invocam São José, pai adotivo de Jesus e padroeiro da Igreja Universal, por ato de Pio IX, cuja

festa transcorre a 19 de março. Na gravura elas aparecem tentando a sorte, se possível, e S. José olhar para baixo, marido rico e bonito. De preferência mais rico do que bonito, pois conforme diz antigo ditado, beleza não põe mesa.

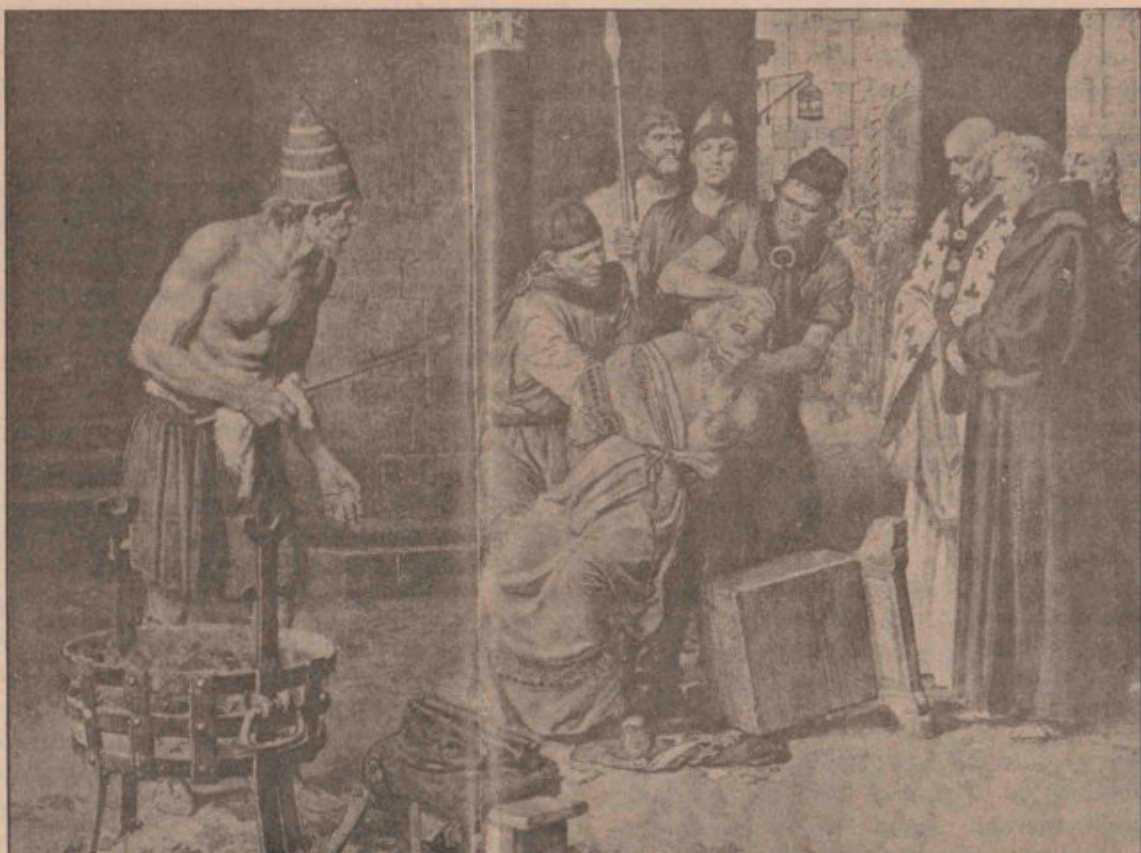
Parece que de todos os costumes universais, esse do casamento é o mais romântico e pitoresco.

NAMORO NA PORTEIRA



Moça que se prezasse só namorava na sala, sob os olhares atentos dos pais ou de irmãos devidamente orientados para a tarefa. Mas estes, sem dúvida, sujeitavam-se ao qualificativo pejorativo de "doce de pêra". As vezes, umas balinhas oferecidas "inteligentemente" pelo namorado, distraia o incômodo espião, com o que se proporcionava a oportunidade de, pelo menos, um agarrar de mão. Na maioria das vezes, nem isso. O que sobrava era o adeus da despedida, as vezes na porteira, quando um pouco afastados dos circunstantes, podia acontecer um trançar de dedos, aqui tão bem caracterizado pelo uruguaio Federico Reilly, conforme aparece em Pilchas Criollas, do historiador Fernando Assunção.

OS HORRORES DA INQUISIÇÃO



Na defesa de seus dogmas ou interesses políticos e econômicos, a Igreja usou sempre de duas "verdades". Dependendo de circunstâncias, a beleza — símbolo da própria divindade — era o bem. As vezes, no entanto, esta indetificava o mal. Principalmente durante o período negro da Inquisição na Europa, que os historiadores chamam de a "noite dos séculos", o nefasto processo

foi bastante difundido pelos Torquemadas que lotavam os conventos desde Portugal até a Polónia. Na gravura aparece um desses dantescos "exorcismos" da Idade Média. O fanático Odo, arcebispo de Cantorbry, mandou queimar com ferro em brasa as faces da rainha Elgiva, para destruir a beleza com que ela perturbava o coração do rei Edgard.

UM CAVALO BEM FERRADO



Pela ferradura se conhece o capricho do ferreiro. Essa frase, muito usada até há poucos anos passados em algumas regiões do nosso interior, pretendia expressar a importância que o gaúcho dava ao seu cavalo. Mais do que um costume, numa época de pura tração animal, o cavalo bem ferrado e aperado, demonstrava também o capricho do seu dono. Então, ferreiro que ferrava bem, tinha freguesia garantida. São tão raras hoje, as ferrarias. Quem lembra delas? A fotografia foi tirada na Alemanha, onde também as ferrarias são também e cada vez, mais raras. Conforme diz "Impressões da Alemanha", o ferreiro é um profissional sem sucessores.

ORIGEM E EVOLUÇÃO

Pouco se conhece do cooperativismo, a nível mundial. Geralmente, quando se começam os poucos ensaios de análise do sistema, a base do enfoque parte de 1843, quando os tecelões de Rochdale fundaram o primeiro armazém-cooperativa, que tanta irritação causou nos empresários ingleses da época. Achamos que o assunto cooperativismo, principalmente nos dias que correm, é muito importante. Devemos conhecê-lo melhor.

Por ocasião da passagem do Dia Internacional do Cooperativismo, na primeira semana de julho, a Rádio Guaíba levou ao ar mensagem escrita pelo professor Antonio Chiarello. O Informativo OCERGS de agosto último publicou-o, o que também fazemos nesta página, para que nossos associados conheçam mais sobre o cooperativismo no mundo.

"Depois que passara o Mercantilismo, envolto em sua coroa metálica de ouro e prata; depois que a doutrina Fisiocrática, baseada no primado da terra, desaparecera como que mergulhada no ventre da terra; depois que a Escola Clássica, com seu liberalismo esquecido do homem, também passara a velha Europa, emersa no vendaval ideológico da Revolução Francesa e imersa no vendaval ideológico provocado pela Revolução Industrial, atravessa, em meados do século 19, sérios problemas sociais.

No fim do século anterior, Montgolfier conquistava os ares com seu balão de ar. Em 1808, o americano Fulton fazia o primeiro barco a vapor sulcar as águas do Hudson. Em 1814, o inglês Stephenson construía a primeira locomotiva. Era uma radical reforma no sistema de comunicações e transporte.

Demonstrando a aplicabilidade prática da máquina a vapor nas fábricas, Watt introduziu também uma reforma profunda na indústria. E Artwright, inventando o tear mecânico, subtraiu a fabricação e a arte do tecido do artesanato domiciliar, concentrando esses trabalhos dentro das fábricas. Assim, a mecanização da indústria, ao mesmo tempo que gerava a formação das classes assalariadas, gerava o desemprego em massa e, conseqüentemente, a miséria coletiva e o desajustamento social.

Essa intranquilidade social foi um campo fértil para a pregação de ideólogos e doutrinadores de correntes radicais e revolucionárias. Stuart Mill encerrava o ciclo da Escola Clássica, adicionando-lhe a presença do elemento humano e propugnando por uma "justiça social". Mas, no mesmo ano em que publicou seus "Princípios", 1848, Marx e Engels lançavam o seu "Manifesto", pregando a luta de classes. E quase todos os países da Europa viram-se a braços com desordens e revoluções, que em nada contribuíram para resolver as sérias questões sociais, antes as aprofundaram e agravaram.

Houve homens, no entanto, que procuraram enfrentar os problemas de forma prática e pacífica. Um deles, o industrial inglês Robert Owen, tomou a iniciativa de dar aos seus operários melhores condições de trabalho e de vida, organizando-os, inclusive, numa associação para compras em comum. A sua "aldeia-fábrica" de New Lamark transformou-se, segundo diz um historiador, num "oásis de paz social e felicidade".

Outros mais buscariam fórmulas para corrigir os desníveis sociais da nova estrutura que a Revolução Industrial criara. William King, com as suas "union Shops", Charles Fourier, Louis Blanc e tantos outros que, visionários ou não, fizeram suas tentativas precursoras como as de Robert Owen.

Mas os que deveriam encontrar a fórmula por assim dizer mágica, não seriam, como bem disse o notável cooperativista argentino Repetto, "nem doutores, nem engenheiros, nem sequer procuradores, profissões que, na época, tinham sensível importância".

Os que a encontraram foram 28 rudes tecelões de mãos calejadas, de Rochdale, Inglaterra, que, sofrendo o aviltamento dos salários diante da mão-de-obra excedente ou enfrentando o desemprego, reuniram-se, segundo conta Holyoake, "numa tarde úmida, sombria e triste de novembro", do ano de 1843, para debater as suas dificuldades.

Sob a inspiração de um deles, Howarth, um simples curtidor que fora discípulo de Robert Owen, organizaram um novo sistema de vida, a primeira associação baseada no cooperativismo puro.

Durante um ano inteiro, submeteram-se a privações, economizando pequenas parcelas do seus baixos salários. E a 21 de dezembro de 1844, havendo economizado uma libra esterlina cada um, formalizaram a sua sociedade, com o capital inicial de 28 libras, e inauguraram o seu famoso armazém de "Zoad Lane", o "Beco do Sapo".

Dessa forma, os 28 tecelões ingleses, entre eles uma mulher — Anne Tweedale — imortalizaram-se como os "pioneiros de Rochdale". O sucesso da iniciativa solidarista dos tecelões de Rochdale, que se uniram para comprar em conjunto os bens para seu sustento, derivou de um conjunto de princípios que, de um modo geral, fundamentam ainda hoje o movimento cooperativista em todo o mundo.

Foram estes os seus princípios: adesão livre e espontânea; absoluta neutralidade política e religiosa; prática da democracia pura, onde uma pessoa, qualquer que fosse a sua posição social e econômica, não representava mais que um só voto; eliminação do lucro mercantil, com a

devolução das sobras proporcionalmente às operações de cada um; retribuição ao capital com juros limitados; vendas à vista dos bens de consumo; fomento à educação para preparar as gerações futuras e garantir a continuidade do sistema.

Esses postulados adotados naquela organização pioneira de um cooperativismo de consumo, foram mais tarde corporificados e sistematizados pela chamada Escola de Nimes, que teve em Charles Gide o grande doutrinador — talvez o maior de todo o cooperativismo universal.

E logo o movimento extrapolou o sistema de distribuição e consumo para os sistemas de produção, de crédito, de educação, de serviços — enfim, de todos os meios de vida, partindo da premissa enunciada pelo próprio Gide, de que "para todo o problema econômico, há uma solução cooperativista". Atravessando todas as crises de economia mundial, sobrevivendo às mais terríveis guerras, o Cooperativismo, verdadeira "revolução pacífica em ação", na expressão feliz de Warbasse, transformou-se numa poderosa corrente universal, que se estende hoje a todas as latitudes e a todos os ramos da atividade humana. Dificilmente existirá algum país onde o sistema não tenha sido já implantado. Em muitos deles tornou-se mesmo a vigia mestra de sua vida econômica, como por exemplo na Dinamarca, onde, segundo o testemunho de Frederik Howe, o cooperativismo "constitui não apenas parte, mas a própria estrutura da nação".

Na verdade, em pouco mais de meio século, aquele tênue filete que partiu do modesto embrião rochdaliano veio desembocar num estuário gigantesco, que conjuga no mundo milhões de cooperativas com centenas de milhões de associados, cujos ideais básicos são ainda os mesmos dos 28 tecelões ingleses.

Cumpriu-se, na realidade, o vaticínio de Charles Gide, que dizia confiante: "Não haverá breve, aldeia nem vila que não tenha a sua cooperativa, assim como nenhuma deixa de ter a sua sub-intendência, a sua escola e a sua igreja".

Foi na virada deste século que o ideal cooperativista chegou ao Brasil para ficar. Abstraindo tentativas frustradas e visionárias, feitas, duas no Paraná e uma em Pernambuco, o privilégio do pioneirismo bem sucedido pertence ao Rio Grande do Sul. Foi o padre Théodore Amstadt quem fundou, em 1902, as Caixas Rurais, nos moldes das Caixas Raiffeisen, em Nova Petrópolis, a primeira de uma série de dezenas, que congregam, hoje, milhares de associados.

Quem viajar de Nova Petrópolis em direção a Gramado poderá ver, à margem direita da estrada, num singelo monumento, a homenagem perpetuada à memória do padre Amstadt, o verdadeiro pioneiro do cooperativismo no Brasil.

DO SISTEMA NO MUNDO

Assim como o sistema de poupança e de crédito no regime cooperativo nasceu aqui nas zonas de colonização européia, também lá surgiram as cooperativas de produção. Os imigrantes conheciam já o sistema de suas terras de origem, e foi por isso que se desenvolveram as Caixas Rurais na região alemã. Faltava, no entanto, entre os colonizadores italianos alguém que os organizasse.

Contratado pelo Ministério da Agricultura, veio então da Itália um líder cooperativista que, além de conhecedor do sistema, era um primoroso orador, que podia esclarecer aos viticultores da região serrana no próprio idioma que eles haviam trazido da origem. Poucos dias depois de sua chegada, o Dr. De Stéfano Paternó já organizava os lombardos, vênnetos e tirolezes da Vila Nova e lá iniciou o seu trabalho, viajando pelas colônias, pelas vilas, pelas pequenas cidades do distante ano de 1911 — falando, doutrinando, escrevendo, debatendo e, acima de tudo, organizando. Em pouco tempo, fundou naquela região, nada menos que sete cooperativas agrícolas, com capacidade para vinificar toda a safra vinícola e comercializar todos os demais produtos coloniais da época.

Foram as cooperativas, idealizadas, fundadas e organizadas por homens como Paternó, Silvio Rangel, Fábio Luz, Monteiro de Barros e outros, que consolidaram a economia de produção primária da região colonial, preparando as bases de sua hoje poderosa agro-indústria.

Pode-se dizer que foi também o cooperativismo que deu bases sólidas à triticultura rio-grandense. Apesar do estímulo oficial, a cultura do trigo enfrentava, há alguns anos atrás, sérias dificuldades, especialmente na sua comercialização, tumultuada, ainda, em determinado período pela chamada "fraude do trigo papel".

Surgidas as primeiras cooperativas tritícolas por volta de 1950, elas se reuniram oito anos depois, em Santa Maria, fundando a sua Federação, a Fecotriga. Foi ela que conseguiu disciplinar e resolver os problemas de comercialização das safras e foi de sua luta que surgiu a Portaria nº 820, de 22 de novembro de 1962, que garante, através da CTRIN, do Banco do Brasil, a compra estatal do trigo. Hoje a Fecotriga abriga dezenas de cooperativas, com mais de 100.000 associados, possui equipes próprias de técnicos, executa pesquisas em laboratórios e centenas de experiências e tem condições de prestar assistência completa aos cooperativados de suas filiais.

Da mesma forma, cooperativas isoladas apresentam estruturas capazes de dar a mais completa cobertura aos seus integrantes. Uma delas, por exemplo, a COTRIJUI, mantém 52 engenheiros-agrônomo, médicos-veterinários e técnicos rurais, para prestar assistência a mais de 14.000 associados. Faz-lhes suprimentos de insumos e bens de consumo, dispõe de moderna e ampla rede de armazenagem graneleira, além de terminais de exportação; atua na indústria de óleos vegetais e ainda investe em planos de colo-

nização, numa área de 400.000 hectares na Amazônia. A atuação das cooperativas dos plantadores de soja vem tendo, para a expansão dessa lavoura, a mesma importância decisiva que tiveram as tritícolas, quando das crises enfrentadas pelos triticultores. Além de toda a assistência que lhes oferecem, proporcionam, ainda, aos seus associados a tranquilidade da opção nos preços de suas safras: ou pela armazenagem para esperar preços melhores; ou pelo preço corrente no dia da entrega; ou por um preço médio.

Não são de menor importância no conjunto da produção agrícola, as cooperativas de arroz. Integradas dentro de sua Federação, a Fearroz, todas as 32 cooperativas do Estado representam 70 por cento dos produtores de arroz. A comercialização feita através da Federação é, no entanto, de apenas 24 por cento da produção, porque, para essa função existe um órgão estatal, o IRGA — Instituto Riograndense do Arroz. Mas as cooperativas rizícolas, pela sua Fearroz, possuem inegável poder político-econômico, que transparece nas lutas em defesa da classe, além de oferecerem aos seus milhares de filiados a mais completa assistência.

No setor da pecuária, igualmente é um fator vital a presença do cooperativismo. Em 1945, o Rio Grande do Sul produzia 11 milhões de quilos de lãs sarnosas, heterogêneas e inferiores, segundo o testemunho do líder cooperativista da época, Fernando C. Riet. Hoje, graças ao trabalho dos técnicos, mas também a orientação e ao interesse das cooperativas, a nossa produção sobe a cerca de 35 milhões de quilos de lãs saneadas e perfeitamente definidas em suas finuras e qualidades. Dessa produção, 27 milhões de quilos, ao redor, portanto, de 80 por cento, são processados por intermédio das cooperativas de lãs, que são 20, congregadas na Fecolã, com quase 20.000 produtores.

E as cooperativas estão partindo já para o segundo estágio, com seus projetos de instalação de lavanderias e fábricas de "tops".

Ainda no setor da pecuária, no que se refere ao abate de bovinos, é interessante notar que, das 776.770 cabeças abatidas na safra de 1975, 319.820, correspondentes a 41,17 por cento — quase a metade foram de cooperativas de carnes, cabendo aos frigoríficos os restantes 58,83 por cento.

Poder-se-ia ainda falar na força do cooperativismo na produção suinícola, avícola, nas culturas de erva-mate, do malte, de frutas, de hortigranjeiros, e assim por diante. Ou nas 18 cooperativas de eletrificação rural, que se reuniram nestes últimos dias para protestar contra os cortes de verbas com que contavam para executar seu programa quadrienal, que atingiria 163 municípios do Estado, com 952 projetos. E, fora do setor da produção, a grande quantidade de coope-

rativas de consumo, de prestação de serviços, de construção, escolares, etc.

Numa rápida síntese, basta dizer: são, no Rio Grande do Sul mais de 420 cooperativas dos mais diversos tipos, com mais ou menos 300.000 associados, que representam ao redor de 2 milhões de habitantes — isto é, aproximadamente uma quarta parte da população gaúcha.

No IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo, há pouco realizado, os seus líderes reafirmaram, na "Carta de Gramado", os ideais pioneiros, mas justificaram que as cooperativas devem se expandir "em formas de integração vertical e horizontal". E assim, na verdade, estão fazendo.

As cooperativas de consumo cumprem seu papel de contestadores e reguladoras de preços, nas faixas de suas respectivas classes associadas. As cooperativas de produção, depois da primeira fase, em que recebiam os produtos dos filiados e ficavam esperando os compradores, passam, já agora, para uma fase mais agressiva: procuram os mercados, lutam pela comercialização, não só internamente, como nas brechas abertas na exportação. Algumas já pensam, até, em entendimentos com as suas congêneres dos mercados europeus, para aproveitarem as suas estruturas lá fora. Setores existem, no comércio, que as acusam de "gigantismo". Mas a verdade é que elas cumprem uma relevante função de progresso e equilíbrio social. Sem elas o Rio Grande do Sul não teria, por um lado, alcançado o atual estágio econômico; e, por outro lado, talvez o seu papel tivesse sido desempenhado pelo poder público, num processo de estatização que poderia ser menos ideal para o próprio comércio. Reunidas dentro da OCERGS — Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul — proporcionando aos seus 300 mil associados toda a sorte de assistência — orientação técnica, facilidade de crédito, bens de consumo, todos os tipos de insumos, transporte, armazenagem, prazos, preços, mercados, lucros — as cooperativas representaram e representam um fator imensurável no processo sócio-econômico do nosso Estado. Hoje, é até impossível imaginar o Rio Grande do Sul sem elas! E tudo fizeram mantendo-se fiéis aos princípios básicos que inspiraram os 28 tecelões "Pioneiros de Rochdale", há 134 anos atrás.

Os cooperativistas gaúchos de ontem e de hoje, confirmam, ao lado dos seus co-irmãos do mundo, a afirmação do grande doutrinador Charles Gide, sobre a idéia solidarista do cooperativismo. Referindo-se a ela, disse Gide "que não existe Constituição de nenhum império neste mundo que se tenha tornado mais sólida, mais duradoura e com maiores possibilidades de ser eterna".

EXPECTATIVA DE PREÇOS PARA A SOJA EM 1978

O estrangulamento na comercialização da soja este ano por consequência da adoção do confisco cambial, entre outras questões que travaram o andamento normal do processo, fazendo com que se tenha soja acumulada às vésperas do início de comercialização da soja norte-americana, acrescida da perspectiva bastante realista de crescimento da próxima safra da soja brasileira, está fazendo com que os analistas de produção e de mercado não esperem preços compensadores para a safra de 1977-1978.

É esperado um nível de preço internacional bastante inferior aos que estiveram vigentes no topo da alta deste ano. Segundo o especialista em soja da Comissão de Financiamento da Produção, William de Souza Jota, conforme divulgou o "Estado de S. Paulo", em sua edição de 7 de agosto último, o desenvolvimento normal da safra americana manterá o produto ao redor de 220 dólares a tonelada. No entanto, na hipótese bem provável de aumento da produção naquele País, os preços deverão se reduzir sensivelmente, com nível abaixo dos 200 dólares a tonelada.

William Jota explicou que "devido a essa situação de preços de grãos (ele analisou também o algodão e o milho), espera-se que nos Estados Unidos, principalmente, possa ocorrer um aumento da área plantada com soja na safra 1978/79, com efeitos sobre os preços internacionais, quando o Brasil iniciar a comercialização da próxima safra (1977/78). Caso as estimativas se confirmem, a receita brasileira de soja em 1978 deverá se situar em torno de US\$ 1,8 bilhão contra US\$ 2,2 bilhões estimados para 1977.

No caso de se confirmarem as perspectivas de preços baixos para a soja em 1978, o produto brasileiro pode se tornar gravoso, já que no porto o custo da soja brasileira atinge a Cr\$ 2.854,00/toneladas (US\$ 196 ao câmbio atual), enquanto a soja norte-americana custa, no porto, Cr\$ 2.713,11 a tonelada. Para tornar o produto brasileiro mais competitivo no mercado internacional, o governo deve tomar urgentes providências para reduzir os custos de comercialização, pois enquanto nos Estados Unidos essas despesas oneram o produto em apenas Cr\$ 110,00 por tonelada, no Brasil as despesas atingem a Cr\$ 863,65 por tonelada. Esse fator neutraliza a vantagem do produto brasileiro em termos de custo de produção. O agricultor norte-americano em comparação com o produtor brasileiro, gasta mais Cr\$ 612,00 para produzir uma tonelada de soja.

O IMPASSE DO MILHO

As perspectivas de exportação de milho em 1978, a preços favoráveis, não são satisfatórias. Os problemas de falta de competitividade, como a obrigação do governo de conceder um subsídio de 20% para viabilizar as exportações, poderão se repetir no próximo ano. O principal fator inibidor de preços são os crescentes estoques mundiais de grãos forrageiros (aveia, centeio, cevada, milho, sorgo).

TECNOCRACIA POSTA EM DÚVIDA

A tecnocracia, pelo menos aquela dedicada à busca de soluções para as setoriais da agricultura, teve seu modelo econômico discutido por um técnico. É o sr. Paulo Roberto Vianna, diretor-executivo da Comissão de Financiamento da Produção, que falando no início de agosto em Belo Horizonte, disse que os erros da política econômica "não devem ser debitados ao Governo, mas aos técnicos que lhe fornecem os diagnósticos e as propostas políticas.

Aliás, o ponto-de-vista expresso por Paulo Vianna na capital mineira, tem uma certa conotação com o que foi tornado público por outro tecnocrata da área governamental, o economista Rubens Vaz da Costa, que escreveu há alguns anos que "a política agrícola permanecia como um desafio aos planejadores do desenvolvimento".

PAULINELLI: NÃO FALTARÁ O CRÉDITO PARA CUSTEIO

"Temos que nos preocupar em produzir bem e em comercializar ainda melhor aquilo que produzimos", disse no último dia 18 o ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli, durante reunião com o Conselho Agrícola do Estado de São Paulo.

O Ministro reafirmou em São Paulo que, apesar da política de contenção financeira não faltará crédito para o custeio agrícola.

"Para as operações de custeio não haverá limite", teria enfatizado Alysson Paulinelli segundo destacou a "Gazeta Mercantil".

Paulinelli disse que apesar da participação da rede bancária privada, a tendência é de haver uma concentração dessas operações no Banco do Brasil, o que poderá gerar alguns problemas de operacionalidade.

Por isso ele recomenda que os agricultores não deixem para a última hora o encaminhamento de suas propostas de crédito.

O ministro acenou com a possibilidade de reativação de algumas linhas de crédito atingidas pelas medidas restritivas adotadas pelo governo, na medida em que o comportamento da economia o permitir. Ele disse mesmo que alguns remanejamentos já estão sendo possíveis.

O que, de certa forma teria amenizado um pouco para os produtores presentes, a ênfase que ele deu à necessidade da agricultura se tornar menos dependente de subsídios e mais ajustada à realidade do mercado. Paulinelli falou da gravosidade (preços no mercado interno superiores aos do mercado externo) do milho, do algodão e do ar-

roz, chegando a dramatizar, o que no caso desse último cereal o governo está em vias de ser obrigado a criar a "Arrozbrás".

Ele disse que o governo (através da CFP) está comprando sisal, e será fatalmente obrigado a comprar algodão, sorgo e milho. "É preciso muito cuidado — disse Paulinelli, em tom de advertência — senão o governo vai acabar estatizando a comercialização de muitos produtos".

Outra advertência feita pelo ministro, desta vez veladamente, teve como endereço os fabricantes de fertilizantes, defensivos e maquinaria agrícola. Foi quando ele falou da responsabilidade de São Paulo, como maior centro produtor de insumos agrícolas, dentro do atual esforço de contenção inflacionária.

LUCROS DO BANCO DO BRASIL NO SEMESTRE E REDUÇÃO DE JUROS

O balanço semestral do Banco do Brasil, encerrado a 30 de junho último, conforme foi divulgado na época pela imprensa, chegou a 11 bilhões, 8 milhões e 533 mil cruzeiros, no seu somatório bruto. Seu valor líquido, descontadas as provisões de reserva e o Imposto de Renda, foi de 4 bilhões, 178 milhões e 885 mil cruzeiros.

O lucro verificado proporcionará ao Banco conceder 18% ao ano de dividendos aos acionistas sobre o valor nominal das ações, num valor igual a 4,17 bilhões de cruzeiros.

Provavelmente tenha sido com base nesse excelente desempenho econômico-financeiro, que o Banco optou pela redução da faixa de juros em algumas linhas de crédito.

A nova safra de máquinas Singer está na Cotrijuí.

Apesar de serem as máquinas de costura mais maduras que você pode encontrar, elas não estão na Cotrijuí só para encher os seus olhos.

Elas estão lá para que você escolha uma e leve para sua mulher.

E dentro da sua casa, e nas mãos da sua mulher, as máquinas de costura Singer vão começar uma outra safra: de vestidos, calças, camisas.

E fácil costurar numa Singer, e ela faz de tudo: chuleia, caseia, prega botões, borda e até costura.

Para facilitar a sua escolha, a Cotrijuí estabeleceu preços mínimos sempre dentro da sua política de servir melhor ao associado. As máquinas Singer estão esperando para serem colhidas por você.

SINGER

Costurar é um ato de amor e poupança.

É A MARCHA PARA O NORTE



O presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, e esposa Marilda e o diretor de Operações, Euclides Casagrande, no primeiro plano, trocam idéias com o povo da comunidade de Brasil Novo, município de Altamira, sobre detalhes do Projeto, que agora entrou na fase de concretização.

A Cotrijui iniciou de forma efetiva, na metade do mês de agosto, o seu avanço rumo a região amazônica.

Com a assinatura do contrato para a construção de uma estrada em Altamira, ficou aberto o caminho para a transferência dos primeiros agricultores associados da Cotrijui.

Agora não ocorre mais a pergunta, sempre em tom de surpresa: "Cotrijui vai para Amazônia?". Aliás, como foram feitas quando se pensou em construir o terminal graneleiro do Rio Grande, ou a série de supermercados, lojas e armazéns em todos os municípios vizinhos.

A Cotrijui já se acostumou com iniciativas arrojadas. E os seus 15 mil associados, que formam a cooperativa, sentem e participam do valor dessas iniciativas, pois vêm para os seus próprios benefícios.

A transferência de agricultores associados, todos proprietários de áreas pequenas na região da Cotrijui, é um passo decisivo para melhores condições econômicas e sociais, como também será para os já residentes agricultores na região amazônica, que esperam ansiosos a chegada da Cotrijui, que por certo trará condições para o encontro das soluções dos seus inúmeros problemas. Uma espera confessada pelo próprio governador do Pará, Aloysio Chaves, quando da assinatura do contrato: "A vinda dos gaúchos será sobremaneira importante para o nosso Estado, pois virão para Altamira agricultores com sofisticada tecnologia e experiência no plantio de culturas permanentes, com a assistência da Cotrijui".

RECEPÇÃO

Os dirigentes da Cotrijui

foram recebidos de forma calorosa por estudantes do colégio da localidade de Brasil Novo, em Altamira, onde durante um desfile mostraram os diferentes produtos plantados na região, como a cana-de-açúcar, feijão, milho, arroz e café.

Em diversos locais da região, os dirigentes da Cotrijui também participaram de encontros com agricultores para informar-lhes da implantação do projeto, depois de terem assinado o contrato com o Governo do Pará, em Belém, que possibilitará recursos da ordem de 4 milhões para a construção da rodovia que terá uma extensão de 50 quilômetros.

Durante entrevista coletiva para a imprensa local, depois da volta da viagem, o vice-presidente Arnaldo Drews reafirmou as intenções da Cotrijui na Amazônia: "A nossa preocupação é econômica, também

social. Por isso, como prevê o projeto, vamos preservar 50 por cento das reservas florestais para manter o equilíbrio ecológico".

Arnaldo Drews esclareceu que ainda não está definido a data da transferência dos primeiros agricultores, pois a região antes terá que contar com todas as condições necessárias. Mas 35 agricultores associados

da Cotrijui estão visitando a região, aproveitando excursão organizada pela Cotrijui através da Turismo Bradesco. Esses associados, que também visitarão outras cidades do Norte e Nordeste, como Salvador, Belém e Manaus, deverão estar de volta no dia 18 do corrente. Em nossa próxima edição estaremos relatando no COTRIJORNAL os detalhes dessa viagem.

CÔCO BABAÇU E SUAS POTENCIALIDADES

As potencialidades do Norte, principalmente a região Amazônica, são incomensuráveis. A variedade de frutos da terra, tanto para consumo direto como principalmente para matéria-prima industrial, somam-se por centenas de títulos diferentes.

O côco babaçu, por exemplo, dissecado agora através de estudos desenvolvidos pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), vai passar a ser encarado como elemento motriz, pois suas propriedades, como produtor de álcool, são excelentes.

A SUDAM aprovou há pouco um projeto de aproveitamento integral do babaçu. Segundo a revista "Carta da Amazônia", editada pela BASA, o processo de aproveitamento industrial da fruta será dividido em vários fluxos, os quais objetivam a obtenção de diversos produtos e sub-produtos, como por exemplo: o óleo, a torta, as farinhas e seus resíduos; os produtos amiláceos pré-gelatinizados, o álcool a borra e o carvão.

A tecnologia adotada foi fruto de pesquisas do Instituto Nacional de Tecnologia, na parte referente aos amidos e álcool, e Instituto de Pesquisas Tecnológicas, na pesquisa do carvão.

Segundo afirmam os especialistas, o babaçu é uma espécie de boi vegetal, de onde

tudo se aproveita. O alcatrão da casca destilada; o gás pirolenhoso, capaz de substituir o gás liquefeito de petróleo; a palha para cobertura de casas, a madeira, entre outras utilidades e aproveitamento.

Pesquisas levantadas pelo Instituto de Tecnológico de São Paulo concluíram pelo aproveitamento do endocarpo do côco na produção de carvão e coque metalúrgico, além da conveniência de projetos integrados produtores de farinhas comestíveis, álcool, óleo e produtos amiláceos diversos.



De volta da viagem, o vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, concedeu entrevista coletiva à imprensa de Ijuí, para falar sobre o estágio do Projeto.

MOTORISTA MORRE POR NÃO USAR CINTO DE SEGURANÇA

O jornal "O Celeiro", do município de Três Passos, publicou em uma de suas últimas edições a seguinte trágica notícia:

"Na localidade de Tronqueiras, município de Miragui, um fuca de placas XL 0660, capotou causando a morte do motorista e ferimentos de gravidade no acompanhante. O morto, um garoto de apenas 14 anos, era Vilnar Abegg, filho de Natalício e Escile Abegg, residentes em Tenente Portela. O acompanhante, Valmir Wechter de Lima está em fase de recuperação.

Segundo testemunhas do trágico acidente, o menino entrou com velocidade em curva perigosa e não conseguiu vencê-la, capotando. Na primeira cambalhota do veículo, a porta abriu-se, e o garoto caiu fora, ficando esmagado sob o carro".

N. da R. — A notícia de "O Celeiro" termina aí. Mas a notícia do jornal era ilustrada com foto e mostrava que nem o motorista falecido nem seu acompanhante ferido, usavam cinto de segurança. Por essa razão, esta seção, que não tem a preocupação de noticiar mas de orientar, registra o lamentável acidente e expressa pêsames à família Abegg, enlutada pelo fatídico acontecimento. Que nos perdoem as pessoas sensatas e que há muito usam cinto de segurança. Mas, tendo em vista aquelas pessoas que insistem em não acreditar na eficácia do cinto, voltamos a repetir a gravura publicada na seção de Opinião da edição de agosto, na expectativa de que analisem com maior atenção o que acontece, em caso de impacto, para aqueles que não usam o cinto.

CIGARRO PROVOCA INCÊNDIO MATANDO QUARENTA E DOIS

No Estado do Tennessee, uma ponta de cigarro causou incêndio num presídio, matando 42 dos presos encarcerados. Um dos presidiários, Andy Zimmer, de 16 anos, incendiou sua cela usando cigarro no colchão. Em pouco tempo uma fumaça

intoxicante tomou conta de todo o andar, matando envenenados os prisioneiros.

Oito das 42 vítimas eram visitantes e advogados que se retiravam ou trabalhavam em processos no interior do presídio.

EMPRESAS E ACIDENTES DURANTE O TRABALHO

Todas as empresas que empreguem mais de 50 trabalhadores são obrigadas a manter comissões internas de prevenção de acidentes (CIPAS), com representantes de empregados e empregador. Anteriormente, apenas as empresas que mantinham mais de 100 empregados estavam sujeitas a essa obrigatoriedade.

Além da redução do número de empregados para justificar a CIPAS, foram introduzidas outras inovações pelo Ministério do Trabalho para dimi-

nuir os acidentes. Foi estabelecido um escalonamento no número de representantes do empregador e dos empregados, de acordo com o número de operários. Os representantes das CIPAS serão membros da representação do empregador, antes eles eram indicados pelo empregador e não faziam parte da representação. Outra novidade é a criação do cargo de vice-presidente da CIPA, a ser eleito pela representação dos empregados.

Eu era um valente motorista. No asfalto, não baixava de 100. Um dia me encontrei de frente com outro valente motorista. O impacto somou 200. Agora "vivo" aqui.



MOMENTO DO IMPACTO



0,026 de segundo: os pára-choques são amassados e a frenagem, na área do motorista, representa uma força correspondente a trinta vezes seu próprio peso.



0,039 de segundo: o motorista voa sem diminuição de velocidade.



0,044 de segundo: aqui ele já amassou o volante devido à força do impacto.



0,068 de segundo: o motorista choca-se contra a coluna de direção, com uma pressão de cerca de 4 toneladas.



0,092 de segundo: após o "vôo" de retorno, o motorista já pode estar morto... A pressa acabou. Resta para ele, todo o tempo deste mundo... E do outro.

A VIDA É O MAIOR BEM QUE TEMOS! NÃO A INUTILIZEMOS PELA IMPRUDÊNCIA

CONGRESSO APERFEIÇOARÁ O SISTEMA COOPERATIVO

"Há teses de grande significação, com assuntos de projeção nacional. E outras que cuidam apenas de casos setoriais, mas igualmente importantes". O comentário é do diretor executivo da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), José de Campos Mello publicado no caderno especial do Coojornal, sobre os trabalhos que serão analisados durante o VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo (14 a 17 do corrente em Fortaleza).

Inicialmente estava previsto que seriam levados ao Congresso apenas 11 trabalhos. Mas numa reunião, da qual participaram representantes cooperativistas de diversos estados, a OCB decidiu analisar 32 teses, moções e resoluções.

Do Rio Grande do Sul vão participar quatro trabalhos: dois focalizando a eletrificação rural, um os programas habitacionais cooperativo e outro as cooperativas de consumo.

A primeira tese de eletrificação rural, de autoria da Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do RGS, aponta que o sistema cooperativo oferece as soluções racionais e adequadas, em contrário das empresas concessionárias que visam o lucro nos serviços de eletricidade. Desta forma, sugere que o Governo Federal institucionalize uma política nacional de eletrificação rural,

sob a direção do Ministério da Agricultura e coparticipação do Ministério de Minas e Energia, através das cooperativas de eletrificação rural dos diferentes estados.

A segunda tese gaúcha, de autoria da cooperativa de Consumo dos Funcionários da CEEE de Porto Alegre, pede para o Conselho Nacional de Cooperativismo baixar normas regulamentadoras e interpretativas da legislação, para evitar maiores controvérsias.

Já uma moção, também gaúcha, sobre eletrificação rural, de autoria da Cooperativa de Eletrificação Rural de Teutônia, pede mais estímulos creditícios as cooperativas e propõe: que seja definido no BNCC um programa de financiamentos às cooperativas de eletrificação rural, dentro das características adequadas à sua atividade; sejam colocados recursos do Fundo Federal de Eletrificação Rural a esse programa do BNCC; seja objetivamente respeitada a prioridade estabelecida pelo artigo 90, parágrafo 3º, da lei 4.504/64, nos programas de financiamentos à eletrificação rural promovidos por quaisquer entidades oficiais.

Outra moção, sobre programas habitacionais cooperativo, de autoria de Vergílio Perius, pede que o BNH regule programas habitacionais em forma de "Leasing Imobiliário" a ser desenvolvido pela integração do Pro-

grama Habitacional Empresa com o Programa Habitacional Cooperativo, de forma que as unidades a serem construídas se destinarão à ocupação exclusiva de trabalhadores, mediante contratos de uso por prazo indeterminado e às taxas mensais fixadas pelos custos de produção das respectivas unidades.

ZONA RURAL

Os trabalhos que serão debatidos durante o Congresso abordam os mais diferentes aspectos da filosofia cooperativa. Mas há uma preocupação acentuada em aperfeiçoar o sistema cooperativo na zona rural. Pode-se citar uma tese mineira que pede uma comunidade cooperativa rural integrada. O autor Hécio Totino advoga a criação de comunidades rurais centralizadas em vilas, dotadas de equipamentos sociais compatíveis (residências, escolas, estabelecimentos de saúde, de recreação, etc) visando a fixação e valorização do homem do campo, e por esse meio, equacionar a demanda de mão-de-obra rural, melhorando a produtividade do trabalho e os seus níveis de rendimentos econômicos e, ao mesmo tempo, atender à estabilidade dos empreendimentos agroindustriais. Os investimentos exigidos por essa Comunidade Cooperativa Rural Integrada (COM-RURAL) seriam atendidos por uma Cooperativa de Capital formada pelos proprietários rurais da região, que alocará à Cooperativa de Trabalho formada pelos trabalhadores rurais.

Uma outra tese, também de interesse direto para a zona rural é a que pede o fornecimento de óleo diesel, a prazo, para as cooperativas. O autor da tese (Cooperativa Agrícola de Ribeirão Preto, São Paulo) solicita ao Conselho Nacional de Petróleo que seja concedida às Cooperativas, que possuam postos de distribuição de óleo diesel, o direito de fornecê-lo para os seus associados em conta mensal.

CRISTIANISMO E SOCIEDADE É TEMA DE ENCONTRO NA FIDENE

A Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE - comemora em 1977, 20 anos de ensino superior em Ijuí.

Dentre as diversas solenidades que vem assinalando a data, que se comemora desde março, consta a realização de um Encontro para Reflexão sobre Cristianismo e Sociedade no dia 10 deste mês, tendo por local a sala 100 da sede acadêmica da FIDENE, no horário

contínuo das 8,30 às 12 horas.

O Encontro, que se desenvolverá sob a forma de "painel", contará com os seguintes palestrantes convidados: padre Angelo Domingos Salvador, superior provincial da Província dos Frades Menores Capuchinhos do Rio Grande do Sul; padre doutor Nestor Beck, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, de Ijuí; professor Mário Osório Marques, da FIDENE; professor Rubens Alves da

UNICAMP, de Campinas, São Paulo e ainda um teólogo ou educador a ser indicado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. Será moderador do Encontro o professor Argemiro Jacob Brum, ex-presidente da FIDENE e presidente da Comissão dos Festejos Alusivos aos 20 Anos de Instalação do Ensino Superior em Ijuí, acontecimento que vem sendo festejado desde março, até o fim do ano.

COMUNICADORES SOCIAIS DEBATEM COOPERATIVISMO

A convite da Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste (ASSOCENE) participaram entre os dias 10 a 13 de agosto passado, de um encontro com dirigentes de cooperativas do Nordeste, os professores Severino Batista da FI-

DENE e Rui Polidoro, do setor de educação e comunicação da Cotrijui.

O encontro, que objetivou incentivar a participação dos associados na cooperativa, contou com a presença de representantes de 45 cooperati-

vas nordestinas.

O assessor do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Luiz Mendes Lima, também esteve presente ao encontro e discorreu sobre a problemática organizacional das cooperativas brasileiras.

BOLSA DE ESTUDO PARA O JAPÃO

Será realizado no Japão, entre 29 de setembro a 20 de outubro, um curso de treinamento em grupo sobre cooperativas agrícolas. O governo japonês está oferecendo uma bolsa que abrangerá as despesas

com viagens internacionais e manutenção do candidato selecionado.

Os interessados deverão se dirigir por carta ao Consulado do Japão em Porto Alegre, à rua Coronel Vicente, 281 - 8º

andar, para obterem maiores esclarecimentos, inclusive pedindo os formulários correspondentes ao preenchimento da inscrição. De preferência os interessados devem comparecer pessoalmente.

Use Adubos Trevo.

Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Pudera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

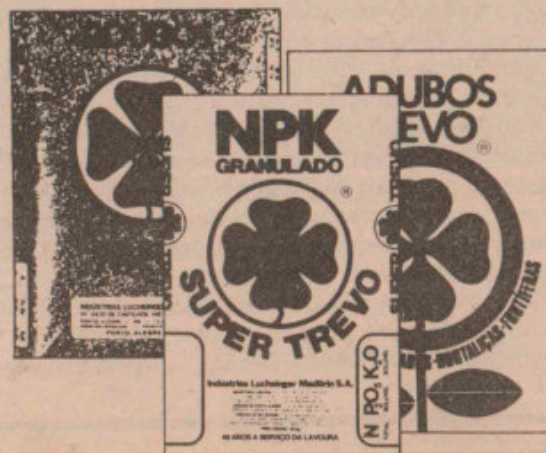
numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.
Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



CADEIA PARA CAÇADOR ASSASSINO

Sob o título "Desaparece a cada ano uma espécie de pássaro", o "Correio do Povo" divulgou em uma de suas últimas edições a condenação de um indivíduo que mercantilizava com aves de nossa fauna. Dada a importância da pena, ao que parece, inédita até então, vamos publicar na íntegra a notícia do jornal de Porto Alegre, cujo teor é o seguinte:

Pela primeira vez no Brasil foi aplicada penalmente a Lei de Proteção à Fauna. Jurandir Tavares Marinho foi condenado a seis meses e 15 dias de prisão simples e multa de seis salários mínimos. A sentença foi dada pelo juiz João Francisco Gonçalves Neto, da 24a. Vara Criminal do Rio de Janeiro, nos últimos dias de junho, e vem sendo apontada por entidades preservacionistas e pelo próprio Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal como um exemplo a ser seguido pela magistratura brasileira.

Jurandir Marinho fazia transporte interestadual de animais capturados — todos eles de caça ou captura proibida, e chegou mesmo a contrabandear-los para o Uruguai, através do Chui, segundo informa a Delegacia Regional do IBDF. Levantado o problema por essa repartição, sede em Porto Alegre, e pela Suipa, Sociedade União Internacional Protetora dos Animais, com sede no Rio, o contraventor foi localizado e preso naquela cidade pela Polícia Federal.

Os animais contrabandeados eram, quase sempre, aves, e o juiz Gonçalves Neto assinalou em sua sentença que "esses animais, ilegalmente transportados, sem os cuidados previstos — para as espécies permitidas — pela Lei de Proteção à Fauna (Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967), podem ser agentes transmissores de doenças incubadas que, devido à mudança de clima, temperatura, altitude e outros fatores, vêm eclodir em lugares diferentes, através de possível exaltação da virulência. Fora do seu habitat, muitas vezes transmitem a psitocose, verminoses, tuberculose, epitelomatose, cólera aviária e a hidrofobia, podendo até provocar epidemias.

Ainda na sua sentença, o magistrado frisa que "os direitos da humanidade de sobreviver correspondem ao dever de conservar todas as espécies animais".

Jurandir fora preso no Aeroporto Internacional do Galeão, quando recebia aves e micos providos de Belém. Na sua residência foram apreendidos vários macacos, filhotes de jaboti, esquilos, micos e centenas de pássaros. E o juiz concluiu sua sentença citando biólogos que calculam que, de um século até a atualidade, desapareceram para sempre uma centena de formas de aves (espécies e subespécies). Em média, portanto, está sendo extinta uma forma de pássaro por ano. A captura, a caça indiscriminada, a depredação estúpida de um precioso bem natural tiveram, com essa sentença, pelo menos o início de uma batalha em bases reais — as únicas que os depredadores parecem compreender.

QUE BOM! NÃO HÁ MUDA QUE CHEGUE

A campanha pelo verde, desencadeada pelos órgãos de divulgação gaúchos a partir de quatro anos atrás, parece que acabou dando resultados surpreendentes. Essa, ao menos, é a conclusão que se pode tirar da situação em que se encontrou, repentinamente, a Cooperativa de Campo Real.

Gilberto Appelt, responsável pelo viveiro da cooperativa, estava há 20 dias com um problema inesperado: várias pessoas procurando mudas de essências nativas — e o viveiro vazio. "Puxa, era bom indicar outras cooperativas ou entidades que vendem mudas", disse ele. "Nós vendemos tudo e ficamos até sem jeito de atender as pessoas que nos procuram".

Guido Valdir Wahys, da Cotribá, alguns quilômetros adiante de Campo Real, sentiu o mesmo problema, mas reteve o estoque para os retardatários. Por isso, está oferecendo aos que ainda querem plantar (a temporada vai até fins de setembro) as seguintes essências nativas: Cedro, Cr\$ 2,00; Jacarandá, Cr\$ 4,00; Ipê Amarelo, Cr\$ 4,00; Louro, Cr\$ 1,00.

O viveiro da Cooperativa de Ibirubá tem ainda 20 mil dessas mudas à disposição. Os interessados podem escrever para a Cooperativa Tríticola Mista General Osório — Av. Mauá s/nº, CEP 98.200 — Ibirubá/RS.

REFLORESTAMENTO ÀS MARGENS DOS RIOS

O rio Jacuí será o primeiro a ter suas margens reflorestadas. Com esse título, a Assessoria de Imprensa da Secretaria da Agricultura distribuiu matéria aos jornais do Estado, há tempos, cujo conteúdo damos numa síntese na esperança que o importante trabalho comece realmente o mais breve possível, segundo a promessa do secretário Getúlio Marcantônio.

Está concluído o Programa de Florestamento e Reflorestamento das margens e cabe-

ceiras dos rios e sua execução deverá ser anunciada brevemente pelo secretário Getúlio Marcantônio.

O primeiro rio escolhido para ter suas margens e cabeceiras reflorestadas foi o Jacuí, cuja bacia drena uma área de 72.000 metros quadrados, correspondendo a cerca de um quarto da área do Estado. Para execução do programa o rio Jacuí foi dividido em quatro regiões, devendo ser atacada inicialmente a primeira dessas re-

giões, que vai das nascentes do rio até sua confluência com o rio Vacacaí, abrangendo todos os contribuintes do Jacuí neste trecho. Atingirá os municípios de Restinga Seca, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Cruz Alta, Espumoso, Soledade, Ibirubá, Selbach, Tapera, Colorado, Victor Graeff, Campo Real, Santa Bárbara do Sul, Carazinho, Passo Fundo, Chapada, Tupanciretã, Panambi e Pejuçara. Ai está uma excelente política administrativa.

A ÁRVORE CHORA EM MORTE LENTA

Há fotos que não precisam de nenhuma legenda para explicar o seu sentido. A própria foto diz tudo, mais do que qualquer palavra. Se as árvores formassem uma grande família, certamente todas as outras, perto ou longe dessa árvore numa transversal da rua São Francisco, em Ijuí, estariam chorando a morte lenta de uma companheira. Estariam chorando (será que não choram mesmo, e nem ao menos percebemos?) o mal que hoje, mais do que nunca, ocasiona a morte,

não somente das árvores, como de toda a natureza: o progresso. Esse progresso, quase sempre indiscriminado, está levando o homem à maiores distâncias, mas ao mesmo tempo o

está distanciando da natureza. Não se sabe quando e como será o fim desse caminho. Com certeza será um deserto de barro, sem pistas para voltar atrás. É a triste realidade.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo.

A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito.

Depois na Apesul. Lá seu dinheiro está guardado pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.

Caderneta APESUL de Poupança
Rua do Comércio, 219 — Foz



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

GOVERNAR É ABRIR ESTRADAS: UMA FRASE QUE VIROU LEI

Há no estado de São Paulo, principalmente nas regiões geo-econômico-demográficas que se estendem de Leste a Oeste ao longo do rio Tietê, uma expectativa de júbilo em face do empenho que o governador Paulo Egydio Martins está fazendo para reativar a navegação no referido curso d'água.

A navegação fluvial de cabotagem e passageiros ao longo do histórico rio paulista começou com os bandeirantes, nos pródromos das conquistas daqueles aventureiros e que culminou com o alargamento das fronteiras geográficas deste País até quase ao sopé da Cordilheira. Isso quer dizer que por cerca de 400 anos o paulista caminhou em demanda de seu interior no compasso lento,

porém contínuo, do seu rio maior. Depois surgiu o trem. E o paulista, mais do que qualquer outro estaduano, estendeu linhas férreas.

Mas nem mesmo a disseminação de caminhos de ferro arrefeceu a disposição dos paulistas para a manutenção de seus cursos d'água, e principalmente o Tietê, de boas condições de navegabilidade. Assim era possível ao empresário programar o transporte de sua mercadoria pela Santos-Jundiaí, pela Sorocabana, pela Mogiana, pela Alta Paulista ou ainda pela Cantareira, mas sempre conservando a opção de remeter por via fluvial. Ou seja: pelo Tietê e seus afluentes.

Mas ali por volta de 1928, um "paulinense" (misto

de paulista com fluminense) que governava o Estado, chamado Washington Luiz Pereira de Souza, durante o ardor da oratória durante um comício, disse que "governar é abrir estradas". E pronto. Isso passou a ser lei neste País. Ninguém parou para pensar que o "abrir estradas" não deveria nunca implicar no abandono dos demais meios de transporte. Mas foi. A partir de Washington Luiz, enquanto os governos estaduais e até municipais destinavam a totalidade de seus recursos em estradas nem sempre de comprovada eficácia sócio-econômica, os rios atulhavam-se, prejudicando a navegação e as empresas de cabotagem acumulavam problemas que no futuro se traduziram em prejuízos insanáveis, um sociólogo analisará assim o abandono de nossa navegação interior.

ESTRADINHA DO FLORES E A MORTE DA NOSSA NAVEGAÇÃO

O Rio Grande do Sul aparecia com relevo no concerto da navegação. Quase uma dezena de rios de bom curso e duas lagoas, proporcionavam-lhe uma ativa navegação fluvial e lacustre, inclusive com saída direta para o mar através da Barra de Rio Grande. Os rios Jacui, Taquari, Sinos e Gravataí, vindos do norte e noroeste em demanda de Porto Alegre ou para despejar as embarcações em plena lagoa dos Patos e o São Gonçalo, canal de ligação natural das lagoas Patos e Mirim, ativando o porto fluvial de

Pelotas, com opções para Porto Alegre e Rio Grande, davam à Depressão Central e Zona Sul do Estado, um invejável suporte em estradas móveis.

Mas aí o interventor Flores da Cunha ouviu dizer que "governar é abrir estradas" e pôs mãos e dinheiro à obra. Cabe ao Flores essa glória bem brasileira de haver sido o primeiro governo no Estado a construir uma estrada asfaltada. Milhares de contos de réis foram consumidos numa estradinha sinuosa que ia de Porto Alegre a São Leopoldo sobre

uma camada de 50 centímetros de concreto-armado. Está certo. Dê-se-lhe o mérito com relação à estrada. Mas exija-lhe a história seu esquecimento em relação a navegação fluvial e à própria ferrovia, pelas quais nada fez.

O mesmo fato aconteceu nos demais estados da Federação. Apesar da concentração demográfica desde País localizar-se ao longo do litoral, desde o "governar é abrir estradas" do sr. Washington Luiz Pereira de Souza, a Nação como que esqueceu o fato de que vias

aquáticas — fluvial ou lacustre — ou ferroviárias também são estradas.

Então os rios passaram a ser relegados e portos de excelente posicionamento econômico abandonados. E dizer que houve época que portos como Porto Alegre, Pelotas, Cachoei-

ra do Sul, Taquari, Estrela, Lajeado, Jaguarão e Santa Vitória do Palmar, prestaram excepcional colaboração ao nosso desenvolvimento econômico. Hoje é difícil atestar até onde chega os prejuízos causados ao País a política só e dirigida do "governar é abrir estradas".

FIM DO BONDE E ÔNIBUS ELÉTRICO

Curiosa a tendência brasileira para singularizar; excluir as coisas. Enquanto que em todas as nações do mundo a preocupação é a manutenção de meios opcionais amplos, caracterizando as mais diferentes atividades, no Brasil, por simples comodismo ou indiferença, abandona-se sistemas comprovadamente eficientes e seguros em benefício daquilo que se afigura novo, moderno.

Depois do abandono a que relegamos a navegação fluvial e lacustre, preocupados apenas com rodovias, também começamos a esquecer a ferrovia. Na área dos transportes urbanos, foi alguém dizer que o bonde "era um trambolho barulhento que prejudicava a estética das ruas" para que nossas cidades, uma a uma, fossem abandonando aqueles eficientes

e econômicos meios de transporte de massa. O moderno — diziam — era o ônibus elétrico. Mas em seguida alguém passou a dizer que até os "troleibus" — como eram chamados — estavam se tornando coisa do passado... Foi suficiente que alguém afirmasse que a "América" havia deixado de usá-los para que o brasileiro, espécie de macaco de imitação, passasse a condenar o referido meio de transporte.

Hoje, estamos limitados aos ônibus poluentes e caros e aos automóveis. Enquanto o mundo diversifica cada vez mais seu sistema de vida e agiliza-se racionalmente para acompanhar o ritmo de uma atualidade cada vez mais trepidante, aumentando as tendências para a vida em comum, no estilo grupal, nós insistimos em eter-

nizar a nossa dependência a sistemas cada vez mais individualistas, muito mais caros e por isso mesmo de difícil obtenção para todos.

A intenção do governador de São Paulo, sr. Paulo Egydio Martins, de retomar o histórico rio Tietê para a navegação fluvial de cabotagem, inclusive para passageiros, deve merecer os maiores aplausos.

Quanto a nós gaúchos, cujas intenções de navegabilidade extrapolam os rios e lagos tradicionalmente usados com proveito por nossos antepassados, para se fixar na expectativa de uma ligação Ibicui-Jacui — de alto custo e de tecnologia difícil — já ficaremos satisfeitos se nosso governador batalhar pela volta da nossa navegação interior como o era até quatro ou cinco décadas atrás.

CONTINUE ARANDO E GRADEANDO SUA TERRA ANTES DE PLANTAR SOJA E TRIGO, CONTINUE. DEPOIS, NÃO VENHA RECLAMAR DA EROSÃO.



PLANTIO DIRETO COM GRAMOXONE É A SOLUÇÃO.

Continue tendo que replantar sua cultura. Continue desperdiçando semente, fertilizante, adubo, tempo e mão-de-obra. Continue usando plantio convencional. O dia que você estiver cansado de ver seu lucro indo por água abaixo, comece a usar Plantio Direto com Gramoxone.

Plantio Direto com Gramoxone é a solução. Mas do que isso: permite plantio de mais hectares na época certa, economizando tempo, combustível e mão-de-obra. A plantação germina melhor e se desenvolve com mais vigor porque Plantio Direto com Gramoxone favorece a conservação da umidade e a fertilidade natural do solo.

É só querer. Nada mais. O resto deixa por conta dos agricultores da Imperial. Eles estão à sua disposição para prestar a mais perfeita assistência técnica já oferecida em prol da sua terra e do seu bolso. Chame-os.

plano direto com Gramoxone



Departamento Agrícola

CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL

Av. Euzébio Mattos, 891 - 2º andar - Tel. (011) 212-1955

Caixa Postal, 30177 - 01000, São Paulo, SP.

CENTROS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

SOBRE PLANTIO DIRETO:

Itaipava, PR - Fazenda Vitoriosa, C.P. 408.

Passo Fundo, RS - Av. Gal. Neto, 407, 2º, 4º/212, C.P. 206.

O AGRICULTOR VAI FAZER O SEU PRÓPRIO ORÇAMENTO

O agricultor volta para casa no final da tarde, depois de passar o dia inteiro na lavoura. Mas antes de deitar ele vai anotar num formulário tudo o que fez durante o dia. As horas de ação do trator; o número de sementes plantadas; o que colheu; por quanto vendeu; e assim por diante. Nesse mesmo formulário o agricultor já terá lançado todos os custos da terra, como o reforestamento, lagos, culturas permanentes; os custos das benfeitorias e melhoramentos, como a casa da sede, garagem, estábulos, galinheiros e paióis; os custos das máquinas, veículos e equipamentos; os custos de animais de trabalho e de produção; os custos com sementes, adubos, herbicidas.

Então, há cada dia o agricultor terá um espelho na sua frente que mostrará, em números, como está toda a sua propriedade. Será isso possível?

Quem mais acredita nessa possibilidade é o diretor do Centro de Ciências Agrárias da FIDENE, Adelar Baggio, que juntamente com integrantes do Departamento Técnico da COTRIJUI, lançou-se a difícil tarefa: levar conhecimentos de contabilidade para os agricultores associados.

"Não vamos montar um escritório para fazer a contabilidade do agricultor. Só vamos levar até ele os instrumentos. Depois, sozinho na propriedade ele vai organizar a sua própria contabilidade", esclarece o professor Adelar Baggio.

A IMPLANTAÇÃO

Desde maio deste ano vem sendo implantado o projeto com a distribuição dos primeiros formulários aos agricultores. Com o formulário em mãos, o agricultor, ou mesmo um dos seus filhos, passa a preencher com os números.

No início, os monitores do projeto darão assistência direta na residência do agricultor, prestando informações gerais sobre os cálculos dos custos da terra, de benfeitorias, produtos químicos, máquinas e mate-

riais. Essa etapa é considerada a mais importante, pois o agricultor terá uma visão geral de toda a sua propriedade, com os respectivos custos. A partir disso, então, o agricultor passará para uma segunda etapa, onde encontrará noções de técnicas de análises, contabilidade, administração e planejamento de produtos agrícolas na sua propriedade. Nessa etapa o agricultor poderá chegar a conclusão que é melhor ele plantar verduras do que trigo; criar mais vacas leiteiras do que porcos. Já na terceira etapa, o agricultor terá condições de realizar com eficiência o controle da sua propriedade.

Para o professor Adelar Baggio, "o objetivo inicial é ordenar as preocupações econômicas dos agricultores, mas num futuro bem próximo queremos levar até eles, se possível, a linguagem dos computadores. Assim, o agricultor participará diretamente e com mais consciência da cooperativa".

Adelar Baggio cita o exemplo que está ocorrendo com a soja. "Muitos agricultores estavam, como ainda estão, indecisos de como vender a soja: se ao preço do dia ou ao preço médio. Estão indecisos pelo simples fato de não saberem o quanto investiram e só pensam em receber bastante. Ao passo que o agricultor tivesse calculado todos os custos da plantação da soja, saberia que poderia vender uma parte ao preço do dia, por exemplo, e liquidava todos os custos. O resto, tudo seria lucro. E poderia colocar uma parte da produção ao preço médio e guardava o restante para vender ao preço do dia. Mas sempre com um controle em sua mão".

Para a própria COTRIJUI, a efetivação desse projeto trará mais informações da situação dos seus associados e possibilitará uma programação mais eficiente das suas atividades de assistência técnica, reinvidicação de preços justos junto aos órgãos governamentais e o desenvolvimento nos setores internos de produção, comercialização e distribuição.

O PROJETO

Na efetivação do projeto os agricultores serão organizados em núcleos, em média de 20 participantes,

onde receberão todas as orientações, realizarão cursos e farão reuniões periódicas.

A única atividade a ser executada na residência do associado será a avaliação patrimonial dos bens da propriedade rural.

Durante o ano de 1977 o projeto abrangerá os municípios de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e a localidade de Vila Jôia, denominada de "Região 1".

Nesta região, até dezembro deste ano serão organizados 10 núcleos, totalizando aproximadamente 400 associados. Para o ano de 1978, o projeto expandirá da seguinte forma:

a) Os 20 núcleos da "Região 1" que participaram do projeto de 1977 receberão as orientações e treinamentos da 2a. e 3a. etapas do projeto;

b) Para a mesma região, até julho serão organizados mais 10 núcleos e até dezembro de 1978 outros 10 núcleos;

c) Durante o 1º semestre de 1978, serão organizados 10 núcleos nos municípios de Chiapetta, Santo Augusto, Cel. Bicaco e Tenente Portela, que formará a "Região 2". Estes 10 núcleos, juntamente com outros 10 que serão organizados no segundo semestre do mesmo ano, receberão o treinamento e orientação da 1a. etapa do projeto. Assim o projeto vai se expandindo de maneira planejada para atingir toda a área de ação da Cotrijui.

A assistência jurídica aos associados participantes do projeto será organizada no ano de 1978. Visará prestar informações e esclarecimentos relacionados a legislação trabalhista, agrária, tributária e previdenciária.

Para os associados participantes do projeto, será feita gratuitamente, pelo escritório de contabilidade agrícola, a respectiva declaração de renda de suas propriedades rurais.

O acompanhamento, treinamento e cursos serão realizados nos dias úteis e em locais determinados pelo planejamento e coordenação do projeto. É mais uma iniciativa da COTRIJUI.

OPINIÕES DE UM AGRICULTOR

A contabilidade agrícola nunca foi de toda estranha para o agricultor João Cassavara, que reside no distrito de Dr. Bozzano. Ele conta como começou a se interessar pelos números e cálculos da sua propriedade:

"Há muitos anos que venho anotando, quase que diariamente, numa caderneta, tudo o que gasto. Claro, não era de forma sem por cento certa. Mas sempre me aproximava dos cálculos que fazia. Depois de cada colheita de trigo ou soja, eu sabia quanto tinha investido em horas de trabalho, insumos, trator, sementes, e diminuía do quanto eu tinha recebido pelo produto.

Agora que os técnicos da COTRIJUI e da FIDENE estão passando lá em casa para trocar idéias sobre a minha contabilidade, vai ficar mais fácil, pois terei os custos exatos sobre os materiais da minha propriedade. Além de facilitar bastante o formulário.

Eu acho que cada agricultor deve fazer um cálculo, um orçamento, sobre tudo o que vai realizar na sua propriedade. Não é só comprar um trator. Primeiro precisa-se saber se vai ter trabalho para esse trator. Caso contrário, o agricultor com um trator dentro de casa parado estará perdendo dinheiro.

Eu acho mesmo que é uma necessidade nós realizarmos esse orçamento. Veja o meu exemplo, como deve ser de muitos outros agricultores: eu planto apenas em 16 hectares, e cada vez me convenço mais que não posso só plantar trigo e soja. E não planto mais mesmo. Claro, sempre terei minha área de trigo e soja, mas estou aumentando sempre mais a parte que dedico ao feijão preto, arroz, mandioca, cana-de-açúcar, milho. Também já estou pensando em criar mais porcos e vacas leiteiras. Isso tudo está me mostrando os números.

Os números não mentem. Então, sempre mais eu compro menos no supermercado. Agora só estou comprando a erva, vestimentas e produtos para limpeza. Só isso, o resto eu já tenho na minha propriedade.

No final da semana, lá no campo de futebol ou mesmo na lancheria do posto Chimarrão, sempre me encontro com uns companheiros que também já estão participando desse projeto de contabilidade própria. Então nós discutimos os nossos problemas, o que vamos fazer, sempre com mais certeza, pois conhecemos os custos e os cálculos.

Eu acho que esse projeto vai tirar a dor de cabeça de muita gente. Vai trazer mais tranquilidade. Todo o agricultor terá mais consciência do que fez, do que poderá fazer, e participará de forma mais direta da cooperativa, finalizou o associado João Cassavara.



João Cassavara

TECNOLOGIA DE LACTICINIOS TEVE CURSO EM SÃO PAULO

Foi promovido em São Paulo, de 8 a 12 de agosto, um curso de tecnologia de produtos lácteos, ao qual participaram técnicos e extencionistas de vários Estados. Foi ministrado por uma equipe de professores da Escola Técnica de Agricultura "Luiz de Queiroz". A extencionista Noemi Huth, do Departamento de Comunicação e Educação da COTRIJUI participou do curso. Aqui ela fala sobre o que foi o curso.

Disse a professora Noemi Huth: "Foi um curso muito bom, de excelente aproveitamento. Participaram técnicos em laticínios e nutricionistas de diversos Estados e regiões. Isso proporcionou a que os cursistas tomassem conhecimento de problemas e realidades zonais, saindo-se com uma visão global desses problemas e pelo menos com alguma sólida noção de como proceder para resolvê-los", enfatizou a extencionista.

Sobre a qualidade dos produtos lácteos, ela disse que a falta de higiene e o desconhecimento de fatores que influem na qualidade do produto final, são muito acentuados praticamente em todas as bacias leiteiras e concentrações de indústrias lácteas, conforme foi possível deduzir no andamento do curso. Foi ressaltado no decorrer do curso que para se obter produtos de boa qualidade, é importante que o fabricante receba um produto de boa qualidade, além da sanidade, cujo teor sanitário deve estar com total imunidade às doenças que mais atacam o gado.

Ao finalizar suas declarações, disse a professora Noemi Huth que gado atacado com mastite, brucelose, tuberculose e outras pestes contagiosas, não podem ter o leite aproveitado.

PEQUENOS SEGREDOS CASEIROS

AS QUALIDADES DA TANGERINA — A tangerina gosa de justa fama como elemento diurético. É indicada nas moléstias das vias renais. É também excelente fonte de vitaminas C, que ajuda a imunizar contra gripes e resfriados.

PARA DESCASCAR O CÔCO — Para que a casca do côco se desprenda fácil, esquite-o no forno antes de parti-lo. Se o doce em que você vai usar o côco leva calda de açúcar, aproveite para fazê-la com a água do próprio fruto, pois fica mais saborosa.

DEIXE SEUS LENÇOS PERFUMADOS — Para deixar seus lenços agradavelmente perfumados, coloque uma ou duas gotas de água-de-colônia sobre a tábua de passar roupas. Com o calor, o perfume penetra no tecido.

GUARDE AS ETIQUETAS DAS ROUPAS NOVAS — Quando você comprar roupa pronta, verifique se na etiqueta constam instruções de como la-

vá-las. Se tiver, cole-a num caderno. Assim é fácil seguir as instruções para não estragar a roupa.

TRATAMENTO DE UNHAS ENCRAVADAS — É realmente doloroso cortar a cutícula em volta de unha encravada. Se você estiver nesse caso, quando for fazer as unhas dos pés, molhe um cotonete em água oxigenada e passe na pele ao redor algumas vezes antes de cortar a cutícula. Esse pequeno tratamento endurece a área e tira a sensibilidade por alguns momentos.

MANCHAS DE LEITE FRESCO — Em fazendas desaparecem facilmente, se você esfregar imediatamente com um pano molhado.

MANCHAS DE GORDURA — Enquanto frescas, coloca-se em cima um pouco de sal. Para as manchas antigas coloca-se talco e deixa-se em repouso. Após, coloca-se um lenço em cima e passa-se a ferro.

RECEITAS FÁCEIS



PUDIM DE LARANJA — Tempo de preparo, 45 minutos. Ingredientes: uma lata de leite condensado, a mesma medida de suco de laranja, 4 ovos, 1 colher de chá de casca ralada de laranja, 1 xícara de açúcar.

Modo de preparar — Caramelize uma forma de pudins de buraco no meio. Derreta o açúcar. Bata os ovos, junte os ingredientes restantes e bata bem. Coloque a mistura na forma preparada. Cozinhe em banho-maria até o ponto, que você pode constatar introduzindo um palito no bolo. Espere esfriar para retirar da fôrma. Sem dúvida, é uma receita gostosa e econômica. Enriqueça as refeições principais em sua mesa, servindo uma sobre-mesa saborosa e nutritiva.

SUFLÊ DE CENOURAS — Ingredientes, meio quilo de cenoura, 5 ovos, 3 colheres de farinha de trigo, meio copo de leite e sal. Modo de preparar: 1 — cozinhe a ce-

noura e amasse bem; 2 — misture as gemas, farinha, sal e leite; 3 — junte as claras em neve; 4 — unte com gordura uma forma de pirex, coloque a mistura e leve ao forno para assar. Quando estiver dourado, está pronto para servir.

PUDIM DE BATATA DOCE — Tempo de preparo, 1 hora. Receita para 4 a 6 pessoas. Ingredientes: 1 xícara de açúcar, 160 gramas de manteiga ou margarina, 2 ovos batidos, 2 xícaras de batata doce..... ralada, casca ralada de 1 laranja, meia colher de chá de gengibre, meia colher de chá de canela em pó. Modo de fazer: bata o açúcar e a manteiga. Junte os ovos batidos e a batata doce, batendo-os bem. Junte a casca de laranja ralada e as especiarias. Bata bem novamente. Coloque numa forma refratária untada. Asse em forno moderado por meia hora ou até que enfiando um palito este saia limpo.

CONSELHOS ÚTEIS

Para tirar mau cheiro de sua geladeira, deixe dentro da mesma um maço de folhas de louro.

Com as sobras de arroz, podem ser feitos suflês, bolinhos, bolinhos misturados com carne ou qualquer legume cozido (pimentão, repolho, abobrinha, etc), além da tradicional canja.

Sobras de batata doce, podem ser utilizadas num ensopado com batatinhas, assa-

dos com maçãs e como ingrediente principal de deliciosos bolinhos.

Com restos de frango, além de uma deliciosa sopa, é possível fazer: cremes, saladas as mais diversas, recheio para pastéis, empadas e cuscuz.

Se as sobras forem de ovos recheados, você poderá adicioná-las à maionese, fazer sanduíches ou enfeitar saladas. São sugestões fáceis de seguir e de grande utilidade.

DIA DA IMPRENSA, UMA DATA SOB CONTESTAÇÃO



Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, patrono do jornalismo brasileiro, retratado em Londres em 1811, ostentando as insígnias de Mestre Maçon, conforme teve a honra de ser recebido no respeitabilíssimo templo da Grande Loja da Inglaterra, cujo soberano Grao Mestre, á época de Hipólito em Londres, 1805/1823, era o Duque de Sussex, irmão de Georg III, rei da Inglaterra. Hipólito José da Costa "viu a luz" em Filadélfia, nos Estados Unidos, tendo por templo a Loja George Washington.

Comemora-se a 10 do corrente o dia dedicado à imprensa no Brasil. A data foi escolhida em homenagem a "Gazeta do Rio de Janeiro", que circulou pela primeira vez a 10 de setembro de 1808. Nos últimos anos a data passou a ser discutida, sendo que seus contestadores argumentam em prol do "Correio Braziliense", o jornal de Hipólito José da Costa, patrono do jornalismo brasileiro, e que circulou desde Londres, de 1º de junho de 1808 até outubro de 1822. A "Gazeta" era editada no Brasil e o "Correio", em Londres. Qual a diferença? É o que vamos tentar decifrar neste comentário.

Com a fuga de Dom João VI para o Brasil em 1806, acossado pelas tropas do general Junot, aconteceu de vir entre a bagagem da Corte um certo material tipográfico que há pouco tinha sido adquirido pelo Conde da Barca, em Londres, e destinado ao melhoramento da Imprensa Régia de Lisboa. Esse equipamento talvez tenha vindo dar ao Brasil (isso não está provado, talvez nunca venha a sê-lo) apenas pela falta de tempo para descarregá-lo em Lisboa.

Essa é a origem da nossa

imprensa. Um material tipográfico destinado à Metrópole vindo por mero acaso, imprimiu a "Gazeta do Rio de Janeiro". E o que era a "Gazeta"? Tinha um palmo de altura por meio de largura, raras notícias do estrangeiro "chegadas pelo último barco", mais raras ainda do interior do Brasil e o que é pior: ARTIGOS DOUTRINÁRIOS OFENSIVOS AOS BRASILEIROS, pois defendiam a eternização do domínio de Portugal ao Brasil.

No primeiro número, o exemplar trazia a seguinte e curiosa declaração: "N.B. Esta Gazeta, ainda que pertença por privilégio aos oficiais da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, não é, contudo, oficial. E o governo somente responde por aqueles papéis (artigos) que nela mandar imprimir em seu nome".

Sem dúvida, é curiosa a declaração de não oficialismo. Curiosa também a circunstância de ter sido o prelo entregue ao "zelo" editorial dos militares.

Foi primeiro redator da "Gazeta", cargo que conseguiu conservar até 1812, Tibúrcio José da Rocha, que ao seu cargo de oficial da Secretaria dos Negócios Estran-

geiros juntava a circunstância de ser padre. Tem-se pois, que o clero, a milícia e a diplomacia, foram os precursores de nossa pobre e desprestigiada imprensa, em seus primórdios. Ao frade redator sucedeu, no citado ano de 1812, um militar, o brigadeiro Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que em 1821 passaria a "mui digna" atribuição ao cônego Francisco Vieira Goulart, com o que os destinos editoriais da "Gazeta" voltaram à diretriz "divina" do clero católico.

Por razões óbvias, a influência da "Gazeta do Rio de Janeiro" foi nula, como é comum em se tratando de órgãos oficiais.

Vejamos agora, numa síntese, a origem do "Correio Braziliense" de Hipólito José da Costa e sua influência não só em relação à Independência do Brasil como o seu peso na formação de uma opinião pública liberal e livre em relação aos seus próprios destinos.

Ajudado pela Maçonaria, que fez abrirem-se as portas das masmorras da inquisição católica em Portugal, Hipólito da Costa evadiu-se para a Inglaterra (isso em 1805), onde três anos depois fundava o "Correio Braziliense".

O gaúcho colonense que se criara em Pelotas (bacharelado em Coimbra) foi forçado a naturalizar-se cidadão inglês para não ser recambiado a Portugal a pedido da inquisição católica, que queria queimá-lo em suas fogueiras "purificadoras", pois como se sabe, Hipólito era acusado de ser "fra-maçon", ou pedreiro-livre, conforme a linguagem da época.

O primeiro exemplar do "Correio Braziliense" circulou a 1º de junho de 1808. Durou 15 anos, tendo encerrado sua circulação ao ser conquistada a Independência.

Foi um jornal político, literário, econômico e de cultura geral, aliás, conforme atestava seu cognome: "Armazém Literário". Mas parece não restar dúvida que era mais político do que todo o resto. Dele disse José Veríssimo, no Livro do Centenário: "Na enumeração dos mais notáveis jornais brasileiros, sobretudo daqueles que exerceram influência no espírito público do País, seria imperdoável esquecer o Correio Braziliense, não obstante haver sido escrito do estrangeiro".

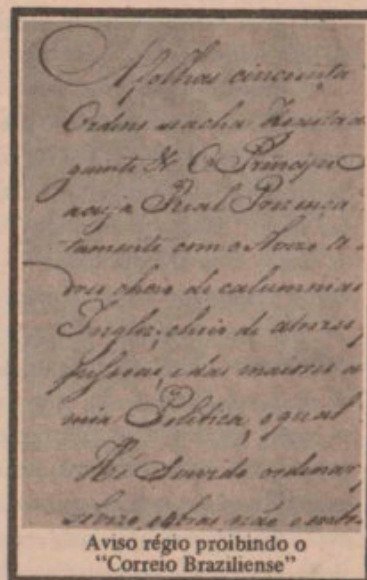
Não há dúvida. O "Correio" de Hipólito da Costa preparou o caminho para a Independência. Foi Hipólito, através do seu jornal, por assim dizer, o precursor da propaganda da Independência e a grande voz que clamou já no princípio do século XIX pela abolição da escravidão negra no Brasil, essa nódoa que há-de envergonhar sempre os brasi-

leiros de moral sã e bons princípios de ética e de caráter.

Vernhagen disse dele: "Não creio que nenhum estadista conhecesse mais para preparar a formação no Brasil de um Império Constitucional do que o ilustre redator do Correio Braziliense".

Sem dúvida. Tão forte e atuante foi a participação do jornal de Hipólito José da Costa nos albores da nacionalidade brasileira que a atenção da Corte, para combatê-lo chegou a fundar e estipendiar em Londres dois jornais: a "Gazeta Nacional" e o "Investigador Português". A estes dois jornais, cuja missão, a soldo português, era denegrir o trabalho de Hipólito da Costa, deve-se atribuir as calúnias que foram lançadas e que por algum tempo conseguiram denegrir a memória do grande brasileiro.

A própria História porém (História com "H" maiúsculo), tem na gênese da sua formação um laboratório de idéias novas. E por mais que tenham-no combatido os jornalecos estipendiados pela Corte, a memória do patrono do jornalismo brasileiro cada vez ergue-se mais no consenso geral da nacionalidade.



O que nos falta agora é a transferência da data em que se comemora o Dia do Jornalismo Brasileiro. O 10 de setembro, que homenageia a "Gazeta", órgão oficial do dominador é uma data execrável. Jornalistas, historiadores, patriotas e intelectuais em geral neste País, indicam o 25 de março (data do nascimento de Hipólito da Costa) ou o 1º de junho quando circulou o primeiro exemplar de seu jornal, o "Correio Braziliense" (R.Q.).



**Milho...
e só milho
em sua lavoura.**

Quem conhece
PRIMEXTRA 500 FW
pode esquecer as ervas daninhas.

PRIMEXTRA 500 FW
o herbicida seletivo
para milho, comprovado.

CIBA-GEIGY
CIBA-GEIGY QUÍMICA S.A.
Divisão Agroquímica
Av. Santo Amaro, 5137
Tel: 241-0691
São Paulo - SP



"em cada pedacinho de terra um amigo CIBA-GEIGY"

Desejo receber gratuitamente o boletim Técnico Primextra 500 FW.
Nome: _____ Rua: _____
Cidade: _____ Estado: _____



É BACH. O RETORNO GLORIOSO DO GÊNIO

Esta Seção já se ocupou de Johann Sebastian Bach. Foi na edição de outubro de 1976, sob o título "Bach, um nome que simboliza música". Naquela breve comentário ocupamos de sua biografia, aqui analisamos mais alguns detalhes da sua obra.

Aliás, os amantes da música bachiana podem enriquecer suas discotecas, pois a Phonogram lançou há algum tempo

40 discos com a quase totalidade da obra do genial mestre alemão. São 20 LPs para música vocal e outros 20 com a música instrumental. Na primeira série estão as Paixões Segundo São Mateus e São João, a Missa em Si Menor, o Oratório de Natal e o Magnificat. Ainda mais quatro Missas Breves, três Cantatas de Pentecostes, Canções Sacras e motetes.

Nos 20 volumes destinados à música instrumental, o

maior destaque, sem dúvida, deve ser dado as Aberturas para Orquestras, os Concertos de Brandeburgo e as Sonatas e Partidas para violino-solo. Os críticos encontram lacunas no lançamento, como a ausência do Cravo Bem-Temperado, das Suites para Violoncelo-Solo e da Arte da Fuga. Mas as Suites para Alaúde bem como as Sonatas para Violino e Cravo, estão presentes.

Karl Richter é o regente. Comanda com sua reconhecida competência a quase sublime Orquestra Bach de Munique, com a participação de um elenco de solistas de primeiro nível. Ernst Haefliger, Fischer-Dieskau, Gundula Janowitz, Hertha

Topper, Anna Reynolds e Peter Schreier, são algumas das vozes (privilegiadas) que desfilam nas diversas obras.

É muito difícil fazer destaques especiais às interpretações. Mas cabe mencionar a fabulosa interpretação Ernst Haefliger como o Evangelista das Duas Paixões, o senso rítmico e a vibração de Karl Richter, especialmente nas fugas, a plasticidade sonora do Coro Bach de Munique nos diversos corais, a clássica nobreza e firmeza interpretativa do soprano Anna Reynolds, bem como as participações de Fischer-Dieskau e Peter Schreier, donos de vozes realmente fantásticas.

Na soma geral, fica o as-

sombro do ouvinte ante a grandiosidade da obra de Bach e a gratificante constatação que essa produção monumental resiste os séculos sempre moderna e atual.

E o mais surpreendente de tudo, no dizer do crítico Ronaldo Miranda, é que essa obra partiu do cérebro de uma personalidade simples e sincera, que não fazia alarde de suas criações, mas apenas acreditava naquilo que realizava. Ressalta também Ronaldo Miranda um pensamento de reconhecimento a Felix Mendelssohn, cujo trabalho de divulgação da obra bachiana foi decisivo para que ela renascesse e fosse mundialmente reconhecida.

POESIA

SOLIDÃO

PABLO NERUDA

Há quatro anos atrás, em 24 de setembro de 1973, morria Pablo Neruda. Talvez, o mais fecundo entre os grandes poetas contemporâneos em língua espanhola.

O poema que publicamos é um dos últimos de Neruda, publicado no livro "Ainda", onde ele rememora a terra chilena, por onde andou menino e adolescente, viajando com o seu pai, maquinista de trem.

A tônica do poema é a palavra "solidão". E dizer que Neruda morreria pouco depois, mas não sem antes constatar que seu País em verdade mergulhava por inteiro numa noite de solidão. Ainda bem que a mão da morte o libertou de viver a longa noite. Mesmo porque, ele era dotado de muita sensibilidade para suportá-la.

I

Abaladora foi a noite de setembro.
Eu trazia na roupa
a tristeza do trem que me trazia
cruzando uma por uma as províncias:
eu era esse ser remoto
turbado pela fumaça do carvão
da locomotiva.
Eu não era
Tive de encarar então a vida.
Minha poesia me incomunicava
e me agregava a todos
Naquela noite
me coube declarar a Primavera.
A mim, pobre sombrio,
me fizeram desatar a vestimenta
da noite desnuda.

II

Tremi lendo ante duas mil orelhas
desiguais, meu canto.
A noite ardeu
com todo o fogo escuro
multiplicando-se na cidade,
na urgência imperiosa do contato.
Morreu a solidão aquela vez
ou nasci eu de minha solidão?

Perdão se quando quero
contar minha vida
é terra o que conto.
Esta é a terra.
Cresce em teu sangue
e cresces.
Se se apaga em teu sangue
te apagas.

III

Yumbel
Yumbel, Yumbel
De onde
saiu teu nome ao sol?
Por que a luz
tilintea em teu nome?
Por que, pela manhã,
teu nome como um raio
sai soando das ferrarias?

IV

Temuco, coração de água,
patrimônio
do digital: outrora
tua casa arbórea
foi sino e berço
de meu canto
e fortaleza
de minha solidão.

TIETA DO AGRESTE, UMA OBRA-PRIMA DE CORDEL

E Jorge Amado conseguiu realizar velho e acalentado sonho, que o acompanhava desde menino, talvez até inconscientemente. Com *Tieta do Agreste* (pastora de cabras ou a volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e comovente epílogo: emoção e suspense), ele transplantou para a prosa o ver-sejar de ritmo vibrante e apaixonado do nordestino, dando-lhe uma conceituação vernacular escoreita, numa sintaxe plana de bela e inspirada oratória de saltimbanco espanhol.

E só podia ser Jorge Amado. Nem um outro autor nacional traz na gênese da própria psique a alma do Nordeste enraizada no coração. Amado é baiano até a medula: vive a Bahia em todos os seus momentos e ocasiões. Mas sem que deixe de amar menos a Bahia, ama todo o Nordeste, desde Salvador à Fortaleza, com o amor santificado de um beato calabrês. Conserva eternamente na retina a visão dos cacauais que margeiam as imensidões litorâneas entre o mar e o sertão baiano. O cheiro da terra seca no mundo crestado da caatinga, vive em suas narinas com a mesma intensidade que os velhos lobos do mar sentem no olfato, a salina iodada dos oceanos.

Todo esse amor ao Nordeste transparece em *Tieta do Agreste*. E o leitor, aos poucos, passa a participar desse amor com a intensidade e dedi-

cação de um alucinado. Nas modas de viola, nos cantadores de embolada, nos pregoeiros de laidinha; nas vaquejadas, na capoeira, ao ritmo de berimbau e sobretudo no andar faceiro da baiana que tanto pisa tímida imitando a gazela assustada ante a inesperada presença do caçador, como também saltita forte e retumbante no asfalto carnavalesco, equilibrando um festivo tabuleiro colorido. Essa Bahia toda e esse Nordeste, estão nas páginas de *Tieta do Agreste*.

É o romance mais popular de todos os tempos. Espécie de cordel de luxo, "melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e um epílogo", conforme dá em detalhado e extenso segundo título, bem no estilo dos folhetins dos cavaleiros andantes da Idade Média e conforme titularia obra semelhante um Dom Miguel de Cervantes Saavedra, um Dom Francisco Gomez de Quevedo Y Villegas ou mais recentemente, um Ramón de Campoamor Y Campoosório.

Essa a sensação que se tem ao ler *Tieta do Agreste*. Sem dúvida, Jorge Amado deve considerar-se realizado. Uma obra-prima do gênio humano, escrita em estilo leve e popular, conforme o gosto da absoluta maioria do leitor brasileiro. Nas livrarias ao preço (nada popular) de 160 cruzeiros. Uma distribuição SULINA no Rio Grande do Sul (Ral Rodri).



CONCURSO UNIBANCO

O Concurso Unibanco de Literatura (gênero conto), com certeza, foi o que até hoje conseguiu o maior número de participantes: 13.300. E também foi o que instituiu a maior quantia financeira como prêmio: Cr\$ 300 mil cruzeiros.

Após diversas semanas lendo e selecionando, a comissão julgadora formada pelos escritores Antonio Houaiss, Geraldo Galvão Ferraz, Ignácio Loyola Brandão, João Antonio, Ligia Fagundes Telles, Marcilio Marques Moreira e Otto Lara Resende, indicou os 10 premiados.

O primeiro lugar coube ao publicitário carioca Rui Carlos Lisboa com o conto "A donzela do Parque Ipituba" e recebeu como prêmio a quantia de 100 mil cruzeiros.

CÂMARA DO LIVRO COM NOVA DIRETORIA

O jovem Leopoldo Bernardo Boeck Filho substituiu na presidência da Câmara Rio-Grandense do Livro ao veterano livreiro Maurício Rosenblat, que se recolhe após um longo período de gestão a frente da nobre instituição.

O novo presidente é diretor da Organização Sulina de Representações e da Livraria e Editora Sulina. Dentre os empreendimentos mais representativos e a curto prazo pela atual diretoria está a XXIII Feira do Livro, cuja realização anual ocorre durante a última quinzena de outubro de cada ano.

A nominata da diretoria eleita e já empossada é a seguinte: Leopoldo Bernardo Boeck Filho, presidente; Dino Del Pino, vice-presidente; Roque Jacobi e Leon Dziekmiak, secretários; Eduardo Luizelli e Radamés de Nerva Bueno, tesoureiros e Josefina Gama e Silva, bibliotecária.

SUGESTÕES DE LEITURA

MANUAL PRÁTICO E TÉCNICO DE AGRICULTURA: Ody Silva, São Paulo 1977, 304 páginas.

O presente livro é preparado por uma equipe de professores do Instituto Campineiro de Ensino Agrícola e o seu objetivo é alcançar a leitura de leigos, no assunto, como os encarregados de criação ou tratadores de animais domésticos (bovinos, equídeos, suínos e outros). Não se trata de um livro que focaliza a medicina veterinária que é assunto bem mais complexo.

Os autores reuniram uma série de noções práticas e úteis que servirá de auxílio aos interessados. O livro enfoca os seguintes assuntos: cuidados de higiene; profilaxia das enfermidades transmissíveis; colheita de material para exame; contenção dos animais; doenças dos bovinos, equídeos e suínos; e inseminação artificial.

PARA GOSTAR DE LER, de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, Editora Ática, 76 páginas.

Sem dúvida, os quatro autores estão entre

os primeiros da crônica brasileira. O livro que agora lançam é o primeiro de uma série didática que se propõe a despertar, sobretudo nos estudantes, o gosto pela leitura. Mas os autores se explicam na apresentação do livro: "Este livro não tem a intenção de ensinar coisa alguma a você. Nem gramática nem redação nem qualquer matéria incluída no programa de sua série. Nós só queremos convidar você a descobrir um mundo maravilhoso, dentro do mundo que você vive. Este mundo é a leitura. Está à disposição de qualquer um, mas nem toda gente sabe que ele existe, e por isso não pode sentir o prazer que ele dá. Ela nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Daí por diante a leitura ficará sendo um hábito, e esse hábito leva a novas descobertas. Uma curtação".

As crônicas dos quatro autores foram divididas por assunto, com um trabalho de cada um sobre cinco temas: crianças, animais, tipos humanos e a linguagem no mundo do consumo e o homem. No livro ainda consta um suplemento de trabalho para estudantes.

PRÊMIO ILHA DE LAYTANO

O vencedor do prêmio Ilha de Laytano, entregue anualmente em Porto Alegre para os melhores trabalhos literários do Rio Grande do Sul foi Luiz Antonio Assis Brasil com o livro "Um Quarto de Lágua em Quadro".

Nesse livro, Assis Brasil trata dos costumes gaúchos no

século XVIII, principalmente o povoado açoriano no Estado. Ele recebeu um prêmio de Cr\$ 3.000,00 e mais uma estatueta de Francisco Stockinger.

O segundo lugar ficou com a obra "O gaúcho Martin Fierro e Antonio Chimango, de autoria do professor Arthur Rabuske, que faz uma compa-

ração dessas duas personalidades.

A comissão julgadora que analisou os trabalhos esteve composta pela escritora Mila Cauduro e pelos professores Artur Ferreira Filho e Luiz Carlos de Mesquita Rothmann. O prêmio Ilha de Laytano tem estimulado os novos.

HIPERGRAN

PERGUNTA Por que pagar mais na hora da adubação para ter a mesma produção?

A resposta está com os campeões da Produtividade, que são também os Campeões da Economia.

Não é preciso fazer grandes contas.

Veja os preços e compare.

Cada quilo de Hipergran aplicado na sua lavoura representa menos cruzeiros que saem de seu bolso. Está provado, Hipergran tem sempre uma formulação mais econômica do que os adubos convencionais e atende rigorosamente as necessidades das culturas.

Hipergran é garantia. É segurança.

É certeza de superprodução com menor custo de adubação.



Quem sempre usou a fórmula convencional 4-30-10 e passou a usar HIPERGRAN N° 43010, sabe que está aplicando a garantia 4-21-10. * Por isso o Sr. Jorge Kommers - Ijuí (RS), aplicou 100 kg/ha de HIPERGRAN 4-21-10 (Calagem: 3.000 kg/ha), em sua lavoura de soja com 1.385 ha, variedade Bossier e obteve a produção comprovada de 2.340 kg/ha (39 sacos/ha).

* Reg. Min. Agric. RS-1409.

Garantias: N 4%; P₂O₅ sol. á. citrico 2% - 1.100 - 21%; K₂O sol. água 10%; P₂O₅ sol. água 12%



companhia riograndense de adubos

Porto Alegre - Rio Grande - Passo Fundo - Florianópolis
Curiúba - Patanaguá - São Paulo - Maceió

A IMPRENSA E O PERIGO DO FUMO

O "Diário Popular" de Pelotas, em sua edição de 23 de julho último, publicou o seguinte editorial onde destaca a política de saúde do governo dos Estados Unidos em relação ao mal do cigarro:

A Comissão Federal de Comércio, de Washington, considerando que o hábito do cigarro não representa apenas um perigo para a saúde, mas pode ocasionar a morte do fumante, instou os legisladores norte-americanos, em seu informe anual ao Congresso, a aprovarem uma série de medidas de advertência.

Dentre elas, os textos a serem impressos nos maços de cigarros devem indicar mais concretamente o mal que causa o fumo, salientando inclusive o total de alcatrão e nicotina contido em cada unidade. A preocupação da citada Comissão decorre da observação de que as medidas em vigor, impostas por lei de sete anos atrás, são insuficientes para atingir os objetivos visados e, portanto, o problema deve ser reexaminado na esfera legislativa.

Como se vê, nos Estados Unidos a questão é encarada com muita seriedade, ao contrário do que acontece em nosso País. Aqui, campanhas têm sido desenvolvidas contra o vício do fumo. Ainda há poucos meses, a Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul empreendeu amplo movimento nesse sentido, obtendo apoio de todos os círculos, inclusive, da área oficial.

A imprensa, de um modo geral, deu-lhe cobertura, e alguns veículos continuam a difundir matéria destinada a alertar os fumantes para os perigos a que se estão expondo, dia após dia.

Nada, contudo, há a registrar quanto a determinações de origem governamental suscetível de evidenciar toda essa situação, como, por exemplo, a inscrição nos pacotes e maços de cigarros, de textos de advertência, tais os que se usam nos Estados Unidos.

E, enquanto isso, milhões de brasileiros continuam se envenenando, sem se aperceberem dos danos que o fumo lhes vem acarretando à saúde.

AS DOENÇAS E A FOME

A tuberculose, que foi a principal causa de óbitos até o primeiro quartel deste século, está prestes a ser totalmente erradicada e o mesmo deverá acontecer com as doenças infecciosas. Em compensação, os tumores malignos percorrem uma curva de evolução, assim como os acidentes cardio-vasculares e cerebrais.

A ciência médica, assim como praticamente erradicou as doenças pulmonares e infecciosas, tem esperanças de também vencer o flagelo do câncer, pois prosseguem as pesquisas em busca de descobertas na maior parte do mundo científico. Se tal for conseguido, e se a ciência médica vencer também os males de origem cardio-vasculares, o homem viverá mais.

Então, o aumento das faixas etárias somado ao crescimento demográfico no mundo, vai ampliar a preocupação com os alimentos. A fome, em certo sentido, é a mais maligna das doenças.

Essa circunstância, em nada remota, visto que já acontece em extensas regiões da Ásia, da África e América Latina, deve sensibilizar-nos para que passemos a nos preocupar com pesquisas paralelas mais amplas, no campo da produção de alimentos. E a terra, a matéria-prima única e finita para a produção desses alimentos, olhada com mais carinho e tratada com maior zelo, pois nossa vida depende exclusivamente da Terra.

INGLATERRA MOSTRA O MAL DO CIGARRO

O cidadão londrino liga o televisor e assiste o drama de uma família que acaba de receber a notícia da morte da mãe atacado de câncer pulmonar. Outro filme focaliza mulheres grávidas sendo esclarecidas sobre os males que o fumo causa às gestantes e aos bebês. Ainda um terceiro filme mostra um grupo de cidadãos tossindo insistentemente e demonstrando problemas respiratórios; catarro crônico e chiado no peito, problemas característicos dos

doentes atacados pelo cigarro.

O Governo inglês não dá tréguas a um assassino de milhões chamado cigarro. Mas não só a Inglaterra dá ênfase a acirrada luta contra o mal do fumo. Os demais países da Europa, a América do Norte e a União Soviética agem aos poucos no sentido de considerar o fumante uma espécie de doente, cujo contato com o público deve ser evitado.

Se a Inglaterra exhibe filmes de televisão nos melhores

horários de audiência mostrando os males ocasionados pelo cigarro e os Estados Unidos obrigam os fabricantes a imprimirem nos maços de cigarro as doenças que estes provocam, a União Soviética está proibindo os cidadãos de fumarem em lugares públicos, principalmente nos estádios esportivos e nos restaurantes. Sem dúvida, é o mundo culto que se rebela contra o terrível vício-doença do cigarro.

EM PORTO ALEGRE I CICLO NACIONAL DE CANCEROLOGIA

O INPS promoverá na Capital do Estado, entre 7 e 8 de outubro vindouro, o I Ciclo Nacional de Cancerologia. O Ciclo é em continuidade ao Programa de Controle do Câncer, instituído pela Secretaria

de Assistência Médica do Instituto, e já implantado em todos os Estados da Federação.

O Ciclo tem por objetivos, previstos para o quinquênio 1976-1980, a generalização do exame preventivo do colo

uterino à toda a população feminina adulta do País. Pretende também reduzir o número de casos novos, aumentar o número de curas e reabilitações e com isso, diminuir a taxa de mortalidade causada pelo mal.

O CIGARRO E OS AVIÕES

A cada dia que passa o mundo civilizado vai fechando o cerco contra o mal do cigarro. Segundo vem de noticiar os jornais, as empresas aéreas com base na Europa estudam a possibilidade de exigir da empresa norte-americana "Eastern Airlines" a reserva de 65% dos lugares de seus vôos para passageiros não-fumantes.

Os passageiros não-fumantes consideram os fumantes pessoas doentes de mal contagioso, portanto incapazes de sentar lado a lado com os saudáveis; isto é, os não-fumantes.

Ao lado do argumento dos passageiros não fumantes, que consideram sua saúde prejudicada ao sentarem junto com os doentes-fumantes, acrescenta-se também o aumento do número de conscientização entre o próprio pessoal das tripulações dos aviões, que argumentam em termos de segurança para os vôos, pois o fumante não é só um mal à saúde do próximo mas também um perigo à segurança dos aviões. As tripulações aéreas do mundo inteiro lembram o acidente com o "Boeing" da VARIG em Paris, que vitimou quase uma centena de passageiros. A causa? uma bagana de cigarro lançada acesa na cesta de papéis usados no sanitário do avião.

Sim, foi uma simples e aparentemente inofensiva bagana de cigarro a responsável pela tragé-

dia que deu milhões de cruzeiros de prejuízos e vitimou uma centena de pessoas.

MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.

DIVERSIFICAR PARA GARANTIR LUCROS

por ACARI AMORIM

A preocupação não é somente da Cotrijui. Hoje, em quase todas as cooperativas gaúchas existe a mesma idéia: diversificar a produção. E os próprios associados estão aos poucos percebendo que não é seguro e nem vantajoso manter apenas o cultivo de um ou dois produtos. Muito mais quando esses produtos são o trigo e a soja, que a cada ano apresentam problemas diferentes, como a queda da produção, dos preços, pragas e doenças.

Agora o agricultor já sabe que é um absurdo ele comprar a cada dia um saquinho de leite no supermercado, ou um frango para o almoço do domingo.

Então, a solução é mesmo diversificar. O quanto mais possível. Assim toda a família conseguirá um lucro maior. Os filhos não vão querer ir para a cidade e nunca mais voltar; haverá trabalho durante todo o ano. Claro, não se vai acabar com o trigo e a soja. Apenas se quer uma melhor distribuição desses cultivos. Quem sabe, durante quatro anos se planta forrageiras e cria gado numa determinada área. Em outra área, ao lado, então se planta trigo e depois soja. Quando completar os quatro anos, se faz uma troca de lugar: onde se plantava forrageiras vai se plantar trigo e soja. E no lugar antes do trigo e da soja, passa-se a plantar forrageiras para o gado se alimentar. Assim o solo estará sempre fértil, com bastante matéria orgânica do gado e das forrageiras.

Aliás, é sobre plantação de forrageiras, criação de gado e a própria diversificação da lavoura que o Cotrijornal fez perguntas para o engenheiro agrônomo da Cotrijui, Renato Borges de Medeiros que diariamente lida com esses assuntos.



Renato Borges de Medeiros

Cotrijornal: Conforme o seu estudo sobre a formação e manejo de pastagens, publicado no início do ano pela Secretaria da Agricultura, o gado é o mais necessário e o principal fator na diversificação da produção. Quais serão as vantagens técnicas e econômicas que o agricultor encontrará com esta atividade?

Renato Borges de Medeiros: As vantagens técnicas estariam no aproveitamento racional do solo. Isso significa que o agricultor utilizaria o solo de acordo com a sua capacidade de utilização. Em termos econômicos, estaria em primeiro lugar, a possibilidade de contar com outro lucro financeiro. Com a criação do gado, o proprietário terá possibilidade de destinar as terras melhores, menos sujeitas a erosão, ao cultivo de grãos, como trigo e soja. E as terras mais sujeitas a erosão, a formação de pastagens perenes. Dessa maneira, os cultivos anuais estariam nas melhores áreas, o que sem dúvida, possibilitaria melhores rendimentos.

Outro benefício dessa integração da lavoura pecuária é a possibilidade de rotacionar os cultivos de grãos com as culturas forrageiras. Isso levará o agricultor a alcançar uma agricultura mais segura e permanente. Esse equilíbrio, creio eu, deve ser perseguido com a máxima brevidade possível, para não comprometer a fertilidade e a capacidade produtiva do nosso solo.

Cotrijornal: Para se obter resultados satisfatórios na criação de gado é preciso ter boas plantações de forrageiras como alimento. O que é necessário para se obter um bom resultado com plantações das forrageiras?

Renato: Em primeiro lugar é importante que o produtor entenda que produção pecuária, nas nossas condições, ainda depende basicamente de forrageiras, pastagens. Alguns técnicos propagam a idéia da criação semi ou totalmente confinada, com alimentos baseados em rações. Entretanto sabemos que nas nossas condições, pelo alto valor dos grãos, estes sistemas comprometem os custos da produção. Mas se o agricultor optar por um sistema de pastagens, o que considero o mais correto, ele deverá elaborar um plano de estabelecimento de pastagens, utilizando as espécies mais adequadas as condições da sua propriedade, como o clima, solo, tamanho da propriedade, tipo de exploração (leite ou carne), etc. . .

Cotrijornal: E quais seriam as espécies de forrageiras mais indicadas para a região da Cotrijui?

Renato: De acordo com as observações locais e dos resultados de pesquisas das várias estações experimentais do Estado, já é possível relacionar as espécies

de forrageiras mais recomendáveis para a nossa região. As anuais de verão são o milheto comum, o sorgo forrageiro e o feijão miúdo. As perenes de verão são a setária Kazungula, a panicum gaton, pensacola, bermuda, rhodes, pasto elefante, desmodio siratro e alfafa crioula. Como anuais de inverno temos a aveia, o centeio, a azevém e trevo yuchi. E as perenes o trevo branco e a festuca.

Cotrijornal: Pode-se perceber que em diversas propriedades o gado perde durante o inverno cerca de 50 por cento do peso adquirido no verão. A integração lavoura e pecuária poderia modificar esse quadro?

Renato: Acredito que sim. Para se modificar essa situação é necessário melhorar o campo nativo, introduzir pastagens cultivadas e armazenar forragens, na forma de feno e silagem, para fornecer aos animais nos períodos de crise de alimentos, que geralmente ocorre no fim do outono e do inverno. Para se conseguir isso, a integração da lavoura com a pecuária é indispensável, uma vez que a atividade pecuária poderá se apoiar na infraestrutura existente para a lavoura.

Cotrijornal: A diversificação da lavoura já é hoje uma necessidade ou apenas uma precaução para o futuro?

Renato: É uma necessidade, sobre vários aspectos. Principalmente porque precisamos determinar sistemas de produção que nos permitam desenvolver uma agricultura racional e com rendimentos crescentes, onde o solo jamais poderá ser desgastado. Hoje, já é comum encontramos afirmações em literatura de que o solo deve ser considerado apenas o suporte da produção.

Isso significa que se deve mantê-lo com todos os seus constituintes, como a matéria orgânica e os minerais, etc. . .

Cotrijornal: Por falar em literatura agrícola, diversos autores, de um modo geral, afirmam que os cultivos anuais, sem rotações com cultivos perenes, conduzem ao esgotamento dos solos. Isso estaria ocorrendo aqui na região da Cotrijui, como nas demais regiões de todo o Estado, onde se planta apenas trigo e soja?

Renato: Esse fato já se pode constatar. Mas ainda não ao nível de comprometer os rendimentos atuais. A erosão determinada por sistemas rígidos de cultivo, aliada a ausência de rotações culturais, tem sido as principais causas para que isso ocorra. Posso reforçar essa ocorrência citando as diferenças nos teores de matérias orgânicas dos solos virgens e dos solos cultivados com trigo e soja. Veja bem: nos solos virgens (onde foi mato natural) o teor de matéria orgânica é de 7%. Já nos solos plantados com trigo e soja, há vários anos, anda em torno de 2%. Isso me parece muito significativo, quando se considera os rendimentos futuros dos cultivos. Também se sabe que num solo com alta quantidade de matéria orgânica, a água pode penetrar 60 centímetros em apenas uma hora. Enquanto num solo com baixo teor de matéria orgânica a água penetra apenas 4 centímetros em uma hora. Me parece que esses dados comprovam que pouco adianta o solo sem a presença da matéria orgânica. Vale ressaltar que a matéria orgânica pode ser obtida em cada propriedade, enquanto os adubos de forma geral devem ser importados.

Cotrijornal: Que saída o agricultor terá quando perceber que o solo não está mais rendendo o suficiente, que a cada ano está se reduzindo o seu lucro?

Renato: Se o agricultor perceber que os rendimentos estão sendo comprometidos, o que eu já afirmei que está ocorrendo, ele terá a saída de buscar um sistema de produção onde as pastagens rotacionem com as culturas anuais. Pois os benefícios das pastagens nas rotações tem sido comprovadas em todos os países de agricultura desenvolvida. Ou seja, as pastagens atuam na melhoria da granulação do solo, aumentam o teor de matéria orgânica, principalmente quando nessa pastagem é incluída uma forrageira leguminosa. A alfafa, por exemplo, pode sintetizar até 200 quilos/ha de nitrogênio por ano. Boa parte deste nitrogênio ficará no solo a disposição dos cultivos subsequentes.

Cotrijornal: Qual seria o mínimo necessário para o agri-

cultor diversificar a sua produção?

Renato: Não há um estudo que nos permite dimensionar os sistemas de produção. Entretanto parece que há um consenso geral de que o produtor com uma propriedade menor que 10 hectares, em decorrência da alta disponibilidade de mão-de-obra, deve se dedicar a suinocultura, horticultura e fruticultura. Nas propriedades entre 10 a 15 hectares, o produtor poderá organizar a produção de leite. Nesse tipo de propriedade o produtor pode utilizar parte das áreas adequadas para os cultivos anuais, como soja e trigo. Pelo fato da área ser um pouco maior, é possível produzir leite a base de pasto, contando com mão-de-obra que é fundamental nesse tipo de produção. Nas áreas superiores a 50 hectares pode-se desenvolver a pecuária de corte em perfeito equilíbrio com o cultivo de grão. Essa combinação é conveniente, porque os produtores com áreas deste tipo geralmente possuem uma alta mecanização e pouca disponibilidade de mão-de-obra.

Cotrijornal: O cultivo do trigo e soja exige uma crescente utilização de maquinário. Com isso, sempre mais está sobrando mão-de-obra na zona rural. Esse fato reforça ainda mais a diversificação da lavoura . . .

Renato: É evidente. E isso implica em acenar sistemas de produção adequados aos fatores de produção disponíveis. Nesse caso, a diversificação é a alternativa, que resolverá, em parte, esse sério problema, que podemos afirmar ser o principal causador do vertiginoso crescimento das cidades.

Cotrijornal: O incentivo para a diversificação da produção dos agricultores, também exige boas condições de comercialização, distribuição, armazenagem e transporte. Quais as perspectivas para os diferentes produtos que estão sendo incentivados na região da Cotrijui?

Renato: É claro que de nada adiantaria nós conduzirmos os agricultores para uma produção diversificada se não considerarmos esses aspectos. Mas a Cotrijui, e de um modo geral o sistema cooperativo, está procurando encaminhar essas soluções. Pode-se citar a entrada da Cotrijui no mercado da carne, através da incorporação da cooperativa de Dom Pedrito e pelo início da construção da usina da Central das Cooperativas Gaúchas de Leite (CCGL) em Ijuí. Além disso, pode-se acrescentar, em relação a suinocultura, horticultura e fruticultura que já começam a surgir idéias visando estimular a produção e estudar mecanismos de comercialização.

NOVO RUMO PARA A PECUÁRIA LEITEIRA

Med. Vet. Otalíz de Vargas MONTARDO

As obras da Usina Central da CCGL — Coop. Central Gaúcha de Leite — em Ijuí já foram iniciadas. Prevê-se em maio do próximo ano, pelo menos parte desse complexo industrial já esteja em operação. Isto representa um marco significativo na história da nossa pecuária leiteira, bem como promoverá transformações efetivas no próprio modelo econômico regional. É uma nova alternativa que se estabelece para uma região cuja aptidão para a produção de alimentos não mais pode ficar limitada ao binômio trigo-soja.

Por outro lado, o fato da CCGL criar boas condições para a comercialização do leite implica na necessidade de uma ampla reformulação nos padrões atuais da nossa pecuária leiteira. Se é verdade que a política de preços vem sendo constantemente questionada pelos produtores, também é verdade que a eficiência produtiva da pecuária leiteira gaúcha não tem se comportado de modo a justificar maiores reivindicações. Não se pode esperar bons rendimentos econômicos de uma exploração leiteira cuja produção em termos quantitativos e qualitativos compromete a própria eficiência do processo de industrialização. Parece-nos mais razoável que o produtor se empenhe em primeiro lugar na melhoria daquilo que está ao seu alcance, ou seja, a produtividade da sua exploração. Para tanto é preciso que o produtor utilize adequadamente os instrumentos que estão sendo colocados à sua disposição, tais como crédito e assistência técnica.

A linha de crédito que financiará os

investimentos na pecuária leiteira está sendo estabelecida pelo Banco Central através do programa denominado PROPEC. Espera-se para breve a liberação desse programa através do qual o produtor conseguirá recursos para a implantação dos projetos leiteiros. As taxas de juros e prazos de pagamento serão adequados às características de evolução da exploração leiteira.

Quanto à assistência técnica, o associado da COTRIJUI tem hoje à sua disposição uma estrutura capaz de acompanhar todas as fases do processo produtivo. Desde a semente de forrageira até a inseminação artificial e a programação sanitária, o produtor pode contar com o assessoramento efetivo de uma equipe disposta a estreitar cada vez mais a relação técnico-produtor, porque entende que o valor do conhecimento técnico deve ser medido pela sua capacidade de aplicação no campo. É por essa razão que o setor de assistência à pecuária leiteira do Departamento Técnico da COTRIJUI já está trabalhando junto àqueles produtores que, por sua tradição na produção leiteira ou por seu propósito de se integrar concretamente nessa atividade, estão sendo organizados em grupos e orientados no sentido de criarem as condições necessárias para a implantação dos projetos leiteiros.

Garantida a comercialização da produção e assegurados os instrumentos capazes de promover o aumento da produtividade, cabe ao produtor assumir conscientemente o seu papel dentro da nova dimensão que se propõe para a pecuária leiteira a partir da criação da CCGL.

NOTA FISCAL DE PRODUTOR TEM VALIDADE ESTIPULADA

A Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul está procedendo ao recadastramento de todos os produtores gaúchos, tendo em vista a implantação do novo controle de fiscalização do setor primário.

Uma das novidades do novo bloco de notas, é que traz impresso um prazo de validade para uso, o que até então não ocorria. Ao se recadastrar, o produtor receberá dois blocos personalizados, isto é, com a impressão de prefixo, inscrição, nome e endereço. Tendo em vista a importância de que este recadastramento ocorra com a maior brevidade possível, fiscais do ICM e representantes

das coordenadorias de arrecadação e exatarias do Estado, têm promovido reuniões com representantes de sindicatos de trabalhadores rurais e das prefeituras.

Para facilitar o recadastramento, a Secretaria da Fazenda firmou convênio com a FETAG, através do qual todos os sindicatos de trabalhadores rurais ficam autorizados a encaminhar a reinscrição dos produtores de sua área de ação. É importante, pois, que os produtores compareçam a seus sindicatos, já tendo consigo o bloco antigo das notas fiscais, um documento de identidade e o título de propriedade ou de utilização do imóvel.

PALESTRA SOBRE COMUNICAÇÃO

Um curso sobre comunicação foi ministrado pelo professor Antonio Fernandes Deleó entre os dias 22 a 23 de agosto último, no auditório da Cotrijui. Participaram desse

treinamento integrantes do departamento técnico e do setor de educação e comunicação da Cotrijui, além de alunos dos cursos de cooperativismo da FIDENE.

FUNGICIDAS RECOMENDADOS PELA COMISSÃO SUL BRASILEIRA DE PESQUISA DE TRIGO, RS — 1977

	NOME TÉCNICO	NOME COMERCIAL	% PRINC. ATIVO	DOSAGEM kg/ha	DOENÇA
GRUPO I	Dinocap	Karathane	22,5	0,6 — 1,0	OÍDIO
	Enxofre molhável	Várias marcas	80	2,0 — 4,0	
	Ethirimol	Milgo E	28	1,0	
	Oxítioquinox	Morestan	22,5	0,5 — 0,7	
	Triadimefon	Bayleton	25	0,5	
GRUPO II	Maneb,	Maneb Sandoz	80	2,0 — 2,5	FERRUGENS DA FOLHA E DO COLMO E SEPTORIA
	Maneb — Ativado ou Mancozeb	Manzate D Dithane M 45			
	Thiram	Rhodiauram	50	2,0 — 3,0	
	Ziran	Rodisan	50	2,0 — 3,0	
	Captafol + Maneb	Horto-Difolatan 4F + Manzate D ou Maneb Sandoz ou Dithane M 45	40 + 80	2,0 + 1,0	
GRUPO III	Benomil	Benlate	50	0,5	GIBERELA E SEPTORIA
	Carbendazin	Derosal	60	0,5	
	Metiltiofanato	Cercobim M 70	70	0,7	
	Thiabendazole	Cycosim Tecto 40 F	45	0,5 — 0,7	

Use espalhante adesivo sempre que for recomendado pelo fabricante.

PROTEJA O SEU TRIGO E SUA PELE

Use Dimetoato da Montedison (Rogor) — um produto de altíssima eficiência e baixíssimo índice de toxidez dermal.

Recentemente uma equipe de pesquisadores do CNPQ de trigo Embrapa, Passo Fundo, RS, fez um estudo comparativo entre 15 produtos tradicionais e novos, de combate aos pulgões do trigo.

Foram levados em conta critérios de eficiência; aumento de produção e custo do produto. O Dimetoato (Rogor, marca registrada da Montedison) se classificou em 2.º lugar, sendo que ganha longe de todos os outros em termos de segurança, por ter baixo índice de toxicidade.

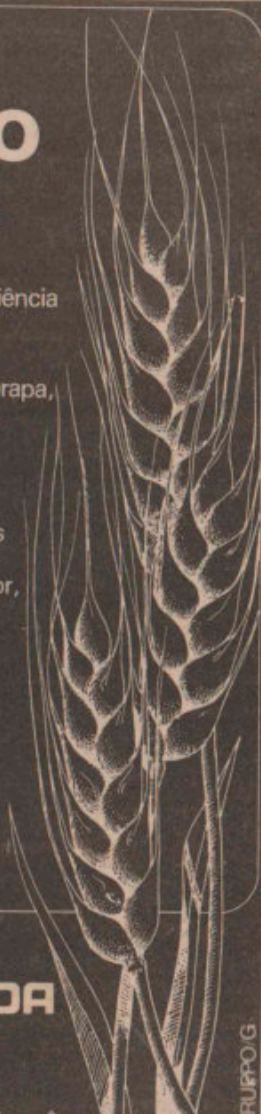
Portanto, Rogor (Dimetoato da Montedison) continua sendo a proteção indicada para o seu trigo. E para sua pele.



MONTEDISON DO BRASIL LTDA

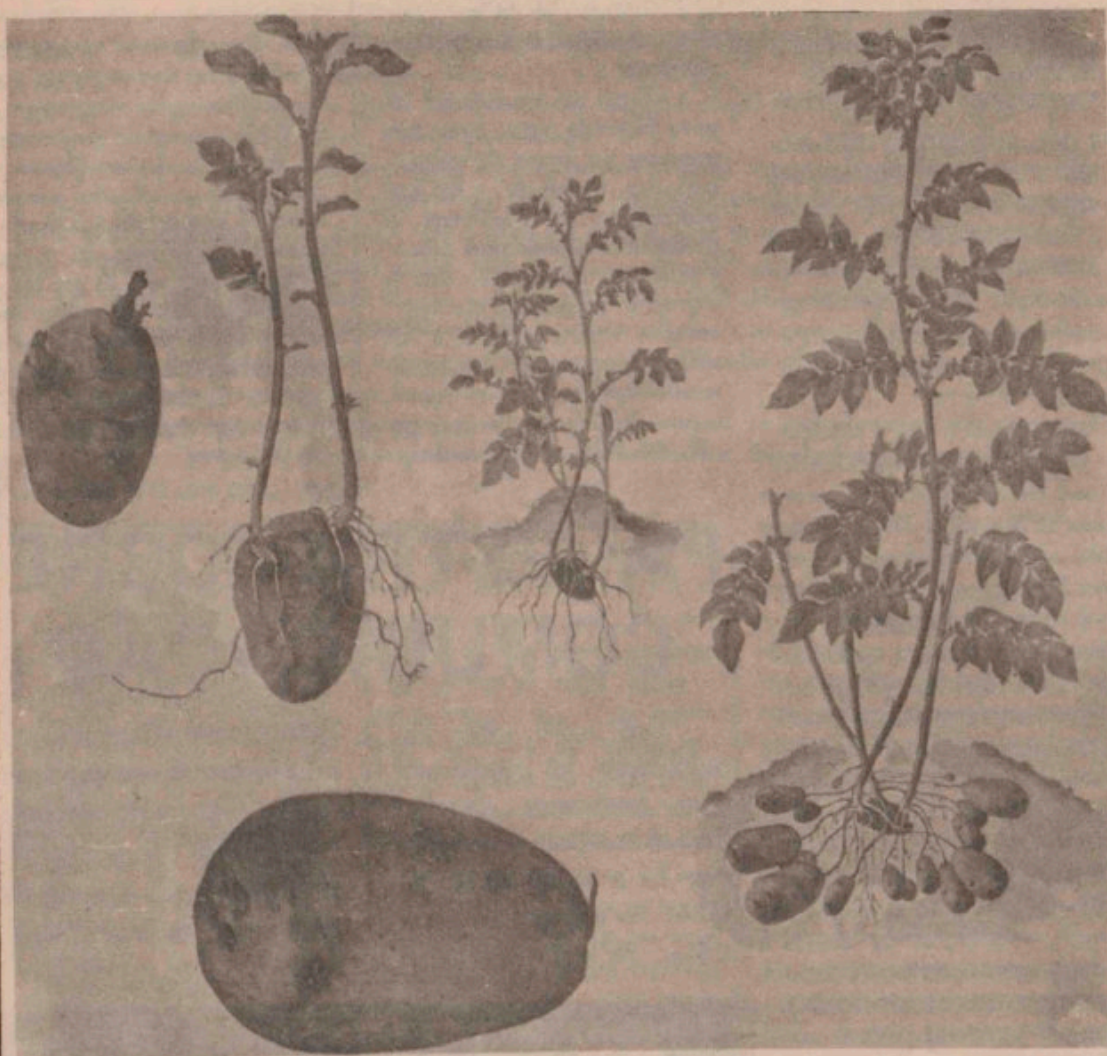
DIVISÃO AGRÍCOLA

Av. República do Líbano, 1921
Tel: 71.0466, 71.8283 e 70.4016
Telex: 1122731 - São Paulo - SP.



A PRODUÇÃO DA BATATINHA

Eng. Agr. Helio Ito POHLMANN



As diversas fases vegetativas da batatinha, observando-se também o seu sistema de produção.

Em continuidade aos aspectos abordados na edição anterior, quando expressamos algumas das condições e perspectivas do cultivo de batatinha na nossa região, comentaremos agora outros elementos também a considerar pelos produtores que se dedicam a este cultivo.

VARIEDADES (cultivares) — A escolha de uma variedade para cultivo deve observar basicamente a preferência do mercado consumidor e o grau de dificuldade de produção da mesma numa determinada região. Este grau de dificuldade de produção representa a sua adaptação às condições de

clima predominantes, resistência a moléstias e perdas na produtividade ocasionadas quando as condições ambientais não forem as melhores ao cultivo de batatinha.

As preferências do mercado consumidor brasileiro são nitidamente regionalizadas, podendo ser caracterizadas do seguinte modo:

São Paulo e Rio de Janeiro: casca e polpa amarela. Rio Grande do Sul: casca Rosada. Outros Estados: alguma preferência pela casca amarela.

Muito embora se saiba que a coloração da casca não tem relação com a qualidade culinária, nota-se uma tendên-

cia no consumidor em relacionar tais elementos quando da escolha dos produtos nos mercados. Por outro lado a cor da polpa tem relação com o uso que se pretenda dar à batatinha, pois tem influência no aspecto do produto final obtido, sendo, portanto, importante saber qual o uso preferencial dos consumidores, para então escolher a variedade.

No Rio Grande do Sul são cultivadas principalmente as variedades que tiveram origem no Ex-IPEAS, Pelotas, e que apresentam as seguintes características, conforme a tabela que aparece no quadro abaixo.

COLORAÇÃO

Cultivar	Ciclo	Requeima	Casca	Polpa	Formato	Porte	Flores
Baronesa	médio	suscetível	rosa	creme	achat. compr.	médio	roxa
Canguçu	precoce	suscetível	creme	amarela	achat. redonda	alta	branco
Piratini	Semi-tar	suscetível	rosa	creme	achat. redonda	alto	roxa
Santo Amor	Semi-tar	alg. resist.	creme	amarela	achat. oval	baixo	branco

CONSERVAÇÃO DA BATATINHA — Em nossas condições de clima, a batatinha é um produto bastante perecível, ocorrendo apreciáveis perdas, seja por brotação excessiva, apodrecimentos, ataque de insetos, esverdeamento da película e modificações na qualidade do produto.

Os produtores encontram normalmente baixa cotação de mercado na época da safra, o que age como um fator de não estímulos aos cultivos, tornando-se, portanto, necessária a instalação de armazéns adequados para efetivar o equilíbrio do processo produtivo e de abastecimento.

Alguns cuidados tomados pelo produtor podem colaborar para melhorar a conservação e comercialização de batatinha.

Na lavoura — Colher quando a película estiver completamente madura, evitando que a mesma sofra esfoladuras, que facilitem o surgimento de moléstias; controle das moléstias das folhas; na colheita, separar imediatamente os tubérculos com início de apodrecimento; não usar solos com excesso de umidade; colher em dias ensolarados.

Nos depósitos — Evitar a luz solar direta, lâmpadas fluorescentes ou incandescentes; evitar umidade relativa do ar baixa e excesso ou falta de ventilação; não empilhar de tal maneira que as camadas inferiores sofram danos por compressão. Na prática isto significa que depósitos a granel não devem ul-

trapassar 1,5 metros de tubérculos. Quando empilhados em bolsas, a altura não deve exceder a 6 bolsas. Neste segundo método o armazenamento exige maior espaço, contudo, há melhor separação por lotes e melhor arejamento.

ROTAÇÃO DE CULTURAS — O uso de pesada adubação para o cultivo de batatinha resulta em resíduo bastante grande de nutrientes, o qual pode ser aproveitado por culturas posteriores. Sendo o ciclo de crescimento tipicamente primaveril, é possível cultivar espécies que se desenvolvam no período de verão, recomendando-se o cultivo de milho, soja ou feijão, aproveitando assim mais intensamente o solo com melhores resultados para o produtor.

AQUISIÇÃO DE SEMENTES — No momento não há disponibilidade de batatasemente de alta qualidade, sendo frequente a compra de tubérculos chamados de sementes, mas que não passam de batatas cujo tamanho pequeno as tornou de pouco valor comercial, sendo então usadas para semente. A lavoura proveniente desta condição certamente será contaminada por viroses e bacterioses, resultando em produção de baixa qualidade e de difícil conservação quando do armazenamento.

Para melhorar esta situação, a COTRIJUI está implantando um programa de produção de batata-semente, com controle rigoroso das lavouras.

O dinheiro não está fácil para ser jogado no mato.

Na hora de comprar herbicida, é melhor perder um pouco de tempo comparando um a um, do que perder muitos cruzeiros depois. Milhares de agricultores já fizeram isso. E acabaram preferindo Treflan, o mata-mato.

Vale a pena conhecer suas razões:

- Treflan é mais do que um herbicida, é um Sistema, o Sistema Treflan.
- Treflan nunca falhou.
- Treflan tem assistência técnica que não falha.
- Treflan tem a garantia do Controle de Qualidade Elanco.
- Treflan ou Treflan Combinado controla os matos de folhas estreitas e largas.
- Treflan é feito pela Elanco, com matéria-prima brasileira.
- Treflan tem experiência, faz o que diz há 13 anos.
- Treflan já está provado e comprovado.
- Treflan dá tranquilidade.
- Treflan e Elanco, produto e companhia que os Engenheiros Agrônomos podem recomendar.

Estas são as vantagens que você tem quando usa Treflan. E isso é uma coisa que nenhum outro herbicida pode oferecer.

Como você pode ver, esta simples comparação não é só uma questão de ganhar dinheiro. É uma questão de ganhar tranquilidade.

Fale com o Engenheiro Agrônomo de sua cooperativa.

ELANCO

Treflan

Fabricante de Treflan, Coban, Hygromix, Perflan, Tylan e Trifluralina.

PACOTE TECNOLÓGICO DA SOJA PARA NOVAS REGIÕES

Técnicos da pesquisa, assistência técnica e agricultores, reuniram-se em Santa Maria com a finalidade de elaborar o Pacote Tecnológico da cultura da Soja para as regiões: Depressão Central, Encosta Superior do Nordeste, Encosta Inferior do Nordeste e o Município de São Gabriel.

A Reunião, que foi coordenada pelo difusor de tecnologia do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, da EMBRAPA e reuniu pesquisadores da Secretaria da Agricultura, FECOTRIGO, UFRGS, UEPAE-Pelotas e Centro Nacional de Pesquisa de Soja, em Londrina. Além destes fizeram-se também presentes técnico da

Assistência Técnica da ASCAR, FECOTRIGO, Cooperativas, Secretaria da Agricultura, SAMRIG, INSTISOJA e outras empresas. Ainda fizeram parte do encontro agricultores representativos das diversas regiões, divididos em três níveis. Estes agricultores foram diferenciados em função do tamanho da área, topografia, mecanização e potencial tecnológico.

O pacote tecnológico consiste em um documento, no qual a pesquisa e assistência técnica com a colaboração de agricultores apresentam tecnologia adequada para solucionar os problemas das lavouras da região de acordo com o potencial do agricultor. Em consequên-

cia a assistência técnica adquire condições de levar ao agricultor a melhor tecnologia adaptada a sua lavoura e economicamente viável.

Decorrente do desenvolvimento da cultura da soja nestas regiões, que na safra de 1976/77 representaram 10,85 por cento da produção do Estado, se fez necessário elaborar pacote tecnológico que atendesse aos anseios da Assistência Técnica e definisse a tecnologia mínima a ser recomendada aos diversos níveis de produtores visando com isto aumentar a produtividade da lavoura e ampliar a área de cultivo em bases seguras.

PESQUISA ALERTA PARA A APLICAÇÃO DE FUNGICIDA

As freqüentes chuvas, a alta umidade relativa do ar, as altas temperaturas e a baixa insolação que vem ocorrendo nesta safra disseminam condições ambientais altamente favoráveis ao desenvolvimento de muitas doenças fúngicas do trigo. Doenças que comumente ocorriam em estágios mais avançados da cultura estão surgindo precocemente neste ano, especialmente a "ferrugem da folha".

O clima ocorrente agora, facilita a dissemina-

ção dos esporos dos fungos, o que provavelmente se manifestará em epidemias sobre variedades suscetíveis nos próximos dias. Um grande número de lavouras já manifestam a ocorrência generalizada de "oídio" e estas servirão de fonte de inóculo para novas áreas.

A pesquisa alerta aos técnicos de extensão e aos triticultores, que caso a intensidade de ataque atinja os níveis estabelecidos, ou seja, 20 por cento, da área coberta com os sinais

de fungo, para procederem a aplicação imediata de fungicidas do Grupo I para reduzir a multiplicação e disseminação deste patógeno.

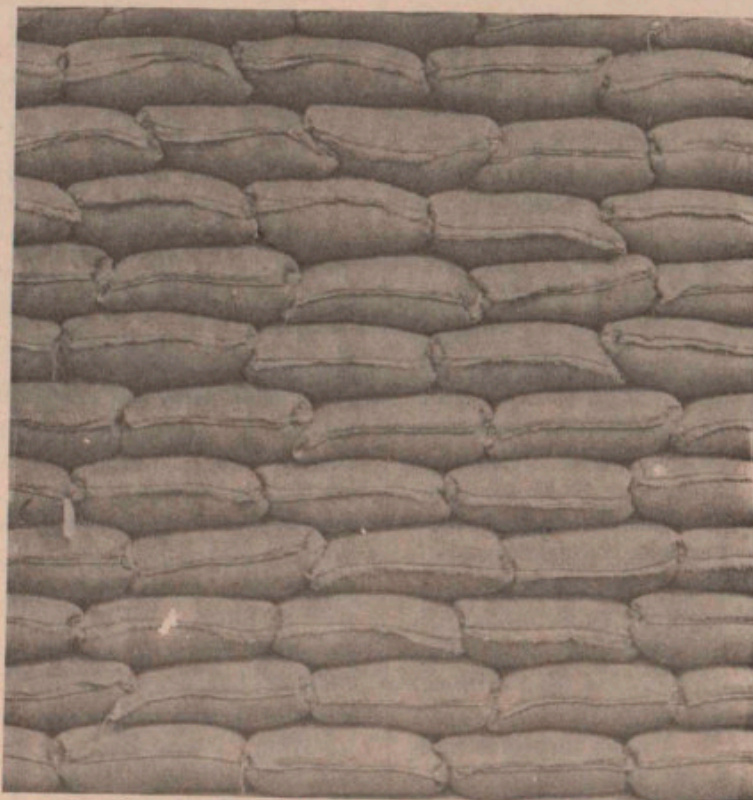
Embora as condições climáticas não tenham, em alguns casos, permitido a execução da 1a. aplicação de fungicidas na ocasião oportuna, ou mesmo que ela tenha sido feita com algum atraso, o programa de controle deverá continuar. Considera-se que as duas últimas aplicações são as que controlam as doenças que provocam maiores danos.

Em casos excepcionais, quando observar-se em algumas lavouras, além de "oídio", a ocorrência intensa de "ferrugem da folha" e considerando-se que a maioria dos fungicidas recomendados no Grupo I, são específicos, isto é, controlam principalmente o "oídio", recomenda-se a escolha de Triadimefom que além de "oídio" controlará, também, a "ferrugem da folha".

Em outra página desta edição estamos publicando tabela onde constam os fungicidas recomendados pela tecnologia.

OS AMERICANOS E SUA TECNOLOGIA

Os americanos criaram máquina que cava sulcos geométricos em terras semi-áridas, possibilitando ao solo captar e reter maior quantidade da precipitação pluviométrica. Este novo implemento agrícola está sendo submetido a testes pelo Departamento de Agricultura dos EUA, no Estado do Arizona. Seu custo inicial é elevado se comparado a outros instrumentos para a lavoura, de menor porte, porém reduz consideravelmente os custos de operação e manutenção, além de oferecer maior versatilidade no uso. A superfície arada pela nova máquina, que pode ser montada na parte posterior de um trator comum, proporciona maior infiltração da água, reduzindo sua evaporação, o que permite uma irrigação mais eficiente de plantas e raízes. A profundidade dos sulcos é determinada pelo lastro de água transportado no cilindro que rola sobre a terra.



Soja e adubo Ipiranga: a dobradinha do sucesso.

Nas suas lavouras de soja, utilize o adubo certo: Ipiranga. A melhor garantia de uma safra farta de bons lucros.

Em fertilizantes, o nome diz tudo
ADUBOS IPIRANGA
Qualidade Fertiliz!



Lei das Cultivares: UM ASSUNTO EM DEBATE

A Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul estará se reunindo por estes dias para estudar, em seus detalhes, o projeto redigido pela ABRASEM (Associação Brasileira dos Produtores de Sementes), a Lei de proteção aos cultivares. Em São Paulo, a Organização das Cooperativas daquele Estado (OCESP) enviou memorial ao ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli, manifestando sua opinião contrária ao projeto, nos termos em que foi elaborado.

Constitui objetivo desse projeto — diz o documento — sob a forma velada de proteção ao processo tecnológico, a instituição de um monopólio altamente danoso para os produtores, que ficarão submetidos a grandes empresas que passarão a manipular preços e condições para o fornecimento de sementes.

Essa foi a primeira manifestação oficial de entidade de produtores contrária aquele projeto, afirmou a Gazeta Mercantil o diretor executivo da OCESP, Américo Utsumi. Ele acha que ainda é muito cedo para um país como o Brasil, que tem cerca de 30% da sua população no campo, instituir um esquema de proteção aos cultivares nos moldes sugeridos pela ABRASEM (Associação Brasileira dos Produtos de Sementes).

Utsumi lembrou que os Estados Unidos e outros

países que instituíram o pagamento de direitos aos melhoristas de sementes só o fizeram quando sua agricultura já se encontrava num estágio bastante avançado. O que não é ainda o caso do Brasil, disse ele.

DEPENDÊNCIA

Mencionando a dependência tecnológica que caracteriza os países do Terceiro Mundo, e sua influência na situação de atraso desses países, o documento da OCESP cita o testemunho do professor Hans W. Singger, da Universidade de Sussex, Inglaterra, que em recente conferência aqui pronunciada, "citou o Brasil como exemplo de país que apresentou, nos últimos anos, taxas consideráveis de crescimento mas que não foram acompanhadas de maiores benefícios sociais para o conjunto da população".

"Acréscase a estas manifestações de preocupação — diz o memorial —, receios já levantados em outras oportunidades: a estreita vinculação das maiores empresas produtoras de sementes a grupos multinacionais poderosos, o que poderá levar a criação de um oligopólio dessas empresas no campo da produção de sementes, pela total inexpressão da empresa privada brasileira voltada à geração de nova tecnologia no setor de sementes, além do risco de um envolvimento mais profundo do produtor

e de uma dependência fatal, quando da aquisição dos fatores de produção, ou da venda de suas produções".

DEFESA DO AGRICULTOR

"Levantaríamos aqui — afirma o documento —, em defesa do agricultor, a necessidade de um crescente esforço do governo e da iniciativa privada nacional no desenvolvimento de uma tecnologia autônoma e menos dependente de grupos transnacionais. Entendemos que ao governo não deve interessar a cobrança de "royalties" sobre os cultivares que venha lançar ao mercado".

O memorial da OCESP afirma que "às empresas e órgãos cooperativistas, atuantes no setor de geração de novas tecnologias, também não interessa gravar ainda mais o agricultor com o ônus de um maior custo quando de seu acesso a novos produtos. Nestas, é o próprio agricultor que financia sua pesquisa e coloca seus resultados à disposição de toda comunidade, a exemplo do que faz o poder público".

Ao manifestar o temor dos produtores com os possíveis desdobramentos de uma lei de proteção aos cultivares nos moldes sugeridos pela ABRASEM, ressalta a OCESP: "Basta olhar-se para as espécies eleitas pelos defensores da lei — trigo e soja — para ver-se nítido interesse mercantilista em sua imediata implantação".

FETAG E SARGS COM NOVAS DIRETORIAS

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG) elegeu no último dia 23 de agosto os seus novos dirigentes para o próximo período eletivo. A diretoria eleita, que formava a chapa 1, está assim formada: Gelindo Zulmiro Ferri (Barão de Cotegipe), Orgênio Rott (Ijuí), Canisio Felício Weschenfelder (Humaitá), Valmir Antonio Susin (Caxias do Sul), Luiz Martins da Rosa (Taquara) e Noreno Pellin (Vacaria). Os suplentes da direção são: Jatir Mezacasa (Nova Bréscia), Arator da Rosa Cândido (Candelária), Luiz Tentin (Palmeira das Missões), Jacob Cladino Rech (Cazinho), Adelio Bergamo (Gramado) e Heitor Fontes Pinheiro (São José do Norte).

A nova diretoria eleita, no seu plano de atividades, especifica três objetivos maiores que pretende alcançar: zelar para que o movimento sindical de trabalhadores rurais no Estado permaneça fiel aos princípios da doutrina social cristã e aos ensinamentos democráticos; manter vigilância constan-

te no sentido de que o movimento sindical da classe, em cumprindo de suas verdadeiras finalidades, busque sempre a promoção integral do homem do campo; e preocupar-se constantemente com a unidade e a autenticidade de representação do movimento.

Agrônomos

Também a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul elegeu no último dia 13 de agosto a sua nova diretoria que ficou assim formada: presidente: Lino Ivânio Hamann; vice presidente de política profissional: Raul Flávio Merch. O conselho deliberativo ficou composto por: Ruben Ilgenfritz da Silva, Aino Victor Jacques, Antonio Carlos Jacques Laranja, Cláudio Vicente Kroth, Enio Luiz Kersting, Fernando Nunes Soares, Flávio Pedro Gassol, Guido Kaster, Hugo de Almeida Gomes, Ilo Dias de Castro Ramos, João Giugliani Filho, João Alberto Silva da Silva, Moisés de Souza Soares, Mário Mexias, Ronaldo Breno Petzhold, Ney Cardoso de Azevedo e Ottoni de Souza Rosa.

TRABALHADORES RURAIS ESCRAVOS EM IJUI?

Em recente pronunciamento feito na Câmara Municipal de Ijuí, o vereador Heitor Fernandes, da bancada da ARENA, denunciou a existência de trabalhadores sob regime de semi-escravidão, no município. Em face da denúncia feita ser de ordem genérica, sem citação de nomes, acrescida do fato de haver sido mencionado o nome do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, seu presidente, sr. Carlos Karlinski endereçou a seguinte correspondência ao presidente do Legislativo Municipal:

"O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí tomou conhecimento, através da imprensa, de denúncia feita pelo Sr. Vereador Heitor Fernandes, da bancada da

ARENA na Câmara Municipal do município, que trabalhadores rurais estão trabalhando em regime de escravidão. Ressaltou o referido vereador que este sindicato estaria omissa.

Cumpre-nos esclarecer, a bem da verdade, que problemas dessa ordem existem em todo o País, principalmente nas áreas rurais onde como é sabido, grassa a regime de sub-emprego, conforme atestam relatórios de órgãos insuspeitos como: INGRA, COTAG, ABRA (Associação Brasileira de Reforma Agrária), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e FETAG.

Quanto ao item em que o vereador reclama assistência do INPS (Instituto Nacional de Previdência

Social) aos trabalhadores rurais esclarecemos que os mesmos são beneficiados do FUNRURAL.

Este Sindicato, em todas as inúmeras reuniões que mantém com associados em sua área de ação, tem orientado seus associados para que conheçam seus direitos e deveres como empregados e trabalhadores rurais, bem como encaminha reivindicações dos mesmos. No caso específico, embora não tenha sido declarado nomes dos trabalhadores, nos empenharemos em buscar maiores informações para apontar os responsáveis, assunto que será encaminhado, a quem direito, pela Assessoria Jurídica deste Sindicato. Carlos Karlinski — Presidente.

CURSOS PARA AUMENTAR CONHECIMENTOS E PARTICIPAÇÃO DOS ASSOCIADOS



O setor de comunicação e educação da CO-TRIUI, tendo a frente o professor Rui Polidoro Pinto, esquematizou e vem realizando uma série de cursos, sempre com a duração de um dia, nas localidades interioranas. Os referidos cursos, que pela variação dos temas abordados se convencionou chamar de cursos de extensão, abrangem desde a conservação do solo até as modernas técnicas de comercialização de produtos. Para tanto, participam diretores da cooperativa, agrônomos, a equipe de comunicação e educação, além das representações dos sindicatos de trabalhadores rurais dos municípios onde estão sendo realizados os cursos. Co-

mo parte complementar do extenso diálogo que os produtores e suas respectivas famílias estão tendo oportunidade de ter com os diversos setores da CO-TRIUI, ainda se incluiu uma visita às instalações da sede, quando são percorridos o pavilhão central que abriga a administração e escritórios, o complexo supermercado-lojas, os armazéns e fábrica de óleo e rações. Na foto, o grupo do núcleo de Ponte do Ijuizinho, interior de Augusto Pestana, quando em companhia do sr. Ivo Basílio e professora Noemi Huth, visitavam instalações da cooperativa, em Ijuí, podendo ver-se ao fundo uma unidade de armazem.



SUPLEMENTO INFANTIL
SETEMBRO
ELABORAÇÃO: MARITA KELM-ISELDA SAUSEN

ESCOLA
Francisco
De
Assis
1977

De Criança Para Criança!
Deixem-me crescer como sou!
Tentem compreender porque desejo
Crescer como eu sou;
Não como minha mãe quer que eu seja
Nem como meu pai espera que serei
Ou meu professor pensa que eu deveria ser
Por favor, tente compreender-me
e ajude-me a crescer;
Assim mesmo como eu sou!

(Carta de Direitos)

Agradecemos a colaboração dos seguintes leitores do COTRISOL, que decifraram a poesia: "Venha comigo até a mata: Sandra Stralio, Darci Andreatta, Maria Eli Siqueira, Rosa, Elenize Maria Menegazzi, de São Pedro do Pontão - Tupanciretã. Leida Taiza Wagner, de Barro Preto - Ajuricaba. Elton Egidio Figur, Vila Florida - Ajuricaba. José Bonini, Rincão dos Pinheiros - Vila Salto. Luiz Antonio Rasia, Eva Natalia de Lima, Maria Bernadete Correa da Silva, Clarice Alovizi, Luiz Flávio, Geovane Moura, Julieta Cargnelutti, todos de Coronel Bicaco.



Virginia
Gonos



"Para um quapo
outro quapo"
"Quem está montado na
razão não carece de
espora."
TOURO FORA DE RODEIO É VACA"

"Churrasco no espeto, amigos em volta."
"Mulher, cachaca e bolacha,
em qualquer canto se acha!"
"O sol é
pancho do
pobre"

"PELO ANDAR DO BOI, SE
CONHECE O PESO DA CAR-
RETA"
"NÃO É MORTO
QUEM PELEIA"
"Carrapato não dá
em palanque"

"Amigo que não serve, faca que
não corta, que se percam pouco
importa."
"INDIO, TOURO E GUAMPA
TORTA, ENTRA E SAI EM QUAL-
QUER PORTA."

"Mulher e cachorro de caça,
escolha pela raça."
"AMOR É
UM VENTO,
vem um vento,
vem um vento."
"MELHOR ANDAR A PÉ
DO QUE MONTADO EM BURRO
MAGRO."

"Cavalo maneado tam-
bém pasta."
"Sinal de
relho o tem-
po apaga."
"O CAVALO DADO NÃO SE OLHA
O PELO"

"Quem não aguenta trote, não
monta em redomão."
"Em liga de
cachorro, quaipeca
não se mete."

"Mil vezes solito do que
entropilhado."
"VACA DE RODEIO NÃO
TEM TOURO CERTO."

O MATE DO JOÃO CARDOSO

J. Simões Lopes Neto

— A LA FRESCA! . . . que demorou a tal fritada! Vancê reparou?

Quando nos apeamos era a pino do meio-dia . . . e são três horas, largas. Cá pra mim esta gente esperou que as franguinhas se pusessem galinhas e depois botassem, para depois apanharem os ovos e só então bater esta fritada encantada, que vai nos atrasar a troteada, obra de duas léguas . . . de beíço! . . .

Isto até faz-me lembrar um caso . . . Vancê nunca ouviu falar do João Cardoso? . . . Não? . . . É pena.

O João Cardoso era um sujeito que vivia por aqueles meios do Passo da Maria Gomes; bom velho, muito estimado, mas chalrador como trinta e que dava um dente por dois dedos de prosa, e mui amigo de novidades. Também . . . naquele tempo não havia jornais, e

o que se ouviu e se contava ia de boca em boca, de ouvido para ouvido. Eu o primeiro jornal que vi na minha vida foi em Pelotas mesmo, aí por 1851.

Pois, como dizia: não passava andante pela porta ou mais longe ou mais distante, que o velho João Cardoso não chamasse, risonho, e renitente como mosca de ramada; e aí no mais já enxotava a cachorrada, e puxando o pito de detrás da orelha, pigarreava e dizia:

— Olá! amigo! apeie-se; descanse um pouco! Venha tomar um amargo! É um instantinho . . . crioulo?! . . .

O andante, agradecido à sorte, aceitava . . . menos algum ressabiado, já se vê.

— Então que há de novo? (E para dentro de casa, com uma voz de trovão, ordenava:) Oh! crioulo! Traz mate!

E já se botava na conversa, falava, indagava, pedia as novas, dava as que sabia; ria-se, metia opiniões, aprovava umas cousas, ficava buzina com outras . . .

E o tempo ia passando. O andante olhava para o cavalo, que já tinha refrescado; olhava para o sol que subia ou descambava . . . e mexia o corpo para levantar-se.

— Bueno! são horas, seu João Cardoso; vou marchando! . . .

— Espere, homem! É um instantinho! Oh! crioulo, olha esse mate!

E retomava a charla. Nisto o crioulo já calejado e sabido, chegava-se-lhe manhoso e cochichava no ouvido.:

— Senhor, não tem mais erva! . . .

— Traz dessa mesma! Não demores crioulo! . . .

E o tempo ia correndo, como água de sanga cheia. Outra vez o andante se aprumava:

— Seu João Cardoso, vou-me tocando . . . Passe bem!

— Espera, homem de Deus! É enquanto a galinha lambe a orelha! . . . Oh! crioulo! . . . olha esse mate, diabo!

E outra vez o negro, no ouvido dele:

— Mas, senhor! . . . não tem mais erva!

— Traz dessa mesma, bandalho!

E o carvão sumia-se largando sobre o paisano uma riscada de branco dos olhos, como escarnecendo . . .

Por fim o andante não agüentava mais e parava patrulha:

— Passe bem, seu João Cardoso! Agora vou mesmo. Até a vista!

— Ora patrício, espere! Oh crioulo, olha o mate!

— Não! não mande vir, obrigado! Pra volta!

— Pois sim . . . porém dói-me que você se vá sem querer tomar um amargo neste rancho. É um instantinho . . . oh! crioulo!

Porém o outro já dava de rédea, resolvido à retirada.

E o velho João Cardoso acompanhava-o até a beira da estrada e ainda teimava:

— Quando passar, apeie-se! O chimarrão, aqui, nunca se corta, está sempre pronto! Boa viagem! Se quer esperar . . . olhe que é um instantinho. . . Oh! crioulo! . . .

Mas o embuçalado já tocava a trote largo.

Os mates do João Cardoso criaram fama . . . A gente daquele tempo, até, quando queria dizer uma cousa era tardia, demorada, maçante, embulhona, dizia — está como o mate do João Cardoso!

A verdade é que em muita casa e por muitos motivos, ainda às vezes parece-me escutar o João Cardoso, velho de guerra, repetir ao seu crioulo:

— Traz dessa mesma, diabo, que aqui o sr. tem pressa! . . .

— Vancê já não tem topado disso? . . .



João Simões Lopes Neto, o João do Sul, num bico de pena conforme aparece na capa do livro "Simões Lopes Neto na Intimidade", edição BELS-IEL, de autoria de Ivete Massot.

PEDRO NINGUÉM

Luis Menezes

Veio a cantiga da noite
na garupa do aguaceiro
cabrestado pelo vento
até um relâmpago alçado
andou pateando o espaço
preludiando temporal.
"Mas oiga-te como é bravo
este tal de mês de agosto!"
A voz do preto Clarindo
veio do fundo do rancho
em que se velava o finado:
— "O Juca vai lá na venda
compra dois real de gajeta
e um naco de fumo grande
que a noite vai ser comprida".
Lá fora o céu era negro
assim como um campo grande
que fora queimado há pouco.
O Juca pediu a bênção
pro seu padrinho Clarindo
e se enfunou noite a dentro
na direção do bolicho.
Agora só a luz das velas
clareava os rostos sombrios

da peonada no velório
onde o respeito era pouco.
Pois entre risos e ditos
iam se contando causos
de peleias, de carreiras
e de chinas mal domadas,
esquecidos do finado.
Foi quando o preto Clarindo
compreendendo o desrespeito
pelo coitado do morto
tirou uma longa tragada
pigarreou como pensando
para afinal sentenciar:
— "O homem que nasce pobre
é como cavalo xucro:
é pealado pela vida
sofre a doma das tristezas
até que um dia se amansa
perde a vontade e a fé.
Depois, já sem serventia
morre à beira do alambrado,
esquecido, sem ninguém.
Vejam vocês, esta noite
o Pedro já não existe.

Amanhã se vai o corpo
pois a alma do coitado
de há muito já estava morta.
Andava assim como andam
miles de guascas sem rumo
fugindo pelos atalhos
do povoado, das tabernas.
Bueno, total, é a vida!
Amanhã será um de nós.
Até a viúva quando saiba
que o pobre Pedro morreu
decerto vai chorar um pouco.
Chorar é pra quem tem tempo
e o tempo pra o pobre é escasso
pra se lastimar à toa
quando já não tem remédio,
nem esperança não corre.
Levino, me passa a cana
que é pra esquentar o pensamento.
Caramba, como faz frio
nesse tal de mês de agosto!"
Um trovão seguiu cantando
no funeral da saudade.
Saudade? ah, ah, ah,
Ora, saudade.
A saudade não tem tempo
de chorar, Pedro Ninguém.





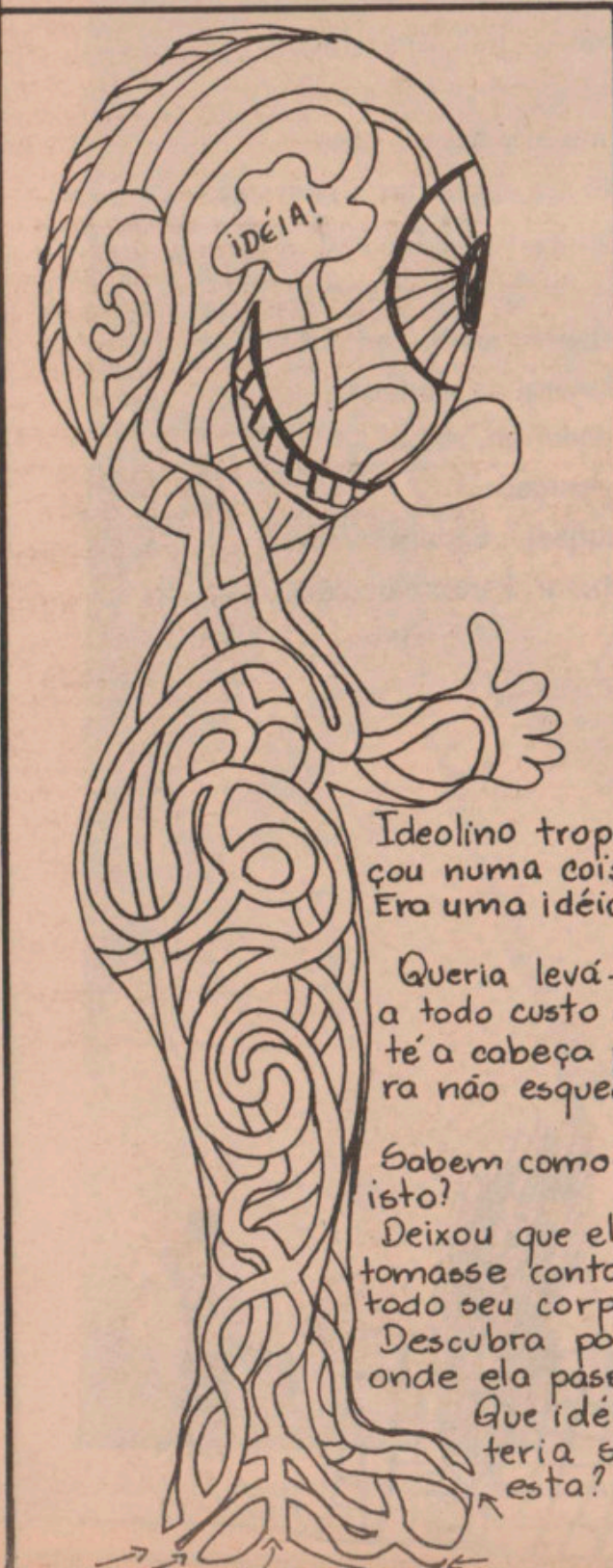
Está ocorrendo um fenômeno que preocupa o povo deste país:

A eliminação do oxigênio, extermínio de espécies de animais, desmatamento das nossas florestas, envenenamento dos rios etc.

Seguindo as instruções abaixo, você descobrirá do que se trata.

Forme a palavra usando as indicações:

1. Primeira letra da palavra PÁTRIA.
2. A vogal da palavra POVO.
3. Primeira consoante de LIBERDADE.
4. Primeira letra de um sinônimo da palavra LIGADÔS.
5. A primeira e última letra da cidade em que se localiza a sede da COTRIJUI.
6. A terceira letra da palavra ROÇA
- 7 - 8. COTRIJUI, A FORÇA DA UNI



Ideolino tropeçou numa coisa. Era uma idéia!

Queria levá-la a todo custo até a cabeça para não esquece-la.

Sabem como fez isto?

Deixou que ela tomasse conta de todo seu corpo. Descubra por onde ela passou! Que idéia teria sido esta?

LEILÃO DE JARDIM

Quem me compra um jardim com
borboletas de muitas cores,
lavadeiras e
ovos verdes e azuis nos ninhos?
Quem me compra este caracol?
Quem me compra um raio de
Um lagarto entre o muro e a hera,
Uma estátua da
Quem me compra este formigueiro?
E este sapo que é
E a cigarra e a sua canção
E o grilinho dentro do
(Este é o meu leilão!)

Cecília Meireles

Substitua os espaços pontilhados, pelas palavras ou desenhos ao lado, para completar a poesia.

primavera
chão
jardineiro

F	O	L	H	A	T	T	T
E	L	E	C	I	H	R	A
A	O	T	E	N	C	I	H
F	R	U	T	O	N	A	C
I	S	C	O	V	I	T	A
R	A	I	Z	I	L	O	U
G	A	L	H	O	E	I	L
I	T	H	G	V	I	L	E
O	B	I	A	N	J	U	N
N	A	T	S	I	A	V	I
S							S

A árvore tem:
CAULE - FLOR
FOLHA - FRUTO
GALHO - RAIZ
TRONCO